

ANO III N. 14
27
DE JANEIRO
1944
PREÇO AVULSO
E S C. 1 \$ 5 0

overla
-0. NOV. 1993

Tôda a gente canta o «Sebastião»... ...até a Laura Alves!

Leia nas páginas 12 e 13 a história deste «réfrain» popular



(Foto da graciosa artista do nosso teatro ligeiro feita especialmente para a «Vida Mundial Ilustrada»)

**VIDA
MUNDIAL**

ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

Adeus a Portugal

NA vida de cada um de nós houve sempre momentos para a definição dos quais as palavras não chegam a ter expressão. Emoções e sentimentos como que atingem um grau superior e inenarrável. É assim a despedida dum ambiente acostumado à nossa presença. O adeus torna-se tanta mais penoso quanto mais nos tornamos familiares com os homens e as coisas que o constituem e que lhe dão vida e movimento. A despedida é sempre um acontecimento que entristece e, mil vezes mais, quando se viveu, durante quasi seis anos, nesta atmosfera de paz e tranqüillidade que tornou Portugal querido a todos quantos tiveram oportunidade de o conhecer.

É um estrangeiro que escreve estas palavras. No decurso destes últimos anos ensandecidos, milhares de outros estrangeiros passaram por aqui. Não sou um daqueles refugiados que vieram a Portugal em busca dum instante de repouso, colhendo umas impressões superficiais do «triângulo turístico» e que, embora possam mostrar-se reconhecidos pela generosa hospitalidade da sua gente, aproveitaram a primeira ocasião para fugir desta Europa sobre a qual o terrível espectro da conflagração continua a projectar as suas sombras sinistras e fantasmagóricas...

Estas linhas representam a singela confissão dum estrangeiro que, se não amasse o seu próprio povo infeliz e a sua pátria acima de tudo, gostava de ter nascido português; um estrangeiro que viveu durante alguns anos entre vós, aprendeu a apreciar o inconfundível sabor desta estremitada terra portuguesa, sentiu sempre as suas alegrias, participou das suas tristezas, acompanhando-as nas horas exaltadas e indolvidáveis dos Centenários, indignando-se das barbaridades cometidas em Timor contra portugueses — compatriotas — e, durante alguns anos, foram, se não pelo sangue, pelo menos em espirito, também os seus.

É um estrangeiro que fala, um estrangeiro cujo coração está cheio de profundo amor por este pequeno canto da Europa, que o destino lhe proporcionou conhecer e admirar. Amo a modesta e trabalhadora gente portuguesa, com as suas qualidades e os seus defeitos, aos quais — por que não dizê-lo? — me habituei e acimatel. Amo as cidades multicolores e movimentadas, as aldeias alvas e fleumáticas, esse Tejo sorridente e majestoso, o brilho deste sol, o cheiro bom da terra, o sorriso gentil das raparigas e, enfim, todos aqueles pequenos nada que perfazem este ambiente tão característico, tão inigualável, tão português...

Na minha mente vão desfilar as memórias e impressões de quasi seis anos, e sinto imensa pena de ser obrigado a interrompê-las, como um filme que se rasga ao meio no episódio mais empolgante...

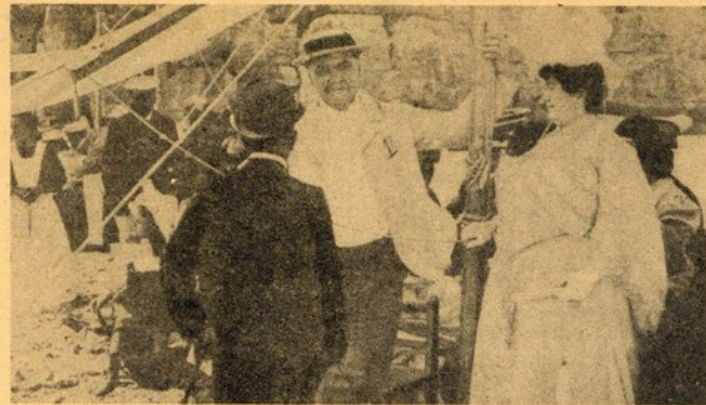
Estudei a epopéia da História portuguesa e o seu passado; privei com os portugueses no presente. Resisti com Viriato aos romanos, conquistei Lisboa aos mouros, ao lado de D. Afonso Henriques; fui companheiro de Nun'Alvares em Aljubarrota, obedeci ao Infante navegador em Sagres, embarquei a bordo das náves de Vasco da Gama para a Índia, abandonei-vos quando a Inquisição vos transformou em fanáticos e intolerantes, mas voltei a estar ao vosso lado no 1.º de Dezembro de 1640. Ajudei a reconstruir Lisboa no tempo de Pombal, expulsei, mais tarde, nas vossas fileiras, os invasores napoleónicos, acompanhei Capelo e Serpa Pinto às selvas do Continente Negro, cantei em coro as canções revolucionárias do 5 de Outubro, fui com Gago Coutinho e Sacadura Cabral ao Brasil, marchei sobre Lisboa com os regimentos de Carmona e Gomes da Costa. E, finalmente, tomei, ao vosso lado, um egaroto na «Brasileira» do Chiado...

Ao recapitular tudo isto, apetece-me estender as mãos a todos os portugueses, abraçar esse pequeno país cuja alma é tão grande, e asfigura-se-me que o título desta crônicainha de despedida não está certo, porque ainda voltaremos, com certeza, a ver-vos. Portanto, até qualquer dia, querido Portugal, até qualquer dia, bons amigos portugueses...

S. SCHMULEVITZ

AS PAZES...

FOTO DE JOÃO MARTINS



QUANDO CASCAIS ERA A PRAIA DA CORTE...

HOJE, que faz tanto frio, apetece relembrar as praias, um sol bonito e um banho tépido, bem acariciador. Mas não as praias que todos nós conhecemos, de Algés e Cascais, nem as da outra banda, com as suas barracas, os seus grupos. O lisboeta de hoje, que tem tantas e tão bonitas praias por onde escolher, já não se lembra, certamente, de como todas elas eram ali há uns quarenta anos passados. Nesse tempo, Cascais, a bela praia de Cascais, era a praia da corte.

A «season» apenas começava após a chegada da rainha, que vinha de Sintra, ou seja em fins de Setembro. Sua Majestade fazia uma vida retirada. Unicamente às terças-feiras recebia um ou outro amigo.

De manhã, saía de carruagem com a sua dama e dava pequena volta pelo Pinhal da Guia, o seu passeio favorito. As vezes, quasi raramente, fazia-se ao mar, no «Maris Stella», o seu iate.

D. Maria Pia costumava sair todas as tardes das Paços do Estoril, para o seu passeio em direcção à Marinha.

Por seu lado, o rei abalava do Paço logo de manhã, e ia para o mar ou entretinha-se em longos passeios a cavalo. Depois do almoço, quando o sol abrazava, costumava descer à parada e jogar algumas partidas de «tennis», o que fazia com singular valor.

As noites, passava-as a família real na cidadela, com excepção de D. Maria Pia que, desde a morte de D. Luis, nunca mais lá entrara.

Era um tanto monótona a vida em Cascais. De manhã a praia, os pequenos toldos apinhados de gente, e um sol muito forte, que escaldava. As pessoas conversavam, tiravam fotografias, e havia até algumas que ousavam tomar banho. O grande divertimento das senhoras consistia num passeio de iate.

Da uma às quatro horas da tarde a praia estava deserta. Os veraneantes que tinham feito aquela longa viagem, ficavam em casa, com medo do sol, a dormir ou a ler.

As quatro horas e alguns minutos começava a povoar-se o jardim do «Sporting» e começava a ouvir-se as bolas baterem nas «raquettes». Depois, ia dar-se o passeio clássico até à Boca do Inferno, olhar o céu, ver as ondas. E ao cair da tarde, era obrigatório dar uma ou outra volta no passeio Maria Pia. Era aí que se faziam os encontros e se marcavam planos para essa noite ou para o dia seguinte. Mas era de noite, sobretudo, que a Parada ganhava maior interesse e esplendor. A Parada era o centro elegante onde se reuniam todas as pessoas de valor. D. Manuel de Menezes remocara-a, dando ali graciosas festas. Para entrar na Parada era preciso

uma «toilette» mais cuidada, quasi de cerimónia. Formavam-se grupos, jogava-se o «bridge», dançava-se, e também se fazia um pouco de má-língua, como não podia deixar de ser.

No Passeio Maria Pia havia o «Peixe-fritos», ou seja o nome porque era conhecida a banda de música que ali tocava. As pessoas sentavam-se em incómodas cadeiras e escutavam, deleitadas, os sons confusos dos instrumentos. E era tudo...

As casas não abundavam e os hotéis eram péssimos. Em contrapartida, as festas da condessa de Almedina ou da condessa de Santos eram luzidias, sumptuosas mesmo. Mas não se pense que o veraneante se entristecia por morar sem comodidades. Pelo contrário. Até achava graça na falta de conforto, nas janelas que não se fechavam, nas portas que batiam. E talvez motivado por esta inhospitalidade é que o veraneante de Cascais passava as manhãs e as tardes na praia, ou na Parada, a ler ou a jogar o «tennis». Mas banho do mar — lá isso é que ele não tomava...

10 MINUTOS DE INQUÉRITO O QUE FAZ QUANDO NÃO TEM NADA QUE FAZER?...

A pergunta fez sorrir os nossos entrevistados. Sim, o que fazemos quando nada temos que fazer?

Parece de fácil resposta a pergunta. Mas... mas quando se quer dar uma resposta — é que são elas.

«O que faço, o que faço?» E os nossos entrevistados ficavam a cismar em busca de uma saída. É que ninguém se lembra do que faz, em que ocupa os seus momentos de descanso.

RAMADA CURTO DORME...

O inquérito começou com Ramada Curto.

— Quem fala?
— A voz do dramaturgo enche o telefone todo. Lá se disse quem falava e o que se queria.

— O que faz quando não tem nada que fazer?

Ramada Curto dá uma das suas gargalhadas:

— Durmo!
«Quando o dono dorme»... A velha sentença faz com que o repórter perguntasse o que havia acerca do plágio do «Tio Rico».

— Nada! Que posso eu fazer? Já me aconteceu o mesmo, na Itália, com o «Caso do dia»...

EUNICE MUÑOZ LE...

O repórter encontrou-a à saída do Tea-

ro Nacional, vinha ela da «matinée» do «João Pateta». Eunice Muñoz, que trazia um sorriso nos lábios, fica subitamente séria ao ouvir a nossa pergunta. Mas o ar sério desaparece depressa. Eunice Muñoz não pode passar sem sorrir.

— Olhe, leio muito, mas muito, muito!
O repórter intervém:

— Isso só lhe fica bem.
Ela abre e fecha os olhos bonitos.

— Não fica muito bem... porque são romances policiais — e mostra-nos o «Crime do Estúdio n.º 7».

Baixa mais a voz, quasi em tom de confidência:

— E todas as semanas devoro o «Mosquito» e o «Papagaio»... Mas não diga lá isto — se não é uma vergonha...

O repórter nada disse. Escreveu apenas...

FRANCIS PENSA...

Francis está ainda a dormir. O telefone toca... O Francis lá aparece. Temos a impressão que se ergueu da cama numa pirueta, um daqueles seus saltos tão elegantes.

— O que faz quando não tem nada que fazer?

— Penso...

— Mas em quê?
— Em tanta coisa ao mesmo tempo; sei lá! Teatro, dança, arte, tudo, enfim, o que me entretém o espirito...

os bilheteiros. Por que não se investiga isto? E, sobretudo, porque não se acaba com isto?

RICARDO PONTES — Rua Poeta Milton, 26, 1.º.

ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

CONTINUAMOS a receber mais cartas aplaudindo o ataque realizado por A. P. contra os contratadores, carta que foi publicada na nossa página de teatro. De um contratador recebemos uma longa resposta, na qual pretendia fazer a sua defesa.

Não a inserimos aqui por ser uma carta grosseira, onde a má-criação anda de braço dado com a ignorância. Se «Um contratador» quere que arquivemos a sua resposta, seja mais moderado nos termos que emprega...

Ainda sobre este assunto, recebemos mais esta queixa:

Associo-me a A. P., que tão desassombadamente soube atacar os contratadores, considerando-os nocivos, parasitários. Aliás não podia ser outra a opinião de todo aquele que frequenta um teatro ou cinema, e é explorado por esses senhores. Mas eu pergunto: a culpa será apenas deles? Ontem quis marcar um bilhete no Tivoli para a estreia a realizar dentro de três dias. Disse-me que só podia marcar no dia seguinte, a partir do meio-dia. Cheguei à bilheteira eram três horas, e sabem qual foi a resposta? Que já não havia bilhetes! Naturalmente, o contratador tinha-os levado todos. A minha impressão é que os contratadores trabalham de cumplicidade com os cinemas ou, pelo menos, com

ANTUNES SERPA

GENTIL MARQUES BRINCA

O Gentil Marques trepava o Chiado, carregado de livros. Atira-se-lhe com a pergunta. Um dos livros cai. Curva-se para o apanhar. Caem os outros livros todos. Junta-se uma porção de gente a ajudá-lo a pôr toda aquela livraria em ordem. Mas mesmo tão atarefado ele responde:

— Olhe, apanho livros...

— E sem ser isso?

— Brinco.

— Como?

— Brinco, pois então. Brinco com a minha filha...

Deixamo-lo entregue à sua faina, e, no largo do Chiado, repetimos a pergunta do nosso inquérito ao vendedor de castanhas assadas que por ali pára.

O VENDEADOR DE CASTANHAS TEM SEMPRE QUE FAZER

Ele ficou muito surpreso, mas lá foi respondendo...

— Saiba o senhor que os homens de trabalho como a gente nunca têm tempo para não fazer nada. E se a gente tem o azar de não ter nada que fazer... faz tijolo, que é como quem diz, está despaçado, tem o cemitério à espera.

E com esta opinião tão trética fecha o nosso inquérito, que não demorou mais de dez minutos.

REPÓRTER UM

OS QUE SÓ FUMAM CHARUTO...



ISTO de fumar cigarro, cigarrilha ou charuto, é um hábito como qualquer outro. Uns fumam charuto — com o mesmo prazer com que outros fumam amáveis «beatas»...

Entre nós — nós, os jornalistas ou não, é claro! — não são muitos os que se matam por amor do charuto. Mas ainda há alguns que, em compensação, dão a vida por ele: ora vejamos Belo Redondo, pendurado no seu compridíssimo charuto; Felix Correia, de ar melancólico, virado para os telhados fronteiros à sala da redacção; Anahory, com um ar vago de diplomata; Costa Pina, orgulhoso do seu charuto — talvez «havanos»; António de Matos, de um convencimento mais ameno — e, finalmente, Cordeiro, o famosíssimo Cordeiro que tem lugar assente no Torel — como repórter, já se vê...

Não têm todos o ar de pessoas felizes?

FOTOS SERODIO

AS FRONTEIRAS DA POLÓNIA

NUM dos discursos que pronunciou após ter dado às suas tropas o sinal de invasão, depois de Dantzig, o chanceler do Reich disse, mais palavra menos palavra, recordando a atribulada história da Polónia, que um país que tantas vezes perdeu a independência é porque não tem razão de ser independente. Pelo mesma razão, com o mesmo fundamento, qualquer polaco poderia responder que um país que tantas vezes ganha forças para recuperar a sua independência é porque, realmente, tem direito a ela...

Neste breve raciocínio — antes: nestes dois breves raciocínios paralelos e paradoxalmente antagónicos, fica traçado o quadro histórico do drama polaco. E de novo se apresenta o problema das suas fronteiras, na alternativa de sempre: ora exigências dos alemães, ora exigências dos russos, excluída de tendências expansionistas a Suécia dos nossos tempos, pela sua orgânica política e pela mentalidade que se criou. Agora, ocupado ainda quasi todo o seu território pelos alemães, surge desde já, no plano das combinações entre as Nações Unidas e o aliado russo, não a dificuldade do traçado a ocidente — quem perde paga — mas a dificuldade do traçado a leste.

O debate russo-polaco chegou a ponto pouco tranquilizador, revelado pelos termos das notas trocadas entre o governo de Moscovo e o governo da Polónia exilado em Londres — e não se deve perder de vista que os dois governos, aliados no objectivo de combater o inimigo comum, tinham interrompido relações desde a incidente da floresta de Katyn. A «malaise» subsistia e só não se agravou exteriormente devido ao travão anglo-americano. No entanto, eram os ressentimentos históricos que continuavam a falar. Precisamente, o estranho não terá sido visto em Moscovo com simpatia por ai além, o que deve ter dado origem ao boato registado no «Pravda» acerca de um contacto entre Ribbentrop e duas altas personalidades britânicas, boato, aliás, que tanto o «Foreign Office» como a Wilhelmstrasse se apressaram a desmentir e a que a imprensa anglo-americana ripostou com certa veemência e que nem faltou um certo azedume.

Isto põe, de novo, o problema da viabilidade e da competência dos governos exilados. O governo polaco de 1939 — com a sua expressão quanto à política externa na figura do coronel Beck — desfez-se ao sópão da derrota. O regime de que Beck se fizera a expressão internacional aceitara a guerra com o Reich por uma necessidade imperiosa de defesa nacional, porque não há regime que não faça frente ao invasor estrangeiro. Mas Beck fora, antes disso, apontado como caçoteiro viajante da política do Eixo — e não estão ainda hoje esquecidas as suas repetidas caçadas com o marechal Goering. O general Sikorski — que era um emigrado político, fugido às perseguições do governo do seu país — pensou que podia chamar para si nesta guerra o papel que na outra foi desempenhado por Pilsudski. A posição política de Sikorski era a de um democrata liberal. Nada queria com o governo do seu país, que considerava pró-nazi e pró-fascista; nada queria com a Alemanha nazi; mas estava muito longe de ser um russofólio — nem pela Rússia em si, menos ainda pelo seu regime presente. E foi ele que tomou a iniciativa do corte de relações com Moscovo — um corte de relações, em plena guerra, entre dois países empenhados numa guerra em comum. A morte de Sikorski, no acidente de Gibraltar, operou ligeira modificação no quadro das pessoas mas nada significou quanto às posições estabelecidas. A desconfiança russo-polaca manteve-se.

Por outro lado, a organização de divisões militares polacas na Rússia, a sua intervenção nos combates em curso e a circunstância de já estar liberta de alemães uma parcela de território que, anteriormente a 1939, estava incluído nas fronteiras da Polónia — podem fazer surgir, de um momento para outro, um novo Governo constituído por polacos que se declare em oposição ao que está estabelecido em Londres. O problema, já hoje posto em relação aos gregos e aos jugoslavos — sem esquecer os desentendimentos, citados em Argel, entre a Comissão Nacional Francesa e as comissões de resistência na França ocupada — ilustrar-se-á por um novo exemplo. E, então, uma vez mais, se proporrá a interrogação: quem tem direito a fazer-se ouvir: os que deram continuidade jurídica ao simbolismo da resistência? Ou os que fomentaram e sofreram a própria resistência, incorrendo a todo o instante no risco de cair sob as balas do invasor?

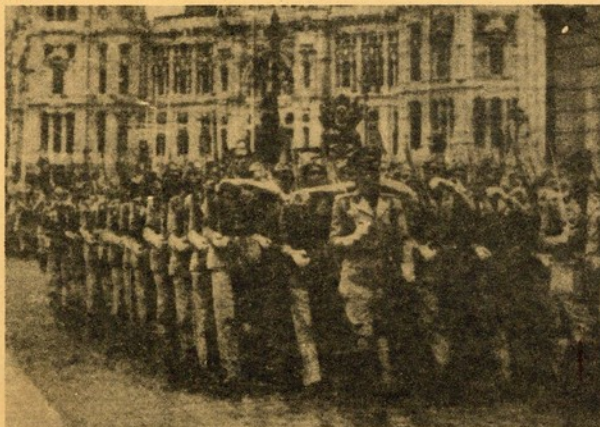
J. R. S.

ESPAÑHA

CONTRA O COMUNISMO

AINDA há pouco, Eden, falando nos Comuns, referiu-se ao tom das negociações anglo-espanholas. Não se pode dizer que não haja os seus atritos — mas um espírito de boa vontade, todavia, prepara, de parte a parte, o caminho dos entendimentos. Depois do agravo aos funcionários consulares britânicos em Espanha, e do caso das bombas, incluídas nas remessas de lanças, parece que a permanência da voluntários espanhóis na frente leste se aproxima do fim. A Divisão Azul está a regressar a Espanha, não obstante manterem-se englobados no exército alemão alguns espanhóis que não quiseram abandonar a sua causa.

A foto dá-nos um desfile da garbosa milícia espanhola numa rua de Madrid, e que constitue o tropço de tropas oficialmente tido como o último na frente leste.



INGLATERRA

A SR.ª CHURCHILL

AGORA que Churchill, ainda convalescente, regressou a Inglaterra, ao convívio dos seus e, em especial, da esposa, é oportuno falar dessa formosa mulher que tem sido, desde sempre, a sombra amiga e acolhedora do grande lutador. Poucas esposas terão ocupado nas memórias de seus maridos um papel tão relevante, merecendo tão carinhosas palavras ao cabo de um longo período de matrimónio: eo dia do meu casamento foi o mais feliz da minha vida. Que podia eu desejar de mais sublime, que uma mulher incapaz de ter um mau pensamento?

Alta, delgada e graciosa, a sr.ª Churchill foi uma das mais lindas mulheres do seu tempo, e ainda hoje formosa.

Em solteira, chamava-se Clementina Hozier. Hoje é a sr.ª Churchill porque a bondade, a inteligência e a beleza assim o quiseram. E foi essa magnífica inteligência que lhe deu a possibilidade de poder manter-se ao lado de seu marido, estando ao corrente de quasi todos os seus problemas, estimulando-o e amparando-o nos momentos de reveses. Deste modo, ela que tem uma cultura e conhecimento actual, tão bem se sente numa reunião de carácter popular, como numa assembléa de sábios.

Quais são, de resto, as funções da sr.ª Churchill no n.º 10 de Downing Street, sede do Foreign Office e residência do Primeiro Ministro? Deve ela aparecer ao lado de seu marido ou apagar-se num segundo plano?

Em primeiro lugar — a sr.ª Churchill é esposa e é mãe e como tal tem de proceder.

Depois dos seus deveres de esposa e mãe, a sr.ª Churchill tem os deveres de inglesa. E, então, organiza festas e recepções a favor dos soldados — reuniões em que ela é sempre a mais encantadora das presenças. Além disso, visita os operários e as fábricas porque a sua vida e o seu bem-estar lhe interessam particularmente. Por toda a parte, de resto, ela é recebida com entusiasmo — entre as ruínas de um bairro recém-bombardado, nos estaleiros navais ou nas festas de grande cerimónia. A sua popularidade é tanta que o povo, na sua simplicidade, quando a vê, costuma gritar-lhe:

— Dize-lhe a Winnie (Winston) que nós cá estamos até ao fim!

— Que Winnie não se aflija por nossa causa!...

Naturalmente que a sr.ª Churchill está ao corrente da maior parte dos

acontecimentos do mundo. Mas não conhece tudo, porque seu marido sabe que às mulheres nem tudo se pode dizer...

Alguns tempo depois do racionamento de produtos têxteis, a esposa do Primeiro Ministro lamentava-se para a costureira, apresentando-lhe os «cupons»:

— «Não sei que hei-de fazer. Como toda a gente, tenho que me sujeitar ao racionamento. Mas, há dias, meu marido pediu-me que lhe comprasse uma porção de lenços, para o caso de virem a ser racionados. Ele falou-me assim, não me disse o que ia acontecer e eu julguei que fosse brincadeira. Agora, quero comprar-lhe os lenços e não posso...»

É assim com muitos casos da vida secreta do estadista. Mas, por outro lado, quando Churchill vai falar em público, sua esposa é a primeira pessoa a tomar conhecimento dos discursos. É ela quem tem de ler em voz alta — e criticar, imediatamente! Depois, vai para o Parlamento ouvir o marido e tomar nota dos reparos que os seus discursos provocam, só para ver se condizem com os seus...

Não obstante esta emiscuência indirecta nos negócios públicos, a sr.ª Churchill é profundamente mulher. Assim, é ela quem prepara os pratos favoritos do marido — e já confessou a Lloyd George, muito à puridade, que no seu testamento, a favor do marido, incluíra algumas receitas de cozinha...

A sr.ª Winston Churchill casou em Westminster, em 1908, depois de um noivado muito curto. O noivo tinha então, 33 anos. A noiva... não se sabe. Sabe-se só que foram apresentados pela mãe de Churchill e que este ficou apaixonado pela suave e linda «miss» Clementina. Do casamento nasceram cinco filhos — um morreu muito novinho — a quem foram postos os nomes de Randolph, Deanne, Sarah e Mary — todos quatro em serviços regulares ou auxiliares do exército.



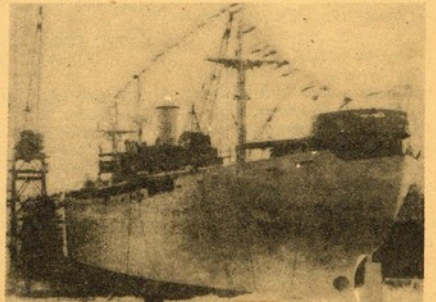
ESTADOS UNIDOS

A HISTÓRIA DE JESSE DE FOREST

HÁ dias, nos Estados Unidos, foi lançado à água o «Jesse de Forest» — um magnífico barco da classe «Liberators». Foi construído no tempo «erécodo» de 22 dias e tem uma história curiosa, ligada à própria história dos Estados Unidos. É que Jesse de Forest é geralmente indicado como fundador de Nova York. Nascido em 1578, no condado de Hainant, na Bélgica, solicitou, em 1621, a autorização dos ingleses para se instalar com 300 valões de que era chefe, em território norte-americano. A autorização foi-lhe concedida mas em condições que Forest não quis aceitar: os valões não deviam formar quisto. Isto é, deviam dispersar-se. Foi, então, mais feliz com o governo holandês, ao qual fez a mesma solicitação. E em 1622, de Forest, com os seus 300 homens, começou a instalar-se na ilha de Manhattan. Dois anos depois em 1624, Jesse de Forest morreu — mas a cidade nascia. Três séculos depois — em 1924 — a província belga de Hainant, sob o patrocínio do governo belga, mandava construir e oferecer aos Estados Unidos um monumento a Jesse de Forest, levantado em Battery Park, Nova-York. O monumento foi inau-

gurado, em nome desse magnífico Rei Alberto, pelo barão Cartier de Marchienne, então embaixador nos Estados Unidos e hoje embaixador na corte de St. James.

Agora, para que mais uma vez o nome de Forest seja recordado, o Belgo-American Partners tomou a iniciativa de promover a construção do «Jesse de Forests», da classe do «Liberators» não sendo estranho ao facto um descendente do fundador de Nova York: Effingham Forest, Roosevelt e Knox estiveram presentes na cerimónia do lançamento à água do novo navio de guerra.





Bastiani com Torres de Carvalho, em Capitão Pombino



Bottai



De Bono



Federzoni

QUATRO FIGURAS IMINENTES DO FASCISMO

ITÁLIA

A política tem destes trágicos reveses:

Emílio de Bono, que foi governador de Trípoli, ministro das Colónias e marechal do exército italiano; Luigi Federzoni, presidente do Senado; Bottai, ministro da Agricultura; e Giuseppe Bastianini, embaixador e ministro da Itália, ao lado Ciano, completam o número daqueles que o tribunal de Castel Vecchio, em Verona, condenou à morte.

Traidores ou não traidores de uma política ou de um ideal, a lacónica notícia telegráfica do seu fusilamento choca-nos.

De Bono, Federzoni e Bottai conhecemo-los em Itália; Bastianini, em Lisboa, quando ministro da Itália em Portugal.

Qualquer deles fazia parte do Grande Conselho Fascista, e todos eles eram individualidades predominantes no Partido. Mas não é das figuras políticas que representaram na sua pátria que nos ocupamos: é das suas figuras humanas e do contacto

pessoal que com eles tivemos que nos estamos a lembrar. Foi durante uma viagem a Itália, em serviço profissional — em 1930, o ano 8.º do fascismo — que estivemos com essas quatro figuras levadas agora pelas vicissitudes da guerra.

A emoção do jornalista, a recolha copiosa de elementos foram depois divulgados — aliás, a missão não nos pertencia em exclusivo, pois outros camaradas nos acompanhavam na faina. Cabe-nos agora, portanto, assinalar apenas o facto, sem o propósito de lhe darmos nota inédita. Mas devemos, para honra da verdade, não deixar no esquecimento o bom acolhimento que então foi feito aos jornalistas portugueses.

Vemos, assim, De Bono, então ministro das Colónias, franzino de estatura, tez queimada pelo sol dos trópicos, olhar vivo e cintilante, sentado à sua enorme secretária, de finíssima talha, colocada num dos ângulos do vastíssimo salão, decorado a damasco verde e tons dourados. De pequeno

que era, assim a distância, parecia que a cabeça sem corpo lhe aflorava no topo da mesa...

Ele tinha um dom raro de saber conversar. Falava com volubilidade — e foi tão afectuoso o acolhimento que, daí a pouco, a entrevista transformava-se numa conversa amena entre dois homens de terras diferentes que mutuamente desejam dar a conhecer os seus países e gentes. Duas horas demorou a entrevista anti-protocolar, onde até houve à mistura um lanche familiar...

Passemos, porém, sobre a lembrança da figura expressiva e simpática de Federzoni, dirigindo, como antecipação à entrevista, palavras gentis a Portugal; passemos sobre a recordação de Bottai, novo ainda na idade, que gentilmente acedera a ser entrevistado, respondendo sem mostras de enfado ao nosso questionário — e fixemo-nos em Bastiani, esse jovem que Mussolini disse ser dos mais hábeis diplomatas do seu país.

Foi no palácio do Conde de Pom-

beiro, ao Campo de Santana, que o conhecemos. Vivo, alegre, simpático, de um despretençiosismo aliciente, Bastianini criou rapidamente grandes amizades entre aqueles que tiveram o prazer da sua convivência. Era um moço cheio de confiança, optimismo, muito certo dos altos destinos da Pátria e do partido.

Mas, a política é assim: esquece e não perdôa.

Velhos e novos, fôlhas de serviços notáveis, feitos heróicos, prestígio e grandeza, tudo é absorvido no turbilhão da política.

Não há heróis, há homens.

Um julgamento, feito também por homens, basta para fazer cessar o fulgor esplendoroso dos astros.

E, traidores ou não, a sentença proferida pelo tribunal de Verona permanecerá na história da Itália, como se fora uma nuvem negra procurando encobrir um lindo dia de Sol.

TORRES DE CARVALHO

NA sua língua materna, estas três irmãs Soong que todo o mundo admira, chamam-se Eling, Mayling e Chingling, o que significa, em bom português, respectivamente: Bondade, Glória e Beleza. Todas elas são notáveis pela acção que têm desenvolvido no ressurgimento de uma China forte e vanguardista — e, ainda, pelo papel que seus maridos representam na pátria dos mandarins. De facto, as senhoras Chang-Kai-Chek, Sun Yat Sun e Kung, formam um trio único na história contemporânea do mundo. Não obstante M.^{me} Chang-Kai-Chek disfrutar, para nós, ocidentais, de uma aura impar — na China, suas irmãs são igualmente populares pelo que representam de inteligência e heroicidade.

Educadas na América, eram filhas de «Charlie Jones», um chinês levado para os Estados Unidos por um amigo americano e milionário, dono de um barco que certo dia aportou à China. Alguns anos mais tarde, o sr. Soong, que tomara o nome do amigo, regressou à sua pátria, rico e influente, panfletário e reformador. Estabeleceu-se em

Changai, enviou as filhas para a América, donde regressaram impregnadas de idéias que se apressaram a divulgar. Profundamente naciona-

listas, ajudaram a formar a república chinesa e não hesitaram em acolher-se à boa estima da Rússia vermelha. Todas elas, falando já



CHINA

AS IRMÃS SOONG

o inglês correctamente, proclamaram o ensino desse idioma para uma melhor aproximação da China com os países de Occidente.

Muito amigas, muito unidas — as irmãs Soong formam, entretanto, três personalidades diferentes, com idéias políticas opostas. Assim, a sr.^a Sun, viúva do fundador da República chinesa, Sun Yat Sen, é a mais esquerdista e passa por «vermelha»; a sr.^a Chang-Kai-Chek, ao lado do generalíssimo seu marido, nas campanhas anti-comunistas, pertence à falange das direitas, ao passo que a sr.^a Kung, esposa do actual ministro das Finanças, poderá considerar-se do partido do centro, por causa das suas idéias moderadas.

Três mulheres, três partidos, três irmãs — representantes de uma China que ressurge, dia a dia, e, elas, na foto junto, quando em Xung-King visitaram os estragos produzidos por um dos últimos ataques aéreos dos japoneses. À frente, pegue a sr.^a Kung que dá a mão a sua irmã Sun. Atrás, ficou a sr.^a Chang-Kai-Chek.



O BARRADINHAS

CONHECEM certamente o pintor Jorge Barradas. O seu nome de baptismo é — talvez não saibam — Jorge Nicholson Moore Barradas. O nome é maior do que a pessoa — mas bem menor do que a sua Arte. Dentro daquele invólucro pequenino contém-se um belo artista. E, na verdade, dentro dos pequenos frascos que se guardam, muitas vezes, as melhores essências. Pintor, desenhador, decorador, caricaturista, a sua obra colorida e variada impô-lo, há muito, aos seus contemporâneos. Triunfou. Tendo fundado, um belo dia, com Henrique Roldão o semanário humorístico «Riso da Vitória», este título bem poderá servir de etiqueta à expressão fisionómica de Barradas. Quem escreve estas linhas teve-o como colaborador artístico na revista «Sete e meio», e não poderá esquecer aquela cortina representando um coqueiro, em plena África, mas em que os frutos... eram chapéus de côco. Foi um imenso sucesso que chegou a assombrar Lisboa. Houve burgueses que desmaiaram ante o irreverente modernismo do pintor. Na própria noite da estreia uma senhora, aliás muito culta e viajada, exclamava jubilosa:

— Este rapaz tem carradas de talento!

Logo êle, emendando:

— Carradas, não: Barradas, Barradas...

De facto o que o rapaz tinha, e tem, é Barradas de talento.

À maneira de Fernanda de Castro

«Rua Garrett» — diz o meu roteiro,
Mas que importa o que o roteiro diz!
Chiado é que é o nome verdadeiro
O nome que lhe dá todo o País.

Chiado imenso que num sorriso cabe,
Sorriso doce na boca a palpitar...
Uma calçada tão chique que nem sabe
De que é feito o seu chiquismo singular.

Vitrine da cidade em que as mulheres
São bonecas fulvas, caprichosas...
De cada montra nascem mil prazeres
Anda no ar um aroma de rosas...

A porta da Havelzeia é um cartaz
Modelo de elegância e distinção;
Dentro da «Brasileira», Satanaz
Toma café, sorri — e dá opinião...

«Rua Garrett» — diz o meu roteiro
Mas o roteiro, senhores, não fala sério...
Chiado é que é o nome verdadeiro
Da capital do País e do Império!

O nome de cada um

UM jovem escritor perguntava-me, há dias, se o seu nome seria realmente um bom nome para homem de letras. Respondi-lhe que não era o nome que fazia as obras, mas que as obras é que faziam o nome e que, dêste modo, se a obra fôsse boa, o nome, mesmo que não fôsse sonoro, acabaria por soar bem.

Este pequeno episódio lembrou-me, porém, o caso de António Correia de Oliveira que, nos seus começos literários, achando que o seu nome não era nome para poeta, consultou Trindade Coelho que lhe respondeu numa carta, pouco menos que desconhecida, e que é, na verdade, uma autêntica obra-prima do género. Ele, Trindade Coelho, que também se chamava José Francisco, sabia o que isso era. No fundo todos nós tínhamos um nome que cheirava a prosa. Eça de Queiroz — era José Maria; Ramalho Ortigão — José Duarte; Fialho de Almeida — José Valentim; Teófilo Braga — Joaquim Fernandes. Os exemplos seriam inúmeros. Quem poderia afinal gabar-se de não ter alguma coisa que esconder no nome ou na consciência? António Correia de Oliveira! Parecia talvez comprido, parecia talvez pouco artístico ou pouco poético, mas se nós nos puséssemos a dizer, a comparar — António Correia de Oliveira, António Correia, António de Oliveira, Correia de Oliveira — acabávamos necessariamente por concluir que soava muito melhor o nome todo... Sim, sempre eram três nomes! Mas a quantos homens célebres sucedia o mesmo! Não. Fôsse boa a obra que o nome seria bom! E viu-se que Trindade Coelho não se iludia. Estas palavras — António Correia de Oliveira — acabaram por revestir-se dum autêntico ritmo musical. O que parecia prosa transformou-se, afinal, em verso. O autor dos *Meus Amores* tinha razão. Todos os nomes são excelentes se aquêles que os usam os sabem, verdadeiramente, honrar.



A SORTE GRANDE



Depois de largas investigações antropológicas descobriu-se a «Menina da Rádio». Nasceu em um de Abril de 1927; tem, por consequência, 17 riso-

nbas primaveras — e chama-se Maria Eugénia Branco. Saudemos, de taça em punho, a nova estrela do nosso cinema, e já agora permitimo-nos sugerir, porque nos parece lógico, que Maria Eugénia Branco em virtude de ter apañado a sorte grande, passe a chamar-se — Maria Eugénia Premiada...

um fato, enriquecendo assim o seu guarda-roupa. Está de parabens o teatro português. Sabemos que o novo fato é de óptima fazenda; terá corte impecável; será acompanhado dum elegantíssimo chapéu — e a sua estreia coincidirá com a estreia, no Avenida, do «Jôgo do Diabo»... Eis um facto — e um fato!

CAMINHADA



Leão Penedo — nome atrozador que disfarça um bom rapaz e um escritor cheio de qualidades, acaba de publicar um romance

FATO NOVO



Podemos, por bondade do destino, dar hoje uma notícia que se nos afigura agradável: o nosso amigo José Loureiro, activo e denodado empresário, mandou fazer

«Caminhada» — que se percorre sem fadiga e com manifesto interesse. Uma manhã destas, encontramos Leão Penedo subindo em ar de «globe-trotter» a rua Castilho.

— Por aqui? — preguntamos-lhe. Imediatamente êle, andando em largos passos:

— Ando a fazer a minha caminhada... Claro, a segunda edição!

RECORD DE GORDURA!



EIS o casal mais gordo de Inglaterra. Vivem muito felizes, amiguinhos um do outro, jurando eternas promessas de amor. E — acreditem! apesar de tão gordinhos, o automóvel pode com eles...

COISAS DO SÉCULO XX

EIS o último modelo de menù especial para as vítimas de qualquer banho forçado:

«Café com torradas, uma laranjada, duas aspirinas e os nossos sinceros pésames».

Anúncio autêntico duma empresa funerária norte-americana:

«Sobre o nosso trabalho, peçam referências àquelas a quem temos servido».

No Jardim Zoológico, uma senhora perguntou ao guarda qual era o sexo dum hipopótamo. E o guarda respondeu:

— Isso só deve interessar a outro hipopótamo...

Noel Coward escreveu nas costas dum postal ilustrado com a Vénus de Milo:

«Eis o que acontece às pessoas que têm o vício de roer as unhas».

O jornal «The Springfield Republican» anunciou na secção de necrologia a morte de determinado indivíduo. Mas esse indivíduo ainda estava

vivo e protestou. Então, para o consolar, o jornal inseriu o seu nome na lista de nascimentos do dia seguinte...

Uma grande firma dirige aos seus credores este gentil pedido:

«Presado Senhor: Na contingência de sermos obrigados a processar V. Ex., rogamos o obséquio de nos recomendar um bom advogado na vossa cidade».

Atenciosamente
Etc., e tal

CHURCHIL E ROOSEVELT SÃO PARENTES!

NÃO sabiam? Pois fiquem sabendo. Pelo menos, a Sociedade de Genealogia e de Biografia de Nova York, assim o noticia num dos últimos números do seu boletim mensal.

Mr. Conklin Mann é o homem a quem se deve esta interessante descoberta:

Em 1620, John Cook saiu de Inglaterra para a América, a bordo do célebre «Mayflower», casando-se durante a viagem com Sarah Warren.

Pois bem, duas das filhas de John Cook e de Sarah Warren casaram com ascendentes de Roosevelt, enquanto a terceira filha do casal se consorciou com um ascendente de Churchill.

E, conseqüentemente, temos este vínculo histórico a ligar dois dos homens mais ilustres do mundo de hoje.

DOIS HOMENS NUMA JAULA!

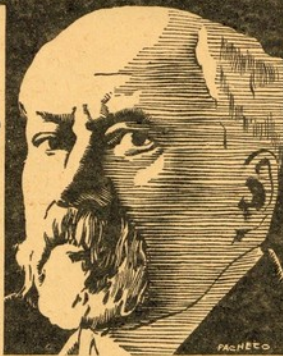
NOS Estados Unidos, a polícia de tráfico resolveu castigar os infractores ébrios encerrando-os numa jaula de feras, em pleno Jardim Zoológico de Brookfield. Aqui

estão dois desses sujeitos defrontando a multidão que os vaa e ameaça. Merecido castigo, de facto, para aquêles que não têm dó dos outros: dois homens metidos numa jaula!



COCKTAIL

Lembra-se ainda de Poincaré?



RAIMUNDO Poincaré identifica-se, na maior parte da sua vida com a vida da própria França. Ele nasceu na Lorena. Filho duma familia católica, ele foi educado, segundo uma expressão verídica de Fernand Payen, «na prática das três virtudes cardiais dos meninos franceses daqueles tempos: a obediência, a ordem e a polidez».

E em 1871 — ele fez uma primeira comunhão fervorissima e dá nota desse acto através das páginas do seu próprio diário, onde escreveu com sinceridade:

«Que belo dia! Que dia memorável! Que dia poderá haver mais feliz?»

De facto, para ele esse seria um dos dias mais felizes da sua vida. Contudo, Poincaré nem sempre foi um religioso puro. Pelo contrário, durante largo tempo viveu afastado da igreja. Só na infância e na velhice — ele encontrou na religião o bálsamo supremo para as angústias da sua alma!

Falando de Raimundo Poincaré, temos de lembrar o entusiástico amor ao estudo demonstrado por esse homem de predicados excepcionais ao longo de toda a sua existência.

Folheemos o seu diário. Eis, por exemplo, os prémios que Poincaré alcançou no ano de 1874. São «apenas» dez prémios! E todos eles acompanhados por um comentário curioso e oportuno. Vejamos:

- 1.º prémio de excelência.
- 2.º prémio de terna latino (estive doente no dia da composição geral).
- 6.º «accessit» no Concurso Académico (não é grande coisa! Surpreendido! Que decepção! Mas só eu, da nossa classe, alcancei alguma coisa).
- 1.º prémio da versão latina.
- 4.º «accessit» de versão grega. (Vergonhosos! Mas não tinha compreendido nada!).
- 2.º «accessit» de geografia (e fiz bem mal!).
- 2.º «accessit» de história (e, no entanto, estudei bem).
- 2.º prémio de alemão (não estou admirado).
- 1.º prémio de matemática (tinha a certeza, mas estou bem contente por ser a primeira vez).
- 1.º «accessit» de desenho. (Prémio de quadro de honra).

Eis uma das folhas de curso do jovem Poincaré que, mais tarde, havia de ser chamado a reger os destinos da França, quando esta atravessava uma crise histórica. Os seus estudos levaram-no à Academia Francesa, à glória mundial. Três vezes ele interfeuiu na vida da nação francesa, com tacto e inteligência, solucionando problemas dos mais graves e dos mais delicados.

Antes da guerra de 1914 foi um dos paladinos da união com a Inglaterra e com a Rússia. Depois, invadida a Bélgica, conseguiu essa célebre «união sagrada» de todos os franceses. E, finalmente, em 1926, «chegou, com a sua coragem e a sua clarividência, a evitar a bancarrota do franco» — segundo o testemunho dum dos seus biógrafos. Essa era a época espantosa em que os turistas ingleses se davam ao luxo de acender charutos com notas de cem «sous», pois uma libra valia nem mais nem menos do que 250 francos. Ah! pobre França, se não fosse Poincaré...

Hoje o seu nome é uma saúde feita de respeito e de admiração. Homem admirável, triunfador consagrado, apenas duma única coisa se queixou em toda a vida: da sua pequena estatura.

Mas, se era pequeno no corpo, Poincaré era grande na alma e no valor!

Talvez pudesse substituir a Carris...



AGORA que tanto se barafusta contra a Carris, poder-se-ia muito bem aproveitar o exemplo destes «cavalheiros» que conseguem levantar três ou quatro senhores bem firmes... Que dizem à idéia?

Você sabe quanto vale?

É costume dizer-se: «Vale quanto pesa». Mas, você que sabe quanto pesa, cada vez que se puser em cima da balança — sabe acaso quanto vale?

Pois, fique sabendo: se realmente quere ter em muito boa conta o quanto vale, nunca mais pense ou diga que vale quanto pesa, porque realmente vale muito menos do que pesa...

E, se dúvida, leia só: qualquer dessas lindas reparagens que nos enfeitam ao passar — vale menos que o seu sobretudo, leitor. É uma lição triste, que nos acabrunha e obriga a sentirmo-nos miseráveis — mas é assim mesmo: do pó viemos e em pó nos faremos, como diz a Escritura...

Pelas imagens e pelo quadro comparativo que acompanham esta legenda, você verá que os químicos e os matemáticos chegaram a resultados nada brilhantes, em relação ao valor do corpo humano. Isto, naturalmente, não impede que a máquina humana esteja maravilhosamente montada. E quando Shakespeare elogiava o homem até às culminâncias de rei da criação, graças à harmoniosa colaboração do cérebro e dos membros — estava bem longe do ponto de vista da ciência, menos atento às forças morais e espirituais do que aos elementos materiais da natureza humana...

Mas, para não nos pórmos para aqui a verter lágrimas sobre a nossa triste condição humana — o melhor é não comentar as fotos nem a tabela aqui junta...

Água, 40 litros.....	\$80
Ferro, sete pregos.....	\$60
Sal, vinte colheres.....	\$60
Cal, para aplicar numa superfície de 20m ²	30\$50
Carbônico para um briquete	\$05
Fósforo, para 2.400 fósforos	9\$00
Magnésio, 20 gramas.....	7\$05
Gordura, para 7 sabonetes	20\$60
Glicerina, 2 litros.....	90\$00
Albumina, vinte claras de ovos	30\$00
Açúcar, cinco torrões.....	\$50
Gelatina, 1 quilograma.....	20\$00
Enxofre, 10 gramas.....	1\$60
Metais e minerais.....	60\$10
	270\$66

EM TEMPO DE GUERRA...

CUIDEMOS DO NOSSO CORPO!

HOUVE outrora um rei sábio e santo que escreveu, referindo-se ao poder criador: «eu te louvarei, porque, de um modo terrível e maravilhoso fui feito, maravilhosos são as tuas obras e a minha alma o sabe muito bem. Os meus ossos não te foram encobertos quando no oculto fui feito...»

Esse rei, que a história da igreja nos dá como modelo de santidade, chamava-se David e tinha muita razão. Do nada somos gerados e feitos, para nos tornarmos homens de 506 músculos e 206 ossos. É maravilha como do nada nasce um ser que pensa e se move, que tem espírito e sente.

Este corpo, porém, que a nossa humanidade obriga a respeitar, não foi sempre absolutamente igual ao que é hoje. Mais forte, mais resistente e mais gigante, o homem das cavernas era, naturalmente, feito de harmonia com o ambiente e com a natureza que o rodeava. De facto, com a marcha dos séculos, o homem que se encontrou senhor de processos para dominar a natureza — passou, imperceptivelmente, a ser dominado pelas circunstâncias que o rodeavam e pelo nível de vida que lentamente ia passando a viver. É certo que os reagentes, provocantes ou de aplicação, não se fizeram esperar para atenuar os efeitos dos desgastes operados na natureza humana. E, assim, surgiu a ciência médica, conselheira ou remediante, para nos dar saúde ou evitar doenças.

Podemos dizer-se que a medicina é hoje uma grande força no mundo — tão grande que vence a guerra e a morte, quanta vez.

A experiência de todos o após-guerra ensina-nos que depois dos homens deporem armas, sempre a ciência teve de abrir combate e epidemias de carácter mais ou menos mortífero. E, não obstante o mundo — o mundo científico, evidentemente — dispôr de meios de combate nunca tidos, tudo nos indica que os cuidados máximos com o nosso corpo nos conduzirão a resultados práticos no aproveitamento de energias capazes de vencer tôdas as calamidades epidémicas da guerra.

É um dever que nos cabe e que a medicina — os organismos oficiais respectivos deviam dar o exemplo, canalizando a propaganda — devia estimular: os cuidados com o nosso organismo. Do mesmo modo que se fazem exercícios de defesa pacífica para uma guerra que todos nós do coração desejamos longe do nosso solo — os cuidados a ter com o organismo deviam ocupar a atenção da nossa ciência médica, aconselhando o que nos convém fazer em circunstâncias epidémicas. A gripe para como uma hipótese na nossa terra e como uma realidade nos países em guerra; as condições de alimentação começam a deixar nos organismos vestígios da sua ausência; os racionamentos, que lá fora se fazem à base de estudos médicos, de precisão comprovada, não puderam, mercê das deficiências da produção, alargar as distribuições de acordo com as necessidades do nosso corpo. Em face destas circunstâncias — como devemos preaver-nos contra os ataques epidémicos?

Naturalmente que todos nós temos hoje, mais do que nunca, o dever de nos preservar do frio, das grandes noites, dos venenos da condimentação, de tudo, enfim, que seja excesso e que implique com o desgaste inútil de energias.

Faltam-nos as batatas, a manteiga é pouca, as farinhas não abundam, o leite atingiu preço proibitivo e os ovos rareiam? Pois é preciso procurar o equilíbrio orgânico, restabelecer, tanto quanto possível, um desgaste de harmonia com os elementos de renovação da matéria. Mais do que nunca, temos o dever de cuidar do nosso corpo, levar vida sã e regrada, cultivar a higiene, contribuir para o nosso bem-estar, porque não podemos esquecer: a nossa saúde faz parte de um bem comum. E se cada um de nós estiver em condições de vencer uma possível epidemia, não se tornará elemento de contágio. Se cada um de nós se erguer como barreira do mal — nenhum de nós terá de que se arrepender.

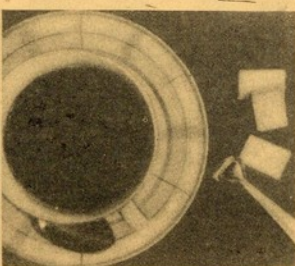
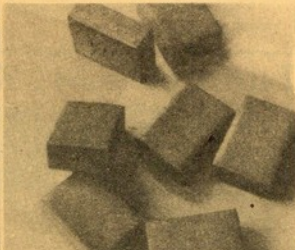
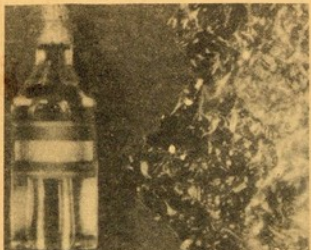
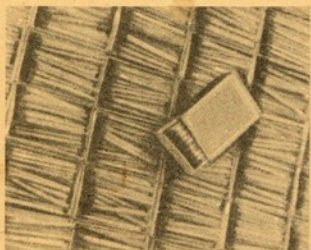
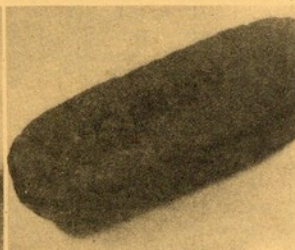
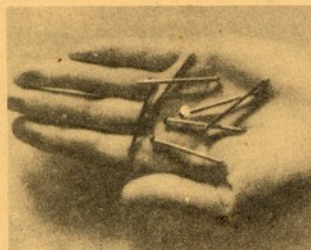
As "viúvas negras" trabalham para a guerra!

TODOS contribuem para o esforço da guerra. Até as aranhas! Se não acreditam, aqui lhes vamos contar a história da «viúva negra» apanhada na Inglaterra. Depois de serem separadas cuidadosamente da tela, são metidas em caixas e dali, seguem para as grandes oficinas, onde se comem umas às outras se não tiverem o cuidado de as separar das irmãs arenhas.

O fio das telas de aranha — e por isso elas são apanhadas e «cultivadas» — tem excepcional interesse nos dias que vão correndo. Com cerca de um quinto do diâmetro do cabelo humano, tem uma resistência superior à do aço ou da platina — se tomarmos, claro, um fio destes com igual espessura.

Para que produzam «fios» que é empregado nas objectivas dos telescópios, microscópios, aparelhos de super-visão da polícia de trânsito e outros aparelhos de precisão — as «viúvas negras», extremamente venenosas, são metidas em frascos, donde se retiram de dois em dois dias para caixilhos onde tecem as suas telas caprichosas. Esses fios são depois separados dos caixilhos e enrolados em minúsculas bobinas. Entretanto, houve o cuidado de limpar a tela do pó, com uma escóva finíssima molhada em acetona, seguindo-se outras operações delicadas de laboratório até que possa ser submetida à indústria de guerra a haba de uns bichinhos que poderíamos considerar simplesmente insetos ou asquerosos...

Como se vê, as «viúvas negras» trabalham para a guerra...



OS MISTÉRIOS DA VILA ZIRIO
INTRIGAS DA CÔRTE DE BERLIM

Por ANTÔNIO RUAS

S. Remo. Na Vila Zirio, grande mansão italiana, circundada de palmeiras, de laranjais e de oliveiras, debruçada sobre o mar, é ali que o Kronprinz Frederico Guilherme da Prússia, vem, no inverno de 1887-88, em companhia de sua esposa Vitória, procurar, na doce calma do clima meridional, o alívio ou a cura da sua mortificante doença.

A volta do enfermo gravita uma legião de médicos e até alguns espíritos. Clínicos alemães, meio políticos, meio curandeiros, satélites de Bismarck, e porque não?... também do filho do homem que ali se debate entre a vida e a morte, desse príncipe Guilherme, que virá a ser Imperador e que arrastará a Europa a uma terrível conflagração.

Por entre os médicos alemães, não acatado, mas apenas tolerado, só, numa multidão, sobressai essa figura singular de Mackensie, mixto de charlatão e de snob, com alguns méritos, procurando o réclamo em toda a parte, pôsto ali de sentinela pela diplomacia britânica, e o único por assim dizer, em quem a esposa de Frederico, fiel à sua origem insular, deposita qualquer espécie de confiança.

Como sempre, desde que médicos se reúnem, surgem as divergências. Mas desta vez, as divergências de carácter clínico eram muitas vezes aprofundadas pelas conveniências políticas, pela razão de Estado. Os teutônicos, influenciados por Bismarck e pelo futuro Guilherme II, afirmavam imprimeiramente o câncer. Esta afeição, infelizmente certa, servia à maravilha o interesse prussiano. Era a esperança de fazer abdicar o príncipe imperial, homem de carácter pacífico, pouco propenso a aventuras, e de afastar a inglesa, sua esposa, e filha da Rainha Vitória, dama pouco inclinada ao espírito opressivo de Potsdam.

Mackensie, o inglês, esse negava o câncer, também politicamente. O Kronprinz Frederico Guilherme, filho de Guilherme I, nunca fôra desregado. Amava, a esposa, que sobre ele exercia grande influência. Gostava, porém, de vagar pelo estrangeiro, principalmente para se distrair da política do Chanceler, que nunca lhe agradava. Foi numa destas viagens, quasi vinte anos antes, em 1869, que Fritz contrahiu o germen do mal, que agora o atormentava, e que veio a vitimá-lo.

Chegara a Suez em Outubro, sózinho. Fôsse para se curar dum certo aborrecimento, ou por demoníaca tentação — a constância no matrimônio quasi nunca foi virtude real — o que é certo é que o príncipe se lançou nos braços duma linda espanhola, Dolores Cida. A diva cantava canções espanholas e dançava, como nenhuma outra, a dança do ventre. Bela, divinamente, de cabelos louros côr do sol, a rapariga era, na verdade, capaz de perder um eremita. O Kronprinz não pôde resistir, mas saiu e bem ferido dessa aventura. Dolores era sifilítica e contagiara com o terrível mórbus o herdeiro da Corôa Imperial da Alemanha.

Foi, por assim dizer, uma vitória latina contra a raça germânica. O virus levou quasi vinte anos a minar, até produzir na garganta de Sua Alteza um câncer terrível, que o sujeitou a uma agonia dolorosa, seguida de uma morte breve.

Nessa Vila Zirio, em S. Remo, desarm-se cenas tétricas e curiosas. Os

médicos intrigavam uns contra os outros, faziam diagnósticos opostos, empregavam processos contrários, e atormentavam o doente, que às vezes implorava lastimosamente que o deixassem morrer em paz. O filho do enfermo, o futuro Guilherme II, chegava às vezes a S. Remo, ou para exigir, por ordem de Bismarck, a sua remoção para Berlim, ou para impedir ao pai a abdicção. A mãe resistia varonilmente, por amor ao marido e também, talvez um pouco mais, por amor à glória de vir a ser imperatriz.

Mãe e filho não se davam. Havia entre ambos grande antipatia. No filho, encarnara-se a violência do espírito prussiano e na mãe, a grandeza e tolerância das instituições britânicas. A princesa imperial era inteligente e culta. A principio fôra bem aceita na Côrte, mas depois, pelo seu espírito liberal e crítico, certa liberdade de pensar e de julgar, pusera-se a ridicularizar os prejuizos germânicos. O marido acatava-a muito, o que atormentava o Chanceler de Ferro, que receava que Frederico, ao subir ao trôno, se inspirasse nas instituições e nos processos ingleses. Bismarck, acostumado a vencer tudo, a ninguém temia mais do que à princesa. Costumava dizer que a inglesa tinha envenenado o sangue dos Hohenzollerns.

O príncipe Guilherme não podia amar a mãe, avessa por educação e temperamento ao espírito militarista prussiano, e ainda mais pelo império que, sob o seu influxo, as suas idéias amplias exerciam sobre a alma generosa do marido que, sem possuir a superioridade dos dotes da esposa, era homem de Estado prudente e hábil general. E a aversão do príncipe pela sua progenitora era intensificada pelo ódio que professava pela Inglaterra, ódio que lançou a Grande Alibion, pela mão de Eduardo VII, na Entente Cordial, que fez frente à Alemanha na Grande Guerra de 1914.

Um dia, conta-se, que numa parada, Guilherme começou a sangrar pelo nariz. Acercou-se da imperial pessoa o seu Estado-Maior, ansioso pela ocorrência. O príncipe tranquillizou os seus oficiais, exclamando: — «Não se incomodem, é a última gota de sangue inglês que me sai das veias».

Guilherme não dispunha de muitos amigos nas côrtes da Europa. Na Rússia, chegaram a humilhá-lo. O tio, o Príncipe de Gales, nunca o estimou. O herdeiro da Corôa da Austria odiava-o. O arquiduque Rodolfo era homem dado às letras. Um dia, em Viena, numa recepção da Côrte, que assistiu Guilherme, o herdeiro imperial austriaco, foi apertar a mão a um príncipe destronado, antes de a

oferecer ao herdeiro da Prússia. Poucos dias depois, este qui vingarse, desdenhando das apútuas de Rodolfo, a quem disse:

— Fazer livros não é mister próprio dum príncipe imperial.

Ao que o outro prontamente replicou:

— Há uma única coisa indigna dum herdeiro imperial. É aspirar ao trôno de seu pai, enquanto vivo.

Nessa Vila Zirio, onde se desenrola uma tragédia imperial, a ciência é submetida às conveniências políticas. Mackensie é o representante da Rainha Vitória e procura o mais que pode ser optimista. Bergmann personifica a medicina alemã, que tenta conciliar com as ordens de Bismarck, e os seus prognósticos são do maior pessimismo.

Entre os dois clínicos há, por isso, alternativas de vitória e derrota. Se o príncipe melhora, o triunfo é do inglês; se piora, é Bergmann quem tem a palma.

A situação do pobre enfermo com tantos médicos ao redor — porque à volta de Bergmann gravita uma multidão de subalternos — não pode deixar de ser angustiosa, não pode deixar de muitas vezes lhe aumentar o seu sofrimento, de lhe perturbar o seu repouso.

Mas ao lado dos doutores, havia na Vila Zirio dois personagens muito curiosos: um era o Conde de Seckendorff, o outro, o Conde Radolinski. O Conde de Seckendorff era homem leal, cavalheiroso, destes personagens de romance que logo conquistam a simpatia do leitor. Tem um culto; o da pessoa ao pé da qual o colocaram; a princesa imperial. A sua fidelidade é incontestável. A sua dedicação é daquelas que só se podem traduzir pelo sacrificio. A este cavalheiro antigo feriram-no no mais íntimo da sua honra e do seu coração quando, mais tarde, já Vitória no trôno, calculadores encartados vociferavam nas ruas de Berlim: *Os amores do Conde de Seckendorff e da Imperatriz*.

O Conde de Radolinski, esse era traidor. Polaco de origem, espíao profissional era, naquela côrte provisória, o agente secreto de Bismarck. Entrava na casa do Kronprinz por surpresa e lá se mantinha pela fraqueza do príncipe. E ali exercia o seu mister nefando, enviando todos os dias ao Chanceler relato minucioso de todos os actos e palavras da família imperial. Escutava às portas, corrompia os criados, abria cartas, lia telegramas, desempenhando a baixa profissão de intriguista e delator.

Este magnate, devido às suas malas-artes, veio a ser príncipe. O Chanceler de Ferro, porém, ao pre-

miá-lo pelos seus vis serviços, entendeu que o detestável Conde Radolinski só poderia ser elevado à dignidade principessa, abreviando-lhe o nome, e foi por isso que o Conde Radolinski se transformou no Príncipe Radolin.

Mas a 7 de Novembro de 1887, no terraço da Vila Zirio, sobreviu uma síncope ao enfermo. Frederico não pôde respirar, os tumores proliferaram na garganta, em putrefacção. Será preciso operar o doente? Na tarde desse mesmo dia, Radolinski convoca o corpo médico e diz-lhe: «Por ordem do Imperador Guilherme I, meu amo, é urgente levar o Kronprinz para Berlim. Dai uma consulta nesse sentido».

A noite realizou-se a conferência. Dos médicos alemães, nenhum se afastou das instruções de Bismarck. Fizeram um diagnóstico politico. O doente devia seguir para Berlim. O Dr. Mackensie, só contra cinco, é o único que se mostra adverso. Com calma britânica, expõe a sua opinião, quando o Dr. Krause o interrompe, exclamando abruptamente:

— Vai cuidar da tua inglesa e deixa-nos obedecer às ordens do nosso amo.

A inglesa, porém, não se conforma. Resiste bravamente. Só parte com ordem expressa do Imperador, ou a conselho de Mackensie.

Duas horas depois, Bismarck conhece a decisão da princesa imperial e, em 9 de Novembro, despacha o filho do enfermo, Guilherme, que chega a S. Remo com a ordem imperativa do regresso a Berlim ou da abdicção.

Guilherme desembarcou a num a atmosfera gelada. Nenhum dos Intimos da Vila Zirio o foi esperar à estação. E nem tão pouco se instalou em casa dos pais, onde havia aposentado de sobra. Teve de se contentar com uma hospedagem modesta num dos hotéis da cidade.

Porque as relações entre o filho e os pais cada vez eram mais frias. O filho, arvorado em agente do Chanceler, não dissimulava o desejo da morte do pai, e já armado em soberano, tinha discussões violentas com a mãe, a Princesa Vitória. Numa destas, desrespeitou-a, batendo violentamente na mesa com a bengala que tinha na mão.

Até Março de 1888, todos os esforços de Guilherme e do Chanceler para retirar Frederico de S. Remo e o levarem para Berlim se quebravam de encontro à inflexível obstinação da Princesa Vitória. É ela a verdadeira heroína deste drama imperial. Duas paixões nela predominam: o amor ao marido e o amor ao trôno. Por isso resiste a tudo; resiste aos mé-

(Continua na pág. 29)



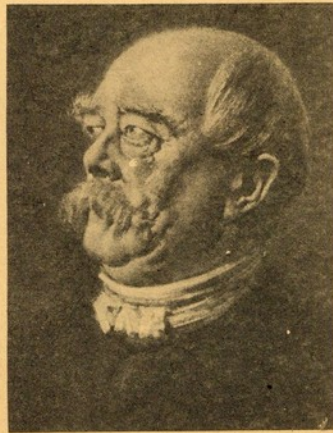
O «Kaiser» Guilherme II, último imperador da Alemanha



A imperatriz Vitória, uma das mulheres mais curiosas do seu tempo



O «Kronprinz» Frederico Guilherme, outra figura notável do Império



Bismarck, em cujos olhos W. Weimer pôs o fogo de uma grande energia

"A literatura portuguesa e a expansão ultramarina"

por **Hernâni Cidade**

APRESENTANDO em público, periodicamente, os resultados intelectuais e críticos das suas fainas de professor universitário, Hernâni Cidade constitui em Portugal um exemplo a que só muito raros casos podem comparar-se. As edições da Livraria Sá da Costa, a publicação dos sermões de António Vieira e este longo trabalho de interpretação crítica sobre a literatura da época imperialista portuguesa, podem apontar-se como títulos de nobreza de um professor que o sabe ser dignamente. Para além das formas particulares em que esta pertinaz tarefa se apresenta, deve revelar-se a estirpe intelectual do mestre que apresenta em público, honestamente, os testemunhos da sua função profissional. Pode fazê-lo e dizê-lo quem conhece o cunho rotineiro e falso, a ignorância hipócrita e a mediocridade do ensino universitário em Portugal.

Em "A literatura portuguesa e a expansão ultramarina" tentou o Prof. Hernâni Cidade a análise integral das influências da acção imperial nas idéias, sentimentos e formas de arte expressos literariamente durante os séculos XV e XVI. Não se havia feito, com a amplitude de um sistema crítico, este trabalho de grande responsabilidade intelectual. Não se pode dizer que o tenha esgotado, nem que o tenha conduzido com a largueza de concepção universalista, o profundo sentido psicológico e a integridade intelectual que eram necessários. E falase em integridade porque o tema de investigação escolhido pelo Prof. Hernâni Cidade exigia uma altura de concepção humana e literária em que o preconceito nacional e mesmo europeu e o domínio antecipado das idéias morais e religiosas deviam ser banidos em tarefa desta índole.

Apesar da sua indiscutível honestidade intelectual e do senso equilibrado e sério das suas concepções, Hernâni Cidade prejudicou a significação humana e crítica desta obra superior pela falta de perspectiva justa em que situou, muitas vezes, o seu pensamento. Em primeiro lugar, não estabelece a distinção fundamental entre o que foi literatura oficial das descobertas e conquistas e as expressões sinceras, individuais e livres do mesmo ambiente colectivo. Entre as páginas de Azurara e Barros, por exemplo, e as de Mendes Pinto, "História trágico-marítima" ou Fr. Tomé de Jesus, existem as diferenças evidentes do estilo e do intuito; e não só com estes, mas com

autores estrangeiros contemporâneos se encontram essas diferenças com instructivo realce. Há mais sinceridade e exacta compreensão dos povos longínquos em Tomás Moro, por exemplo, do que em todos os nossos escritores de quinhentos, incluindo Camões.

Há uma poesia intrínseca, decerto, em alguns escritores e textos anónimos da época imperial; mas nesses mesmos — e talvez com mais razão — seria necessário distinguir a larga distância intelectual entre os escritores e artistas portugueses dos séculos XV e XVI e os homens cultos da Europa mais adiantada da mesma época; e mais sensivelmente ainda com aqueles que exprimiram mais tarde, compreendendo-as na exacta perspectiva humana e histórica, as realidades universais da expansão ultramarina portuguesa.

Hernâni Cidade exalta demasiadamente as justificações do que houve de cruel e espoliador no nosso imperialismo de quinhentos — o que reduz em igual proporção o valor moral das nobres acções e atitudes que realmente se deparam. Não exprime como convinha a compreensão dos nativos que a acção portuguesa atingiu; e nem mesmo a apreciação artística do que hoje vale apenas como arte tem o sentido e amplitude universalistas que se desejaríamos em obra de tão grande vulto. Por isso exagera a real valia de certas criações literárias, como o faz, por exemplo, destacando a "comoção do artista" em Jerónimo Osório.

As páginas dos historiadores das conquistas têm muito mais o cunho narrativo do que o emocional; há nelas muito menos sensibilidade europeia e moderna do que curiosidade medíocre de arrivistas.

Nos melhores escritores não há expressão sincera do exotismo, predominando as influências greco-latinas, petrarquistas, italianas da Renascença embrionária, etc.; e os escritores mais sinceros, como os míticos, estão refluídos para a exaltação interior do sensível e não para a emoção exteriorista que seria lógica em escritores de tal época e ambiente histórico.

O Professor Hernâni Cidade trouxe a primeira e, sob muitos aspectos, magistral contribuição para o estudo da sensibilidade e da arte portuguesas na época imperial. É este o seu nobre e apreciável depoimento de investigador literário a cujo mérito ninguém recusará a justa apreciação.

ÁLVARO SALEMA

LIVROS PARA CRIANÇAS



SÃO poucos os que entre nós escrevem para as crianças. E, desses poucos, só alguns se salvam como construtores de idéias e ensinamentos ao alcance da mentalidade infantil. Ponhamos, por isso, entre os poucos que sabem escrever para crianças — Eduardo Friaes e Francisca do Carmo Costa que nos dão agora "História de uma gorda de águas. As restantes histórias, de resto, têm o mesmo espírito educativo e moralizador que fazem do tiro destes autores dos mais aconselháveis para crianças.

Como eles são na realidade...

BENEDETTO CROCE



O filósofo de «O que é vivo e o que é morto na filosofia de Hegels nasceu nos Abruzzos, terra de contradições e ásperas lutas, como outros seus notáveis compatriotas: Ovidio, Mazarino, Gabriel d'Annunzio, etc. Na sua prosa de ensaísta refere ainda o sangue perturbado dessa raça aventureira e fascinada pelas ambições políticas. Apagada a sua acção doutrinária pelo domínio fascista, conseguiu fugir na derrocada do regime e teno-lo agora em Nápoles ao lado do Conde Sforza, mas talvez contra ele, preparando os alicerces da nova política italiana. Nervoso, febril, apaixonado pelas suas idéias dilectas com o entusiasmo dos fortes sentimentos, será Benedetto Croce, certamente, uma das figuras preponderantes na laboriosa reconstrução da Itália.

Nesta fotografia actualíssima representa-se o seu encontro com o general Mark Clark, comandante do 5.º exército aliado, quando este foi nomeado Doutor honorário em Ciências Políticas pela Universidade de Nápoles.

10 Minutos com V. Magalhães Godinho

DA personalidade intelectual do jovem professor universitário V. Magalhães Godinho já alguma coisa se disse aos leitores desta página. A entrevista que nos concedeu é uma esplêndida imagem do seu espírito.

— Que trabalhos tem em preparação?

— Preparo actualmente o 2.º volume de «Documentos sobre a expansão portuguesa». Ao mesmo tempo vou carrearando materiais para o estudo do problema da génese e grandes linhas de evolução do expansionismo nos séculos XV e XVI. Mas procuro não descurar certas questões que já aflorei e me parecem dignas de aturado exame: o problema da natureza da explicação histórica, o problema da técnica e da evolução humana.

— Quais lhe parecem ser os deveres actuais do intelectual nas suas relações com o público?

— Não me parece legítimo ou razoável exigir de todos os investigadores esse contacto com o grande público. Mas se é disparatado querer que cada cientista, cada historiador, cada filósofo, trabalhe pensando nos frutos próximos do seu labor ou na divulgação dos seus estudos, afigura-se-me certo que a cultura não pode no conjunto isolar-se das grandes massas sem que estole e móra. Por um lado é preciso que o grupo dos investigadores seja seleccionado só pelo mérito e não por circunstâncias extrínsecas. Por outro lado é preciso que a cultura seja a expressão de todas as pessoas, que o conjunto dos investigadores não permaneça alheio às grandes inquietações da sua sociedade e ponha ao serviço do bem-estar humano o seu labor. Vou mais longe ainda: parece-me da essência da própria cultura a sua difusão. Com efeito, a razão, base da cultura, é universalidade, comunicação, harmonia dos homens na diversidade para a realização duma tarefa comum, conexa.

— Parece-lhe, porém, que a história pode interessar largos círculos de homens?

— Considero muito natural que a história possa interessar círculos cada vez mais largos de homens — se é verdade que nada interessa tanto ao homem como os seus próprios problemas. A história é antes de mais a recordação da experiência de todos os homens, e vale desde logo como variação quasi ilimitada da experiência individual. Mas a experiência, para definir-se e ser utilizada, necessita de elaboração racional; a história combina-se assim com a psicologia e a sociologia, carrega materiais para estas ciências. Por outro lado a história, precisamente porque estuda o passado em si próprio, serve para explicar o presente e o libertar dos prolongamentos mortos do passado. Dos



problemas de ontem a história recorda-nos aos problemas de hoje e de amanhã. A história chega a colorir toda a nossa concepção da vida, colocando-nos como élos de uma cadeia que em nós não começa e em nós não pára — a cadeia da evolução dos homens e do universo.

— Interpretação subjectivista da história, ou confiança na sua objectividade?

— Não confio ingenuamente na objectividade da história, não aceito a arbitrariedade das interpretações subjectivistas. O historiador, eu sei, é influenciado pelas correntes religiosas, divisões das classes sociais, antagonismos de nações, partidarismos políticos, interesses seus e do seu círculo, temperamento e educação. Mas confio no esforço de objectivação, sobretudo à medida que as condições sociais o forem estimulando, e só aceito como verdade histórica a afirmação universalmente válida — válida para todos os homens. Só na medida em que se libertar ou superar aquelas influências é que aquele que trabalha em história será historiador.

— Condena então a construção da história a partir de teorias?

— Entendamo-nos. Toda a posição de um problema é já uma relação, de certo modo uma hipótese. Toda a resolução de problemas procede por hipóteses. Observe-se, entre parenteses, que o papel da hipótese em ciência não significa que seja lícito discordar das suas conclusões devido a razões não científicas. Portanto a história também necessita absolutamente de hipóteses. Mas é absolutamente necessário que tenhamos espírito crítico ou inadequação. O grande perigo é resolver os problemas com rótulos — sejam eles o espírito de cruzada ou o desenvolvimento das forças produtivas. A todos os dogmatismos a ciência tem sempre de contrapor a livre investigação, a subordinação ao real, a dúvida crítica.



Frederico George e, ao lado, a foto de um dos seus quadros expostos no S. P. N.



Martins Correia há muito que se impôs entre a moderna geração. Escultor de largo poder interpretativo, ele sabe também transportar para o barro, muito da sua alma de artista e de sonhador. O «Prémio Manuel Pereira» que acaba de lhe ser conferido pelo conjunto de obras já realizadas, é de justiça aqui assinalar. Martins Correia, jovem, ousado sem fugir às concepções da arte clássica, hoje como sempre marcou um especial lugar no nosso pequeno meio artístico.



Milly Possor, com dois trabalhos expostos, neste certame, obteve o prémio «Sousa Cardoso». Ao lado, damos uma reprodução do seu quadro «Sintra».

A 8.ª EXPOSIÇÃO DE ARTE MODERNA

DIZ Paulo Valéry: «La peinture permet de regarder les choses en tant qu'elles ont été une fois contemplées avec amour». Dessa contemplação sensitiva, dessa compreensão sensorial, nasceu a verdade com que a arte deve ser encarada, apercebida e interpretada.

Nasceu a arte moderna portuguesa à roda de 1910. Nasceu com um novo regime, uma nova ética, uma nova fórmula, uma nova interpretação de cores, de linhas, de contornos e de visualidades cromáticas e pictóricas. A evolução consequente abriu o caminho a gerações responsáveis, que tanto têm elevado o sentido de beleza e a capacidade receptiva e admirativa que envolve com manifesto aplauso geral os horizontes e as perspectivas da arte modernista. Ser moderno é pintar para o passado e para o futuro. Ser moderno é ser classicamente actual, ligar a síntese e a harmonia dos primitivos à exigência e à responsabilidade dos pintores e artistas da hora presente.

A actual 8.ª Exposição do S. P. N. não é, felizmente, um certame actual. Há nela uma atitude regressiva, uma inquietação, uma hesitação e uma babilónica confusão.

Com a capacidade que a arte moderna criou, elevando e superiorizando os seus artistas mais representativos, e depois da Exposição retrospectiva da arte francesa que rasgou novas claridades à pintura lusitana, para quem esteja em dia, embora até superficialmente, com os problemas da arte contemporânea, esta 8.ª Exposição é mais uma exposição, quando devia ser um clarim de triunfo, o desfrutar dum galhardete vitorioso.

Como foi feita a selecção? Como, em que circunstâncias, obedecendo a que plano e segundo quais condicionamentos?

Por quem, e seguindo que determinado caminho, foram essas obras concretamente responsabilizadas? Houve uma linha geral de conduta em que a obra responsabilizou o autor, ou foi o autor que definiu a qualidade e a essência da obra?

Uma função de educação estética exige dignidade para o fazer e, consequentemente, autoridade, competência revelada e existência dum categoria mental indiscutível.

Deram-se com esta actual exposição estes factores determinantes? Não o julgamos concretamente.

Para a atribuição de prémios oficiais afirmam-se depois de Eduardo Viana, de Botelho e de Maria Keil, que já os possuem, Lino António, Frederico George, Milly Possor, Ofélia Marques, António Pedro, Luciano e Sara Afonso.

Na escultura, mais qualificativa que a pintura, a par duma manifesta influência de arte estranha, afirma-se um valor notável pela elevação e pela beleza da sua composição, a que poderemos chamar escultura arquiveturada Hein Samke, com o seu S. Francisco monumental e individualíssimo. Uma equipa de novos afirma qualidades marcantes — Eutélides, Farinha, Valente e Joaquim Correia — e dá-nos a certeza duma escultura moderna portuguesa, totalmente independente. Canto da Maya, Fragoço, Duarte e Martins Correia já hoje três escultores representativos, mantêm os seus créditos num justo equilíbrio de valores.

Por vezes, no conjunto, não há unidade nas composições dos mesmos escultores. Dêsse natural desequilíbrio nasce uma esperança que é quasi uma certeza, na existência futura duma arte plástica autocone, haurindo na figura humana portuguesa a razão da sua independência criadora.

O escol destes artistas define a nossa arte actual, mais do que poderia definir uma ainda não afirmada arte moderna nacional. O nosso ecletismo é a nossa grande esperança numa certeza reveladora, a certeza em nós próprios.

Arte independente, arte essencialmente nacional, arte fundamentalmente clássico-vanguardista.

Levantemos bem alto o problema da estética da pintura e da ética da escultura. Superiorizemos a arte, e façamos dela o nosso orgulho, a nossa internacionalização, o nosso universalismo criador. Eis a nossa nova Renascença!

Findemos, também, com uma nova síntese de Paulo Valéry: «Le beau exige peut-être l'imitation servile de ce qui est indéfinissable dans les choses».

CORREIA DA COSTA

O jornalista Ribeiro de Carvalho, visto por António Santos

ANTÓNIO Santos é um escultor modesto nas atitudes em relação com o meio. Esconde-se no seu «atelier» sobranceiro à cidade, ali para os lados das Janelas Verdes e trabalha, trabalha sempre, disciplinando com a inteligência a sua chama de artista. Raras vezes aparece e acredita que o seu melhor trabalho lhe ficará para sempre dentro do espirito, como um desejo menino de agarrar núvens de sonhos. Entretanto, trabalha, estuda, vive para a sua arte. Quando Ribeiro de Carvalho morreu, António Santos moldou-lhe a máscara em cera. Depois disso — e já lá vai mais de um ano — António Santos tem-se dedicado ao trabalho de transportar para o gesso a expressão viva do ilustre jornalista. A



obra, que acusa invulgar semelhança, aproxima-se da sua fase definitiva — e, dentro de pouco tempo, será dada por acabada.

CARLOS BOTELHO, NO S. P. N.



CARLOS Botelho, o pintor de Lisboa, como já lhe chamam, e que tão bem sabe dar-nos imagens da nossa capital, expõe também no S. P. N. Mas, além de retratos e recantos de Lisboa, Carlos Botelho, um dos mais jovens pintores — e jovem, principalmente, pelo sentido desempoeirado da sua pintura — dá-nos alguma coisa de novo: «a morte do cavalo». A arena, quente de luz, cor e sangue surge-nos, assim, cheia de objectividade e realismo — com o poder evocador que Botelho tão bem sabe dar aos seus trabalhos.

SEBASTIÃO COME TUDO, TUDO, TUDO...

HISTÓRIA DE UMA CANÇÃO QUE CONQUISTOU LISBOA

que era um clássico das mimas floridas de chá. Aquilo cala bem. O pianista, que tocava na orquestra, interessou-se vivamente. Pediu-lhe que voltasse a entoa-la. Jone assim fez... E, passados dias, a canção era tocada, com retumbante êxito. Imediatamente se imprimiram coplas. Espalhou-se pela grande cidade americana, através de «placards», o «refrain». Dentro em breve, pela rádio, em discos, a canção se popularizava. Jone via crescer-lhe no bolso o péso duma fortuna — e mais de seis milhões de assobios invadiram o espaço, com entusiástico contentamento, para consagrarem a canção de Jone.

Em Portugal, evidentemente, não acontece nada disso. A música entra no domínio público, passa de boca em boca, enche os salões com a sua melodia, mas um dia morre, desaparece sem que o autor veja dentro do bolso crescer-lhe um grosso cabedal. Depois, gradualmente, já ninguém quer cantar a música que fez a sua época, que definiu, até certo ponto, a sua mocidade. Sim, porque uma canção pode, de facto, dizer-nos muito. Relembrar o tempo que passámos, os primeiros anseios dum beijo dado entre a balbúrdia dum baile e a recordação, vem, cantante, como a melodia que nos enredilhava no choque de corpos.

O «Sebastião come tudo, tudo, tudo» é uma cega-rega. E é interessante saber-se como o seu autor a escreveu.

O autor do «Sebastião come tudo, tudo, tudo», chama-se Alexandre Moreira e é músico distinto da orquestra do «Chave de Ouro», dirigida por Melo Júnior.

Toca violoncelo e contra-baixo de cordas. É um bellissimo rapaz, alegre, que tem executado nas melhores orquestras portuguesas.

— Porque escreveu o «Sebastião»?
— Eu lhe digo. Tenho sempre sobre a minha cabeceira um bloco para apontamentos. De noite, sem sono, vou-me lembrando de melodias que logo escrevinho, para não me esquecer. Outras vezes desperto com qualquer coisa nos ouvidos. Tomo nota, que tento depois pôr em seguimento — mas, quasi sempre desisto...
— Porquê?
— Porque não vale a pena.
Moreira proferiu esta última frase com uma ruga bem vincada no rosto.
— Mas o «Sebastião» deve-lhe ter dado muito dinheiro —volvemos curiosos.
— Qual! O único que recebi foi da Sasseti, pela impressão da música. E quanto julga? Ficámos hesitantes. Uma dezena de contos, sem dívida, com tantas orquestrações... Mas Moreira nem nos deixou atizar a nossa opinião.
— Quinhentos escudos! Quinhentos escudos é o grande êxito do «Sebastião». Ponha agora a percentagem que dei ao autor da letra, um popular poeta da Figueira da Foz, e aí está com que fiquei: trezentos escudos!
Ficámos de boca aberta.

— Dizem que a música vai para o Brasil...
— É natural. Eu já fiz perto de cinqüenta orquestrações. Toda a gente pede.
— Porque chamou «Sebastião» e não António ou João?
— Compreende. Sebastião é um símbolo. Na nossa época há muitos Sebastões e Sebastãos que comem tudo. Todavia, como já lhe disse, accedei uma manhã com esta frase: «Sebastião come tudo, tudo, tudo». Já há muito que eu queria escrever uma música de sabor popular. Mande uma carta para a Figueira da Foz a pedir ao poeta que me fizesse uma letra assim. E foi o que saiu...
— Como se chama o género da música, é um corridinho?
— É uma cega-rega. Vive absolutamente da mesma repetição, do tema e da graça do «refrain». Devo também parte do meu êxito ao carinhoso acolhimento que o maestro Melo Júnior lhe deu. Foi ele que a tornou popular atizando-a através da Emissora, na retransmissão do Salão de Chá do Chave de Ouro, onde ele actua há meia dúzia de anos.

— Depois, também a grande propaganda que se fez, com coplas, tiradas aos milhares.
— Tem mais algumas músicas?
— Muitas — e continuarei a fazê-las. E do que gosto.
O «Sebastião come tudo, tudo, tudo» vai novamente ser tocado. Os pares, bem agarrados, cantam numa algazarra o conhecido «refrain».
De facto, pensamos, quinhentos escudos por um êxito destes é caso para dizer que o «Sebastião» come e recome tudo — e o Alexandre Moreira, seu autor, não come nada...

MANUEL MARTINHO



Este que está a tocar é o Alexandre Moreira. A seu lado, está o autor da letra, o poeta popular J. Ottonário Santos



Melo Júnior, que dirige a Orquestra do Salão Chave de Ouro, foi quem deixou o «Sebastião» a correr por esse mundo fora...



Também os cegos enchem as ruas com a tónica remexida da cega-rega...



«Sebastião come tudo, tudo, tudo» é um refrains que os miúdos aprenderam já em casa.



ESTA canção anda na boca de toda a gente. Como um frémito que, cêfere, avassala num contágio permanente, o «Sebastião come tudo» tornou-se, na hora presente, a canção alegórica dum povo alegre, que acha que tristezas não pagam dívidas. Dos bicos atravancados, das vielas recodidas, doses pálios, galhofeiros e ruidosos, que enxameiam a capital de lés-a-lés, a deshoras, ainda há uma boca ensonada que canta o «Sebastião». Como a «Balalaika», que foi a maior epidemia de assobio que assolou nestes últimos tempos a cidade, o «Sebastião» vai-lhe no encalço com toda a poeira duma música que não quer envelhecer. O «Tiro-liro» foi outro êxito. Atravesou os mares, cruzou os oceanos e fez a alegria ruidosa doses entredos remexidos e alegres que só os «cariocas» sabem ter. Uma outra canção americana nasceu e fez popularidade nos «cabarets» de todo o mundo de forma bem exótica. Um Jone, marujo, bem tostado dos sóis do Oriente, cheio de absinto, aos tombos, cantarolou, baixinho, com tilintar de garrafas numa cervejaria de Nova York, uma melodia vaga, indecisa,



Quatro cardinas que até julgam a cantar o «Sebastião come tudo, tudo».



Faz não é só para cantar que o «Sebastião» se presta... Também gosta de bailar!

O EXEMPLO DE ESPANHA e a protecção ao Cinema Nacional

CERTAS pessoas, cujas excelentes intenções não pomos em dúvida, citam, a cada passo, como solução para os problemas do cinema nacional, aquilo que elles resumem, à laia de panacea salvadora, sob a vaga e supersticiosa designação do «exemplo da Espanha». Assim, para a nossa industria crescer, desenvolver-se e prosperar, não teriamos mais do que aplicar, uma por uma, as medidas postas em pratica no pais vizinho, adaptando com mais ou menos liberdade, ao caso nacional, as fórmulas e disposições que ali vigoram. Anda, com effeito, na boca de muita gente, «o exemplo de Espanha». E, no entanto, nada mais descabido e menos razoavel do que comparar a situação dos dois países. Portugal tem duas escasas centenas de cinemas. A Espanha possui hoje mais de 4.000 salas cinematográficas. Estes números medem, só por si, a distancia a que se encontram, cinematograficamente, ambas as nações, para que possamos aplicar ás industrias respectivas as mesmas receitas salvadoras. A existência de tão elevado número de animatografos, no caso espanhol, confere ao seu mercado um valor teóricamente vinte vezes superior ao nosso. E dizemos teóricamente porque, na pratica, o indice dos dois mercados está mais desproporcionado ainda, pelo facto de metade dos nossos cinemas terem uma exploração precária, sob todos os aspectos. Se acrescentarmos, como elemento de referência, que uma pellicula espanhola custa, em média, pouco mais do que uma fita nacional, facilmente se dará conta da posição da industria dos dois países, em face dos mercados respectivos.

O incremento atingido pela industria no pais vizinho é uma consequência directa da guerra civil ou, melhor, do «modus vivendi económico que a mesma impôs como necessidade premente. A dificuldade da saída de divisas, por um lado; certas medidas de defesa económica nacional, por outro lado; agravadas por circunstancias que não vale a pena mencionar — levaram o cinema americano a desinteressar-se do até então rendoso mercado espanhol. Os cinemas do pais vizinho viram-se limitados, quasi por assim dizer, aos filmes alemães e italianos, e aos que podia fornecer-lhe a industria nacional. Dispondo de mercado remunerador, esta não tardou em desenvolver-se. Surgiram depois as medidas proteccionistas. Mas o crescimento rápido não lhe foi favorável, porque, tendo atingido um notável nivel de perfeição técnica, a industria espanhola, a julgar por uma série de sintomas que está tendo agora o seu eco na Imprensa, atingiu industrialmente uma fase critica, que preocupa justamente quantos a ela se consagram.

Mas ainda que não tomemos em linha de conta os derradeiros aspectos desta evolução, parece que deixámos bem patentes e claramente indicados que os dados dos problemas não são equivalentes — e que mesmo com muito boa vontade não podemos aproximá-los nas soluções.

De resto, há quem pense, entre nós, que os problemas da nossa industria se resolvem apenas com leis. E esta idéa é tão errônea como perigosa. O Estado tem acompanhado com evidente carinho o cinema nacional. Muito embora lhe haja concedido facilidades extraordinárias, pode fazer muito mais. O cinema português necessita, certamente, de medidas de fomento e de protecção. Mas não devemos pedir que elas sejam descalçadas, pura e simplesmente, sobre as da vizinha Espanha. Não há dúvida de que se presentes animadores impetuosos na organização da nossa industria. Erguem-se novos estúdios, equipam-se novos laboratórios, adquirem-se novas aparelhagens de registro de som. Mas tal ansia de progresso e renovação ainda não se reflectiu em sensível aumento de produção de filmes ou em melhor orientação industrial. Neste captitulo, tudo continua como dantes.

O cinema nacional necessita de fazer um longo e minucioso exame de consciência. Precisa de reñir todas as suas forças e de congregar todas as boas vontades. Avalladas as suas fraquezas e possibilidades, deverá então pedir aos poderes públicos leis e medidas de protecção que se ajustem à sua capacidade e removam as insufficiências. Mas tudo isto será improfficuo e ficará inutilizado, se persistir a desorientação e a rotina, a incompetência e a aventura, o negócio oportunista e usurário.

...Porque, então, será menos inglorio tentar endireitar a sombra de uma vara torta...

FERNANDO FRAGOSO

ROSALIND RUSSELL CASOU-SE!



IAL qual como estão vendo! Rosalind Russell casou-se... Mas, desta vez, fot a sério. E o noivo, ao contrário do que poderiam julgar, não figura no número dos galãs com quem tem contracenado. Trata-se de um magnate dos estúdios e não deve nada à beleza. O que prova que as artistas do cinema amam, na ídola, os Apolos, e casam-se, afinal, com rapazes tão feios como qualquer de nós (honey só!). A foto mostra a moça artista em transe de servir-se de uma fatia do branco e majestoso «bêta de noiva». Quanto à sua alegria, não sabemos se será inteiramente espiritual ou empestada, ainda que em diminuta percentagem, pelo «champagne»...

Porque, neste casamento, bateu-se um record: trezentas garrafas «Mouet-Chandon» — uma fortuna nos tempos que vão correndo!



Uma canção... Um beijo... Uma mulher! Uma fórmula que resume, em si, o enredo das operetas germânicas, de que Ingrid Lutz e Harold Holberg são intérpretes. O tema volta agora a ser glosado em «Jovens Corações», e a foto que publicamos pertence a uma das mais graciosas cenas do filme. Descansar, assim, no regaço duma rapariga atraente — eis um programa de férias que todos vós, leitores, acolheríeis, por certo, com o maior agrado.

Porque não dobrar os documentários e outros filmes curtos em língua estranha?

Disney poeta da natureza

OS leitores já sentiram certamente, a mesma impressão de tédio!

Quando o filme documentário começa a correr, o «speaker», em ritmo «agitado», propõe-se relatar as maravilhas da paisagem que desfilia perante os nossos olhos ou as fases animadas da pugna desportiva a que assistimos. E como os filmes de «complementos», por via de regra, constituem, no programa, e sob o ponto de vista de rendimento, um peso morto, os distribuidores semeiam parcimoniosamente algumas legendas de dezenas em dezenas de metros e servem o manjar assim cozinhado às platéias portuguesas.

Ora — e neste ponto estamos todos de acordo! — porque não pedir, desde já, que tais complementos, quando falados em línguas estranhas, sejam «dobrados» em português? Neste caso, a «dobragem» só valorizaria tais tais pelliculas — e dariam assim que fazer aos laboratórios nacionais e, por extensão, aos técnicos portugueses.

E já agora, que de locuções falamos, porque não banir das nossas telas, a invasão igualmente intoléravel do locutor que em brasileiro comenta certas pelliculas curtas vindas de Hollywood. No momento em que Portugal e Brasil celebram o acordo que dará aos dois países uma língua única — não seria desejável e possível que os locutores brasileiros dos «complementos» americanos, falassem português — embora com o sotaque do seu País?!

Não será uma oportunidade excelente de abolir o «cacete», a «bobagem», o «guri», e outros mimos que nos perseguem através do «Reader's» e do Cinema?

WALT Disney não é só, como muitos pensam, o La Fontaine do cinema — mas o maior e o mais inspirado dos poetas da Natureza. Graças a elle — aprendemos a conhecer e a estimar os animais. E não apenas, os «animais nossos amigos», mas aqueles que, até há pouco tempo, encarávamos com repulsa ou indiferença.

Nunca mais poderemos ver um «grilo», sem nos lembrarmos do anjo tutelar de Pinocchio. Para nós, será sempre um animalito formal e concelioso. O pato marreco, que tínhamos como um dos bichos mais estúpidos da criação, ficará como um ser irritável e dos que, à custa dum azedume latente, provocam o desmoronar das grandes sensaborias. Impossível dissociar a sua imagem de Donald, feito à imagem e semelhança dos pacíficos navegantes dos riberões sertanejos. Quanto aos ratos, Mickey e os seus companheiros da tela, sem esquecer o prodigioso ratinho da série «Tom and Jerry» — o rato esperto e o gato estúpido — foram positivamente reabilitados pelo cinema. Educados na admiração das suas habilidades e do espectáculo extraordinário da sua vivacidade e esperteza, nunca mais se ouvirão gritinhos das meninas histéricas, quando um rato atravessar o aposento onde se encontram.

E este é, quanto a nós, o grande milagre dos desenhos animados. Ensinaram-nos que os bichos vivem, amam e sofrem como qualquer de nós. Que tem os seus problemas, as suas lutas e os seus anseios, e que dentro deles parece palpitar uma alma, semelhante à da pessoa humana.

No momento em que Disney nos dá esse maravilhoso «Bambi» que Lisboa está vendo — romance da floresta e dos seres que a povoam — cabem bem estas palavras, de exaltação e de justiça, à sua missão — e à sua obra!

Problemas de Rádio

DADO o oportuno interesse que pode oferecer aos nossos leitores, transcrevemos duma grande revista brailleira o seguinte apontamento sobre o futuro do teatro radiofónico e da televisão:

Rudof Arnheim levantou, há tempos, uma questão interessante. O aperfeiçoamento da televisão terá, como uma das suas consequências, a morte do actual rádio-teatro? O conhecido técnico acha que o «broadcasting» e o cinema caminham para a fusão. E fala em um futuro «rádio-filme», que serviria, pela descoberta de John L. Baird, às salas dos cinemas, transformadas em receptoras de rádio-filme televisado.

Esta opinião não é, entretanto, aceite por várias autoridades na matéria, inclusive Enrico Rocca. O autor de «Panorama Dell'Arte Radiofónica» põe em dúvida essa fusão total e deixa de admitir a absorção de uma «arte autónoma», pela simples aquisição de um melhoramento técnico. Concorda com a tese de que, certamente, o espectáculo radiofónico se modificará com a televisão. Mas em que sentido e como será levada a efeito essa alteração?

A derradeira afirmativa sobre o assunto pertence ao futuro. E, enquanto os debates permanecem no terreno inseguro dos prognósticos, o teatro do espaço vai procurando fortalecer-se em face do cinema e da televisão, com o aparecimento de novos géneros. Kurt Paqué defende o princípio de que, se no cinema sonoro a imagem não perdeu o seu prestígio completando-se com a palavra, a palavra deve, no microfone, procurar o complemento da imagem, sem prejuízo da sua hegemonia. Está certo.



Igrejas Caeiro quer ser pai!

ESTE Igrejas Caeiro é um dos casos mais interessantes da vida artística portuguesa. Dum momento para o outro, inesperadamente, ele revelou-se uma das grandes esperanças do nosso teatro. Entrou para a Companhia do «Nacional» e aguentou a pé firme as enormes responsabilidades que se amontoaram sobre os seus ombros jovens. Depois, passado pouco tempo, ele que se impõe ao microfone da Emissora como um dos mais equilibrados locutores nacionais. E, ainda sem grandes demoras, o cinema chama-o e apresenta-o como galã de «O Pórtio de Abrigos». Tudo isto em bem poucos meses. Ele pode orgulhar-se, por tanto. Das raras revelações do nosso meio artístico, é um dos que tem subido mais alto. Talvez seja mesmo um dos pouquíssimos que conseguiram triunfar, simultaneamente, nas três artes distintas: cinema, teatro e rádio.

Conhecêmo-lo dos tempos em que ele andava no «Rodríguez Sampaio» e nós dirigíamos revistas académicas...

Igrejas Caeiro era, então, um rapazote estudioso, bonito para as colegas e simpático para os colegas. Não mostrava ainda tendências artísticas. Nada disso. Ele apenas ambicionava tirar o Curso depressa e ser diplomata. A diplomacia atraía-o, irresistivelmente. E a nós próprios, Igrejas Caeiro confessou uma vez: «Ou diplomata ou advogado. Não escolherei outra carreira».

Afinal, lá diz o rifão: «O homem põe e Deus dispõe». Um belo dia, de surpresa, soube que Igrejas Caeiro triunfara ganhadoramente no Concurso «A procura dum artista...», organizado pelo «Diário de Lisboa» e pela Emissora. Adeus curso, adeus diplomacia, adeus advogados... Ontro caminho se abria. E Igrejas Caeiro entregou-se todo, de alma e coração, aos novos horizontes que o fascinavam.

E as surpresas amontoaram-se. Êxitos sobre êxitos, no Teatro. Elogiados pela crítica e querido pelo público. Protagonista do «Pórtio de Abrigos». A voz correndo Portugal inteiro, transmitida pela Emissora e por outros postos radiofónicos. A figura do primo Balazar interpretada por ele com verdade e talento, no «Amor de Perdição». E, mais recentemente, escolhido para galã do novo filme «O violino do João».

Aliás, Igrejas Caeiro é o homem das surpresas. Foi, também, de surpresa, que ele anunciou o seu casamento com a simpática e insinuante Irene Velez, artista descendente duma família de artistas...

Fomos encontrá-los, na sua lua de mel diária. E da conversa que travámos despreocupadamente com Igrejas Caeiro — nasceu a ideia desta entrevista.

Ele falou-nos da melhor recordação da sua carreira.

— Foi na minha estrela, com «O caso do dia», no Nacional, ao lado de Amélia Rey Colaço. Não mais poderia esquecer essa noite de expectativa e de esperança!

— E qual a sua pior recordação?

Um sorriso vagaroso, calmo.

— Não tenho piores recordações, felizmente. Todas são boas!

Insistentes:

— Satisfeito então com a sua carreira?

Ele fez uma pausa. Depois foi dizendo, a medir as palavras:

— Sim, estou satisfeito com a carreira que escolhi. Mas desejo muito mais. Desejo ser um grande actor, um verdadeiro grande actor. É essa a minha maior ambição artística!

— E que papéis prefere?

— Oh, indiscutivelmente, eu sinto-me galã de comédia. Ah, estou à vontade, dentro do meu género predilecto.

Passou um silêncio entre nós. Deixámo-lo passar e reatámos a conversa:

— Continua no «Nacional»?

Cresce uma ruga entre os olhos de Igrejas Caeiro.

— Não. Fui dispensado por causa do serviço militar. Quando voltar, já tinham preenchido a vaga. Tenho pena de deixar a empresa, pela camaradagem com que os meus camaradas sempre me distinguiram e pela admiração sincera que tenho por Amélia Rey Colaço — aquela que guiou os meus primeiros passos de artista. A voz dele enchiu-se de ligeira emoção. Não desviámos a conversa para outro campo. E quisemos apanhar as opiniões de Igrejas Caeiro acerca do Teatro, do Cinema e da Rádio.

Logo de início, ele declarou-nos, com franqueza:

— Das três modalidades, prefiro o Teatro. É o que me satisfaz mais como artista, ainda que goste de cinema e de rádio.

De seguida, sobre o problema do teatro português, Igrejas Caeiro afirmou-nos:

— Vai por muito mau caminho. Cada vez pior. E sabe porquê? Porque faltam os mestres e porque se ajuda pouquíssimo os actores novos. Quanto ao Conservatório, acho-o sempre útil, tanto mais que vão surgindo, aos poucos, bons professores...

Referindo-se ao cinema, por sua vez, Igrejas Caeiro expôs outro parecer:

— Não há graça nem espírito nos filmes portugueses. E eu sou de opinião que se deveriam fazer comédias salutares, sem cair nos «popularuchos». Para a hora que passa, a comédia é muito preferível ao drama!

— E, finalmente, falámos de rádio.

Ele lembra as declarações feitas por Francisco Mata à nossa revista:

— Estou inteiramente de acordo com o Mata. Na nossa rádio existe ainda muito amadorismo. E é preciso acabar com isso. Logo que os capitalistas descubram o negócio da rádio...

— o futuro será outro, com certeza.

A conversa teve de acabar. Igrejas Caeiro ia para os estúdios da Lisboa Filme.

Antes de partir, ainda lhe fizemos uma pergunta indiscreta:

— Porque se casou Você?

Ele sorriu:

— Encontrei uma mulher de quem gostei.

A seu lado, Irene Velez sorria, também, um sorriso bonito.

Igrejas Caeiro olhou para ela, olhou para nós e sorriu mais.

— Sabe qual é uma das minhas maiores ambições de agora? Ser pai!

E despediu-se apressado. E nós corremos a dar esta novidade aos nossos leitores: Igrejas Caeiro quer ser pai!

REPORTER DOIS

Á ESCUTA...

SOBRE PROGRAMAS

GRAÇAS E GRAÇOLAS

DE há um certo tempo a esta parte, os nossos postos emissores têm melhorado a organização dos seus programas, especialmente a Emissora Nacional. Ao princípio mesmo desta remodelação, ouvimos períodos bastante equilibrados, tanto na ideia, como no arranjo e até na confecção literária. Mas depois — hábito velho na nossa terra — o esforço começou a pesar, a boa vontade a desaparecer, o «não te ralares a dominar...» E ultimamente, chegámos a esta conclusão desanimadora: os organizadores já não se interessam pelos programas de que são responsáveis. Aquilo vai mesmo assim, de qualquer maneira. As ideias repetem-se, os arranjos não têm originalidade, o estilo literário não precisa de ser cuidado. Ouvimos na terça-feira passada um dos programas de Fernando Garcia «Tudo depende da hora», na Emissora Nacional. E perguntamos apenas, sem mais comentários,

se a constante repetição de palavras no texto lido, também depende da hora?

Fazer humorismo é difícil, muito difícil, toda a gente o diz. Mas, afinal, nos postos amadores portugueses, aparecem uns certos cavalheiros que aparentam não conhecer essa verdade. E, pronto, num ápice, armam-se em humoristas. Aponemos, por exemplo, o caso de Miguel Coelho que, de vez em quando, ao microfone de Rádio Peninsular, pretende ter graça. E para isso faz uso de imensas graçaças, descoloridas pela velhice e pela maneira pretenciosa como são ditas. Ora, entre graçaças e graçaças, há um mundo de distância...

UMA BOA NOTICIA

Consta, em certos meios radiofónicos, que um grupo de capitalistas vai financiar as organizações dum dos nossos postos particulares.

REPORTER DOIS

O ALCANCE SOCIAL DA RÁDIO

RECEMTEMENTE, na campanha em benefício das crianças vítimas de paralisia, altas personalidades americanas vieram até junto do microfone rogar compaixão e «auxílio para os pequenos desprotegidos pela sorte. Vemos aqui a senhora Roosevelt, Mary Pickford e a senhora Reed, esposa do presidente da Suprema Corte



Assim se provou, mais uma vez, a vasta missão social que a rádio pode desempenhar no mundo de hoje.

A "RAPOSA"

UMA tarde destas, tive de subir parte da Rua Rodrigo da Fonseca. Quando menos se espera encontram-se, às vezes, algumas páginas de história. Foi o que me sucedeu nessa tarde. Enquanto subia lentamente a rua fui pensando no homem cujo nome fôra dado àquela artéria cidadina. Como sabem, Rodrigo da Fonseca desempenhou na vida pública do século XIX um papel de significativo relêvo. A Regeneração entregara-lhe a pasta do Reino, porventura a pasta mais difícil do período político que se iniciara em 1851. Na verdade, a natureza dotara generosamente aquele homem. Estamos a vê-lo, através da expressiva pintura que dele fez Bulhão Pato, forte, hercúleo, peito largo, enfiado numa sobrecasaca de baetão preto, e irradiando da sua pessoa uma tão singular sagacidade que, de certo modo, justificava o «sobriquet» de «Raposa» — por que era conhecido no seu tempo. Político; orador; diplomata; possuidor duma vastíssima cultura; conhecedor, não apenas os homens mas — o que é ainda mais difícil — as próprias mulheres; sabendo cultivar, não apenas o sentimento, mas — o que é ainda mais perigoso — a ironia, Rodrigo da Fonseca, quaisquer que fossem os defeitos humanos que lhe apontavam e pelos quais a História não deixou de o julgar, foi, incontestavelmente, uma das figuras marcantes da sua época. Durante a sua longa passagem pelo Poder ninguém poderá apontar-lhe um acto de corrupção em proveito próprio. Veneras e títulos rejeitou-os sempre. Quando D. Maria II o obrigou a aceitar uma grã-cruz, êle não se conteve que não exclamasse, num sorriso vagamente irónico:

— Que mal faria eu a Vossa Magestade!

Veneras e títulos queria-os êle, não para si, mas para captar os seus inimigos, — que não eram poucos. Era bem a «Raposa». Uma noite, em casa do ministro de Espanha, conversava Rodrigo da Fonseca com Bulhão Pato, quando atravessou a sala uma senhora que fôra uma das mais lindas mulheres do Romantismo e que não escondia a sua inimizade politica por Rodrigo.

— Que faz por aqui, conselheiro?

Logo êle, numa mesura:

— Vejo as belezas que passam, minha senhora! Sempre a «Raposa».

LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES



FALA-SE ESTA SEMANA

ADRIANA RAMOS PINTO



É muito raro — pelas dificuldades técnicas que oferece — aparecer alguém a interessar-se pela miniatura sobre marfim. Por isso, mais ainda é de sa-

lientar a representação da artista portuense, sr.^a D. Adriana Ramos Pinto, na recente exposição de pintura, nas Belas Artes, da capital do Norte. A crítica e quantos visitaram essa exposição notável pela delicadeza e perfeição da forma, saúdam a ilustre artista, discípula do grande e saudável mestre da miniatura, Marques de Oliveira.

S. SCHMULWITZ



No «Niassa», a caminho da Palestina, sua pátria, seguiu há dias este nosso prezado colaborador. S. Schmulwitz é um jovem de talento e largos

conhecimentos da politica que fizeram d'êle um dos nossos mais apreciáveis comentadores de assuntos internacionais. Algumas das suas crónicas obtiveram êxito invulgar e o seu trato pessoal, afável e correcto, deixam-nos sincero desejo de o ver regressar um dia ao nosso convívio. S. Schmulwitz vai, entretanto, mantendo contacto com os nossos leitores, através de crónicas e reportagens que nos irá enviando, sobre alguns dos mais palpitantes problemas do Próximo Oriente — o que certamente será do melhor interesse para todos nós que o lermos.

PAIVA COUCEIRO desceu ao Chiado...

PASSOU, há pouco, mais um aniversário do chefe das incurções monárquicas — Paiva Couceiro, uma figura venerável que o velho regime nos legou e que conserva, a par de extraordinária vivacidade de espirito, a mais respeitável firmeza de idéas. Hoje, êste homem de vontade férrea e una só fé, vive afastado do mundo politico, numa casa repousante da linha de Cascais. Raras vezes vem a Lisboa — e no Chiado a sua presença pode dizer-se que há multos anos não era notada.

Um dia destes, porém, Paiva Couceiro, cuja experiência da vida jamais lhe arrefeceu o impeto polemistico, desceu ao Chiado, naturalmente animado pelos esplendores de um sol abusivo de primavera precoce...

A objectiva indisereta de Benoitel surpreendeu-o aqui a dois passos do Cambões, quando falava com Teófilo Duarte.

Evocação sumária de uma época de jornalismo

Era uma época de transição, semelhante talvez à de agora, em que os jornais, encerrados na malha estreita do noticiário da guerra, cedem o passo às revistas ilustradas. Derouet, na sua sensibilidade extra-lusitana, sentia que a Imprensa, em Portugal como lá fora, tinha de apresentar algo de novo. Havia um público insatisfeito, ávido de novas leituras, o qual rebuscava as tabacarias da Balça e comprava, às dezenas de milhar, jornais espanhóis, de preferência o ABC e «El Sol», jornais franceses e suíços, de que nos afastava o alto câmbio e a alta qualidade. E, enquanto desse tempo, marcavam a eclosão pública da crise nos jornais, os diários anquilosados, quer fosse «O Mundo», quer o «Dia», quer, ainda, o sempiterno e cimentoso «Diário de Notícias», baixavam as tiragens, os assinantes, a publicidade...

Só nascera, firmara-se e subira a «Capital», criada por Manuel Guimarães. Faltava, e êle, Derouet, sentia-o, um diário da manhã, que desse ao público a quantidade de imagens e de emoções por êle reclamada pertinazmente. Enfim, cumpria-se o prolóquio latino: «...voz do povo, voz de Deus».

Outra coisa mudara: essas camadas rumorosas e numerosas não cabiam já na classificação apertada, estricte, facciosa, muito de partido, nada de cidade, de um jornal como o «Mundo». Derouet auscultava a capital, sentia-lhe, nas lividas madrugadas, os exércitos de gente nova e resolveu-se a dar o golpe, autêntico golpe de Estado na Imprensa da época, que foi a criação de «A Manhã».

Tolerante, ampla, agradável, derretia-se-nos na boca com o úmido e açucarado sabor de um caramelo peitoral. Um pouco feminino, atraía o exército das salas; bastante literário, sem exageros e sem golpes de folhetim, concentrou o público disperso dos impressos exóticos.

Desde o seu primeiro número, «A Manhã» foi uma força. Derouet, modesto e com a noção dos valores jornalísticos, quis gente nova. Por não a haver, criou-a. Assim, desde o primeiro número, fulguravam as colunas hábeis, marteladas, de Mayer Garção. Norberto de Araújo, há multos anos jornalista,



Mayer Garção

pois nascera jornalista e morrerá a escrever nos jornais, teve na «Manhã» o seu certificado de maioridade literária. Na sua secção de «Miniaturas», adorável de leveza, deu a alternativa a Norberto de Araújo e a Norberto Lopes, após lebre de jornalistas a Coimbra. E, se a memória me não atraiçoa, foi nessa redacção empoleirada no alto edificio de São Roque, onde esteve a Companhia Nacional de Carruagens, que Derouet assinalou e incitou o talento frio, meticoloso, rigoroso, de Carlos Ferrão.

Muitos outros homens de letras e jornalistas frequentaram as colunas de «A Manhã». A assiduidade, a permanência, a perfeição de estilo e realização partiam, no entanto, destes três nomes: Mayer Garção, Derouet e, como mais novo, Norberto de Araújo.

Derouet fecundou a sua época jornalística. Submerso, extemporaneamente na morte, que reviva, no menos, durante êste quarto de hora de leitura.

CONSIGLIERI S.A. PEREIRA

A ENTREVISTA DA ACTUALIDADE

João Fragoso, um escultor da moderna geração, diz:



JOÃO Fragoso acabou o curso de escultura o ano passado, com a elevada classificação de 19 valores. Ainda aluno, na Exposição do «Mundo Português», onde trabalhou durante dois anos, provou bem as suas excepcionais qualidades artísticas. Recentemente atribuíram-lhe o prémio «Rui Gameiro-Maria Helena», pela escultura que apresentou, na tese final do curso — «S. João de Deus», uma figura de santo humanamente esculpida. Agora é professor da Escola de Arte Aplicada António Arroio, e o seu depoimento reveste-se de grande interesse porque João Fragoso ocupa na moderna geração artística — um lugar de vanguarda.

A nossa primeira pergunta é sobre o prémio e, porque lhe foi concedido, João Fragoso não escondeu o seu contentamento:

— De facto, o prémio «Rui Gameiro-Maria Helena», muito me honrou, tanto mais que foi agora pela primeira vez atribuído; outros escultores virão a merecê-lo e espero que um dia possamos nós, os premiados, organizar uma exposição retrospectiva de Rui Gameiro, um dos valores da nova geração, e respirar ainda nesse extraordinário pormenor da

escultura do monumento ao Infante. — E que pensa da moderna geração?

— Compreende: eu faço parte dela, e, por isso, não posso fazer um juízo insuspeito, definitivo...

— Todavia deve haver aspirações...

— Pois claro! E desde já destaca-se uma, ligada a uma imediata necessidade: a construção de «ateliers» para escultores. Hoje trabalha-se em casas sem condições, em quartos, em «marquises» — e os raros que têm «atelier» é pequenissimo, resultando que a escultura que por aí aparece é um milagre.

E depois duma pausa:

— Precisamos também de ter contacto directo com a escultura grega, italiana da Renascença e Francesa Moderna. E se agora esse contacto é impossível deveremos ir ao Norte de Espanha, a Barcelona, a Valadolid. Também lhe posso dizer, em primeira-mão, que penso fundar, com colegas, um clube de escultores. Tentaremos a edição duma publicação semestral com obras dos associados — e isso já é um contributo para o levantamento construtivo do mundo após-guerra.

— E do seu trabalho, da obra premiada?

— A figura do Santo que escolhi para defesa de tese de escultura é uma das figuras mais caritativas da Igreja e é portuguesa. Nasceu ali em Montemor-o-Novo, no coração do Alentejo e é um dos portugueses da idade de ouro de 500. Não embarcou nas Naus para dar à Europa novos mundos, mas teve no Mundo do Espírito pela primeira vez a noção do trato, que só agora o Mundo civilizado observa com os doidos. É preciso que sejamos gratos sempre, a quem nos deu Portugal nas suas fronteiras e no seu espírito. E S. João de Deus é um dos grandes de Portugal.

Comissão Insular DA Sociedade de Geografia

Na Sociedade de Geografia tomou posse a Comissão

Insular, secção que faz parte da orgânica daquela instituição — destinada a fomentar um largo desenvolvimento entre as ilhas e o continente. Esta Comissão é presidida pelo sr. professor Dr. Azevedo Neves, um açoreano notável pela acção e pela mentalidade. A posse foi conferida pelo presidente da Sociedade de Geografia, sr. almirante Azevedo Coutinho, que fez o elogio dos empossados e traçou o esquema das realizações para a divulgação desse pedaço do mundo português — perto de nós e dentro de nós. O sr. dr. Azevedo Neves falou também a propósito do programa que vai ser posto em prática, sendo todos os membros da comissão muito cumprimentados pela assistência.



NOTAS RÁPIDAS



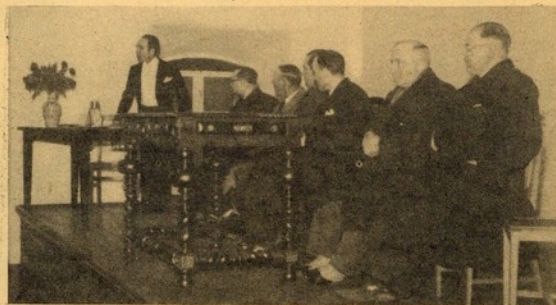
O Chefe do Estado e o sr. Presidente do Conselho, com alguns membros do Governo, inauguraram, no último domingo, um novo bairro de casas económicas em Xabregas. São 472 habitações excelentes, com as quais muito beneficiarão as classes populares.



Durante a sessão inaugural, a que presidiu o Chefe do Estado, falaram os srs. drs. Trigo de Negreiros e Esperqueira Mendes, respectivamente subsecretários das Obras Públicas e das Corporações. Na foto, vê-se este último falando do significado do melhoramento.



No gabinete do Intendente Geral dos Abastecimentos, o sr. capitão Silva Carvalho tomou posse do cargo de chefe da Secção de Fiscalização daquele organismo. A cerimónia, que foi simples, esteve largamente concorrida. A foto mostra-nos o empossado, quando proferia o compromisso de honra.



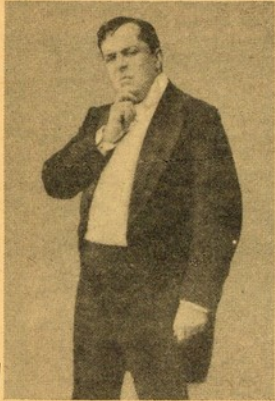
Loureiro Botas é um escritor tão brilhante como modesto. Raras vezes aparece e só a forte impressão que o seu livro deixou no público e na crítica o não baniti da lembrança de quantos lêram «Litoral a Oeste». Agora — éte que nos anuncia um novo romance — surgiu como conferencista na Casa do Distrito de Leiria, onde falou da gente e dos costumes de Vieira de Leiria, como só éte nos sabe falar.

TEATRO NÃO HÁ DIREITO!

Quando

AUGUSTO ROSA representava "O Metro"

AQUI SE ACUSAM MARIA MATOS e ASSIS PACHECO!



INFELIZMENTE é verdade, mas é necessário ter o desassombro de o dizer: Maria Matos e Assis Pacheco são culpados de contribuírem para o abaixamento do gosto do público português.

Não somos contra A nem contra B, mas somos, por princípio, contra os maus elementos que, pela sua posição, pelo prestígio do seu nome, deviam e tinham a restricta obrigação de pugnar pelo teatro português, procurando, por todos os meios, erguer o público do mau gosto em que anda atolado, não por culpa sua, mas por culpa dos empresários que aceitam más peças, dos comediógrafos que escrevem más peças, dos artistas que as representam.

Não se trata aqui, por hoje, de atacar as revistas, os revisteiros, os teatros do Parque-Mayer—esse bordel do mau gosto—nem tão pouco de procurar embarretar idéias sãs nos cérebros, que são burros ou livro de cheques, dos nossos conceituados empresários. De ante-mão se sabe ser tarefa inglória tentar, uma vez mais, dizer, gritar, berrar junto dos moucos ouvidos d'esses senhores, que não é só com comédias pires, com comédias reles, com comédias sujas que podem auferir bons lucros para atafulhar na churras. Isso eles não percebem nem nunca o perceberão. Para elles o teatro só pode ser de Shakespeare ou de asneirada. E como o nosso público não comprehende Shakespeare, toca a dar-lhe asneirada. E vão lá tentar explicar-lhes que da asneira a Shakespeare, que da porcaria a Ibsen, que da frioleira a Shaw, que da pizeira a Pirandello há um mundo de estados intermediários! Não é só com Shakespeare encenado por um Reinhardt, por um Antoine, que temos obra de bom gosto. Comédias, farsas, umas sérias e profundas, se bem que populares—também são prova de bom gosto. Mas enfim, elles são comerciantes e, como comerciantes, têm as suas leis. Crêmos não haver, na Código Commercial, nenhum artigo que os

possa impedir de matar o teatro português. E matam-no mesmo!

Também não se procura aqui censurar os pobres artistas que, vítimas de um sistema, são obrigados, queiram ou não, a representar os papéis que lhes entregam, contribuindo, deste modo, para a representação de coisas inconcebíveis, sem pés nem cabeça, mas que embrutecem o pobre do espectador, que o aviltam mesmo sem lhe dar por isso.

Tão pouco se pretende pregar moral junto dos comediógrafos e revisteiros, dos tradutores, adaptadores e mistificadores, para que deixem de borrar papel—se são incapazes de fazer obra de maior préstimo.

O que se pretende é apenas pedir que certos artistas sejam mais conscientes, mais dignos do seu valor e do papel que desempenham dentro do nível artístico português.

Compreende-se—não há outro recurso senão compreender—que o empresário do «Variedades» financiasse a comédia luso-espanhola «As três Marias», porque estava certo de que ella lhe traria lucros.

Esse senhor é apenas empresário e, como empresário, pode financiar as peças que lhe pareçam êxitos de bilheteira. Exigir outra coisa d'ele—seria absurdo. O senhor João Bastos, embora tenha escrito bastante para o teatro, tendo, portanto, dentro d'ele as suas responsabilidades, também não se julga com o dever de adaptar apenas peças de jeito. Pilar Milan Astray pode, igualmente, escrever comédias reles, que ninguém tem nada a ver com isso. Mas que Maria Matos e Assis Pacheco, professores do Conservatório, as escolham, representem e encenem, isso já fia muito mais fino!

Pode-se objectar dizendo que o Estado apenas lhes paga para exercerem o cargo de professores da nossa única escola de teatro e que, fora do Conservatório, ninguém tem que ver com a sua actividade, seja ella útil ou prejudicial ao teatro português.

Triste objecção! Não ensinará um professor, sobretudo pelo seu exemplo? E que exemplo dão Maria Matos e Assis Pacheco? Não serão as suas peças motivo de confusão para os seus alunos?

Dirão elles: cisto é que deve ser o verdadeiro teatros, Sim, por que se não o fôsse, não se comprehenderia que os seus professores o fizessem. Que valor, que espécie de ensino poderá ser ministrado por dois professores que, á noite, terminadas as aulas, sobem a um palco e desatam a representar coisas impossíveis, com uma encenação impossível?

Mas elles vão mal?—pregunta-se. Não. Nem Maria Matos nem Assis Pacheco interpretam mal os seus papéis. Pelo contrário. São dois grandes artistas—e é inútil acrescentar mais adjectivos. No que elles vão mal—e muito mal!—é em escolherem e aceitarem aquellas farçadas ignóbeis, tornando-se solidários com o autor, com o adaptador, com o empresário e dando um mau exemplo, um péssimo exemplo aos seus alunos.

O gosto do nosso público cada vez anda por mais baixo. Mas o gosto dos nossos artistas não é muito superior, infelizmente. E que teatro irão fazer amanhã os discipulos de Maria Matos e de Assis Pacheco? Que idéias serão as suas? Que conceito será o seu?

Podrá ainda dizer-se que os vencimentos, como professores, não chegam, por si só, para Maria Matos e Assis Pacheco viverem. Estamos de acôrdo. Isso, porém, não impede que o paradoxo deixe de existir: um professor a dar maus exemplos. E a mau gosto do nosso público continua a ser alimentado em proporções cada vez mais fortes...

L. P.

TEATRO E REALIDADE

NO teatro moderno francês conquistaram Georges e Ludmilla Pitoëff um lugar insuperável—o que lhes dá sempre perante os espectadores essa maravilhosa aliança do sonho e da realidade. Com igual talento interpretam no palco o trágico de Shakespeare, o fantástico de Tchekov, o sonho irónico de Bernard Shaw. Entre tanta coisa que morreu na França sob o vendaval da guerra, esse casal de artistas sobrevive e persistirá nos tempos incertos que estão para vir. Liga-os a força comum de uma personalidade que só em comum se comprehende. Um dia perguntaram-lhes em que se baseava a sua colaboração. Georges respondeu primeiro: «A admiração». E Ludmilla, por seu turno afirmou: «O amor!»



O dominio verdadeiro das suas criações teatraes, dizem os melhores criticos francezes, é a intelligencia—e o mistério das almas, a tristeza dos sonhos fracassados, o cómico e o trágico do Hamlet de todos os tempos.

Mistinguett, tem medo de se constipar

MISTINGUETT regressou, de novo, ao «music-hall». Todavia é no seu quarto, num espaço de dez metros quadrados, que ella ensaia os seus números. Isto porque o palco não tem «chauffage» e Mistinguett recia constipar-se.

Nesta foto, vemos-la na sua casa do Boulevard des Capucines, experimentando os fatos que há-de vestir em cena.



PERIGO DE MORTE!

EUNICE MUÑOZ IA AGREDINDO UM REPORTER...

ERA uma vez uma menina... Ape-tece contar assim, como num conto de fadas e rainhas, a vida de Eunice Muñoz, essa menina bonita que tem apenas 15 anos e um grande amor pelo teatro.

E fininha, alta, nos seus lábios anda sempre um sorriso a cribrular alegrias e, quando fala, os olhos brilhando muito, falam ainda muito mais do que ela.

PERIGO DE MORTE!...

Foi um encontro casual, aquêlo. O voltar de uma esquina, dois corpos que se chocam, e as inevitáveis frases do estilo:

— Desculpe...

— Ah, queira perdoar...

Depois o repórter olhou melhor para a jovem com quem tinha esbarrado. Seria acaso que...

— Não é a Eunice Muñoz?

— Sou...

Era ela mesmo! E o repórter desatou a fazer perguntas:

— Onde vem?... O que faz?... Para onde vai?...

Os olhos de Eunice Muñoz estavam postos em cima do repórter. Não podia perceber que um desconhecido depois de a ter empurrado ao dobrar uma esquina, ainda a viesse aborrecer com perguntas desenxabidas. Eunice Muñoz pensava, certamente, que estava diante de um daqueles meninos do Chiado, galantes e efeminados, que passam o dia a dizer piropos às damizelas elegantes que fazem do Chiado passeio obrigatório.

— Preciso muito de falar consigo — insistia o repórter.

Eunice Muñoz fez uma cara feia.

— O senhor deixa-me em paz, ouviu?

E, apressada, pôs-se a trepar aquêlo bocado da Calçada do Combro. O repórter, pobre dêle, é que nada percebia. Foi-lhe no encaço.

— Escute, Eunice...

Mas ela não queria escutar. Cada vez andava mais depressa. Ombro a ombro, o repórter insistiu:

— Não compreendo... mas... eu... eu... sim...

Súbito, Eunice estaca. Os seus olhos pareciam fôgo. Os lábios tremiam-lhe de cólera. Pega na ponta da mala que levava, talvez para esborrachar a cara do repórter. O jeito era mais do que evidente. O repórter percebeu-o num ápice. E antes que a mala descrevesse a sua trajectória, pôs-se um bocado ao largo e tartamudeou:

— É... é da «Vida Mundial Ilustrada»... Quero entrevistá-la...

Eunice Muñoz fita-nos com assombro. As suas feições já haviam perdido, felizmente, aquêlo ar austero, que arripiava.

— É da «Vida Mundial Ilustrada»?

— pergunta, ainda um tanto duvidosa.

E como o repórter, a mêdo, cabeceava uma afirmação, ela rasga os lábios numa gargalhada alegre, muito saltitante. Algumas pessoas que passavam, pararam de propósito só para a ver rir. No fim, mais serêno, o repórter também riu. E foi assim que se deu aquêlo encontro... que podia ter sido fatal...

DOIS GULOSOS QUE SE JUNTARAM...

Agora, o repórter caminhava ao lado de Eunice Muñoz.

— Porque não disse logo que era dos jornais? — perguntava ela num jeito trocista.

O repórter deu de ombros. Quem podia adivinhar que o tomariam por horrível galanteador? Foi um momento infeliz...

Passaram diante de uma pastelaria. Eunice entrou.

— Vamos comprar caramelos?

Que a Eunice é uma tremenda gulosa, fiquem todos sabendo! Este é o seu castigo de ter querido sovar o repórter. Mas o pior é que repórter também gosta muito de caramelos... Abancaram a uma mesa, mandaram vir um prato chefiinho. E foi a comer

caramelos e a lamber os dedos que Eunice Muñoz contou a sua vida.

A MENINA DOS LACINHOS

Para a peça «Vendaval», Amélia Rey Colaço necessitava de uma jovem com habilidade. Quem há-de ser, quem não há-de ser? Sales Ribeiro indicou uma menina muito azougada, que era filha e neta de artistas. Porque não a haviam de experimentar? E experimentaram-na. A menina azougada deu conta do seu papel — e deu-o tão bem que tôda a gente, na noite da estreia, reparou nela. Tôda a gente, menos os críticos, naturalmente. Mas Maria Lalande e João Vilaret profetizaram logo: «A Eunice é uma revelação». E foi...

Nesse tempo, Eunice Muñoz tinha doze anos. O repórter quis saber como ela era.

— Como agora, muito destravada! — e meteu dois caramelos na bôca. — Mas usava lacinhos no cabelo. Até me chamavam a «menina dos lacinhos»...

Depois, a Eunice ficou pertencendo ao elenco do Nacional, e trabalhava não como uma garota de doze anos mas como uma mulher. Tanto assim que, depois de ter entrado na «Maria Rita» e na «Castro», fez o segundo papel feminino na peça «Sua Alteza».

INTRIGAS NO BAIRRO

E foi então que se começou a falar, a resmungar, que isto, que aquilo, que não havia direito, que a Eunice não tinha idade para trabalhar nem como artista nem como discípula, e mil outras coisas mais. Resultado: a Inspecção proibiu-a de representar.

— Quem foi o chefe dêsse «complot»? — pergunta o repórter.

Ela sorri.

— Não sei... Isto nunca se sabe...

E a «menina dos lacinhos», com as



lágrimas a embaciarem-lhe os olhos, teve de arrumar a sua mala e, triste, muito triste, voltou para casa, à espera de fazer 14 anos e de se poder matricular no Conservatório.

— Foram dois anos de solidão e de melancolia, que nunca mais findavam — murmura ela docemente.

Depois, os seus olhos voltam a animar-se:

— Mas já passaram! Fiz, no Maria Vitória, as «Três raparigas modernas» e agora estou de novo no Nacional. E estou contente! Muito contente!

Como já não havia caramelos no prato, Eunice Muñoz despediu-se. O repórter fez a última pergunta:

— Não esteve para fazer a «Menina da Rádio»?

— Estive. Fiz provas... mas concluíram que não sou fotogénica.

Tamanha heresia deixou o repórter surpreendido. Já à porta, Eunice exclama:

— E para a outra vez não se esqueça de dizer que é dos jornais, se não...

O repórter tem um sorriso muito pálido e dá graças a Deus por conservar ainda a sua cara intacta...

REPORTER UM

ÀS TRÊS PANCADAS

UMA PEÇA NA BERLINDA

Só agora vimos a fantasia infantil «João Patetas» e, temos de o confessar, nunca suposemos que se pudesse levar «coisa» semelhante no palco do Teatro Nacional D. Maria I, ou seja o Teatro do Estado, ou seja ainda o nosso primeiro teatro.

Pelos vistos, o Parque Mayer está fazendo tão grande progresso que até já chegou ao Rossio. Que «João Patetas» é uma revista com todos os defeitos das outras, construída nas mesmas bases: a asneira e o mau gosto. Se não fossem os cenários e os figurinos de Donat e a montagem que é boa, o «João Patetas» seria uma extraordinária fantasia de infantilidade e de piresa.

Quando deixará Maria Lalande de gritar tanto? É pena, porque ela pode ser uma grande actriz.

UMA PERGUNTA:

Quando sobem à cena aquelas peças que Maria Matos anunciou para esta temporada, como «Não o levarás contigo», etc., etc.?

OUTRA PERGUNTA:

Porque não alonga o S. P. N., os seus primos literários as peças de teatro ainda não representadas? Ou só os autores privilegiados dos nossos empresários têm direito a existir?

REPORTER UM

CALDERON EM BERLIM

O Teatro de Berlim, alguns dias antes dos grandes bombardeamentos que os fizeram encerrar, ainda puderam dar-nos altas lições de bom-gosto e luxuosidade. Aquele está uma das últimas peças postas em cena no Teatro Schiffshamerdeum: «Encanto de amor», de Calderon, que obteve estrondoso êxito nesta última reposição o que se deve, em grande parte, à excelência da montagem. Pode, talvez, fazer-nos lembrar o tempo em que Lisboa apresentava apoteoses com pombinhas a voar, grinaldas de flores e o túnel do Rossio com a máquina a deitar fumo e tudo...

Mas, a comparação logo se repudia. Estabelece-se, presentemente, uma corrente de romantismo renascido — mas com muito mais bom-gosto, sem a nota caricada dos princípios dêste século. Não admira, portanto, que o teatro de a literatura e as artes plásticas, mergulhe a sua experiência nas raízes do sentimento. E, para o caso, até porque nós estamos habituados a ver só montagens de papel pintado — não há dúvida que a impressão colhida desta foto tem frescura, graça e bom-gosto.

Com vista aos nossos empresários e cenógrafos!



MISTÉRIOS DA VILA ZÍRIO

Intrigas da Côrte de Berlim

(Continuação da pág. 9)

dicos, resiste ao filho, resiste a Bismarck. A ida de Fritz para Berlim era a abdicção certa. A declaração oficial pela alta medicina alemã do câncer implicava a renúncia do Kronprinz.

E assim, o médico inglês mentia, e Vitória opunha todos os embargos possíveis à remoção do marido.

O Chanceler e o príncipe Frederico não se viam com bons olhos. Frederico fizera sempre guerra surda, mas enérgica, contra Bismarck. Este, havia vinte anos que trabalhava, sem o conseguir, para arruinar a popularidade do Kronprinz. Mas os seus esforços, baldados sobre a opinião pública, oblitavam êxito sobre o ânimo do velho imperador que, sem abominar o filho, duvidava muito da sua capacidade e da diminuição, muito exigentemente, os recursos de que este precisava para manter, com decôr próprio da sua alta dignidade, a sua casa.

Mas a antipatia do Chanceler ia mais directamente para a Princesa Vitória. Acusava-a de exercer nefasta influência sobre o marido e de o ter zangado pelas suas idéias, suas doutrinas políticas, seu liberalismo.

Em Março, porém, morria Guilherme I com 91 anos. Na agonia, murmurava constantemente o nome do Kronprinz: Fritz! Meu filho Fritz! Bismarck, à última hora, ainda fizera tudo para excluir Frederico da successão, para obter do seu agente em S. Remo a abdicção do príncipe imperial.

Para Vitória chegava o momento do triunfo. Ia ser Imperatriz. As condições eram precárias e dolorosas, mas filha de uma grande soberana, esposa de um príncipe imperial, lutara galhardamente para que a não desposassem da sua herança legítima. Ela vencera nesse pleito Bismarck e vencera o seu próprio filho. Foi ela que transmitiu ao marido o acontecimento:

— Fritz, prepara-te para a dolorosa notícia. És imperador.

Nesse momento, a Imperatriz que muito lutara para que viesse a sê-lo, não pôde reprimir um grito de triunfo. O pobre enfermo, homem bom e afável, no estado em que se encontrava, só podia soltar um grito de dôr.

Vitória já não podia opôr objecções à partida. O Dr. Mackensie teve de substituir a cãnuca que os soluços de Frederico tinham feito desviar na garganta.

O médico alemão, Bergmann, o tal que ainda há pouco aconselhara a ida para Berlim, é agora de parecer contrário. A viagem, segundo ele, matará o doente. É também um diagnóstico político.

Estava-se a 10 de Março de 1888. A Vila Zírio ia finalmente ficar abandonada. A família imperial embarcava. Num elandau, de vidros corados, segue o Imperador, à sua direita a Imperatriz, e em frente o Dr. Mackensie, com um ar de triunfo e fisionomia. Devia, decerto, estar orgulhoso. Era êle quem punha na cabeça do enfermo a corôa imperial, era êle quem frustrara os planos de Bismarck e de Guilherme prolongando a vida de Frederico, a quem os médicos alemães, havia somente um ano, davam apenas algumas semanas de existência.

È às 9,30 dêsse dia, que o combóio imperial parte da estação de S. Remo, entre gritos e aclamações, as quais se juntam clamorosamente a colônia inglesa.

È meio-dia quando o trem aparece em Sampledarone. Encontra-se ali, a aguardá-lo, a Majestade de Itália, o Rei Humberto, aprumado na sua farda e no seu capacete, com o seu ar simpático e acolhedor, a sua personalidade forte de Sabôia, os seus fardos bigodes e o seu sorriso. Também se acha na egare Crispi, o amigo de Bismarck, um dos obreiros da Tri-

plice, com o seu estado-maior ministerial, de pé, a remoer a sua humilhação perante a indiferença do senhor da Prússia e da Alemanha. O encontro dos dois soberanos foi cordial, afectuoso. Abraçaram-se e cumprimentaram-se efusivamente, dentro da carruagem imperial. O ministro italiano teve de se contentar com um leve aceno de mão que, pela porta do trem, Frederico III lhe enviou.

O aspecto de Crispi era tão contristado que, à partida, a Imperatriz disse ao marido:

— O homem parecia acabrunhado. O Imperador sorriu e escreveu:

— Este Crispi de há muito me repugna. È um criado perigoso para o Rei de Itália.

Ao entrar o combóio na Alemanha, as aclamações são apoteóticas. Ao chegar a Leipzig, o séquito imperial é aguardado por Bismarck. Não se encontra ali o Príncipe Guilherme. O filho não se apressou a saídar o seu pai e o seu imperador em território alemão. Ministro e Imperador saudam-se friamente. Mas o ministro lembra-se que tem ali um Hohenzollern, um filho do Hohenzollern, a quem deve tudo. O Imperador lembra-se que tem diante de si o grande criador do império. A emoção ganha-os. E caem nos braços um do outro.

Mas Bismarck quer que o Imperador vá para Berlim. Frederico hesita. Vai talvez ceder. Neste momento, porém, uma mão lhe caí sobre o ombro. È a Imperatriz que lhe diz:

— Fritz, não podes ir para Berlim. Era sempre a 'inglesa' a contrariar o Chanceler.

È em Charlottenburg, num palácio de construção pesada, com um aspecto exterior um pouco abandonado, uma destas mansões maças do renascimento germânico, no meio de um parque arborizado, que a comitiva imperial se fixa.

O Chanceler ficára muito irritado com a recusa da Imperatriz. E ainda mais, por o não chamarem a redigir as proclamações imperiais. E tanto assim que os jornais chegaram a falar na sua retriada.

Na sua primeira proclamação ao povo, Frederico diz *querer fazer de Alemanha o lar da paz, de consêrio com os govêrnos confederados e trabalhar com os órgãos constitucionais do império e da Prússia para a prosperidade da nação alemã.*

Na segunda, dirigida ao Chanceler, o novo soberano protesta manter o *princípio da tolerância religiosa, e querer conduzir a Alemanha e a Prússia, num desenvolvimento pacífico, a novas honras. È indiferente ao brilho das grandes feitos que conduzem à glória, ficaria satisfeito se, mais tarde, se disser do meu reinado que foi benéfico para o meu povo, útil ao país e bem-aventurado para o império.*

As proclamações foram escritas pelo Imperador, mas fora a esposa, a 'inglesa', que as ditara.

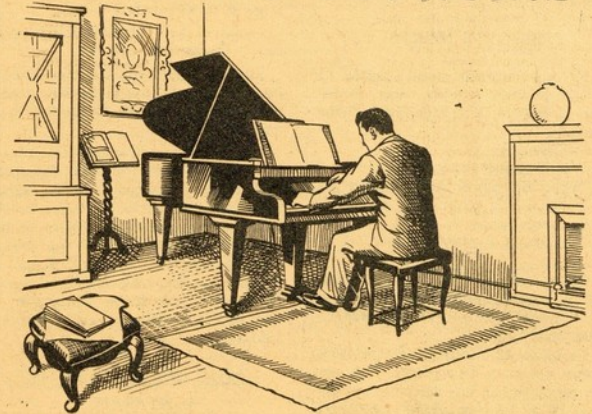
Frederico III era humanitário e liberal, mas estas disposições eram aumentadas e em muito pela influência da Imperatriz.

Tôda a nação alemã se regozijara com os protestos de paz, de justiça e tolerância do novo soberano. O partido dos velhos conservadores e o exército è que se mostraram descontentes, derivando as suas simpatias para Guilherme, o príncipe herdeiro. As tendências belicosas das forças armadas impressionaram-se com a passagem: *indiferente ao brilho dos grandes feitos que conduzem à glória, que se afigurava cruel aos fundadores do Império.*

As outras classes, porém, o comércio, a indústria, a agricultura, os operários acolheram com simpatia e entusiasmo as palavras de Frederico III, que, por elas, continuou a ser mais popular ainda.

Dias depois da publicação das proclamações, a 14 de Março, reuniu-se

Pianos de cauda e verticais



EST. VALENTIM DE CARVALHO
RUA NOVA DO ALMADA, 97
LISBOA

em casa do marechal Moltke um consiliabulo a que assistiram, além do dono da casa, Bismarck e o novo Kronprinz. Nessa assembléa, quem se mostrou mais acrimonioso foi o Kronprinz, que exclamou, indignado:

— Um Rei da Prússia que fala dos direitos da representação nacional! Um imperador da Alemanha que despreza as glórias militares! — Moltke e Bismarck, protocolarmente, portaram-se com mais reserva.

Os jornais liberais exultavam. Nos conservadores, a temperatura era baixa, quasi glacial. Os periódicos bávaros, êsses contavam que o Imperador os livrasse da tirania de Bismarck. O partido militar ressaltava a sua animosidade, fazendo distribuir clandestinamente canções hostis ao Imperador nas casernas da tropa, e onde se exaltavam os méritos do futuro soberano, o Kronprinz Guilherme.

Bismarck, porém, habituado a dominar, não cedía. Tinha sido até al um hipnotizador de reis e, de dia para dia, mais concessões obtinha do imperador. A Imperatriz ouvira-se a nomeação do espião Radolinski para Chefe da Casa Civil. O polaco, não obstante, è nomeado. A mensagem ao Reichstag, cheia de afirmações enfáticas, sem espirito liberal, já não è obra de Vitória, è feita pelo Chanceler. Este, cada vez mais, ganha terreno. Para medir a sua força, a intensidade do seu poder e da sua grandeza, arranca ao soberano providências que se não atrevera a arrancar a Guilherme I. Uma destas è o novo estatuto da Alsácia, tendente a germanizar esta provincia pela violência e separando-a, com estipulações muito restrictas, muito draconianas, da França e do Mundo.

Deve fazer-se justiça a Frederico, ao seu carácter, à sua bondade, ao seu espirito de justiça e tolerância. A sua doença mortificante não o deixava agir. Tinha de se submeter ao Chanceler. Quis libertar-se dêle e não encontrou quem quisesse arcar com essa responsabilidade. O fundador do império tinha grande prestigio, e o representante da dinastia era um moribundo.

Aquillo que Frederico III não pôde realizar, por falta de saúde, levou-a a cabo o filho, não porque as suas idéias differissem fundamentalmente das do Chanceler, mas porque, enfadado como era, não tolerava supe-

rioridades ao pé de si e pretendia ser, à maneira de Luis XIV, o seu próprio ministro.

Quando Frederico III expirou, em 15 de Junho de 1888, depois de um governo, bem acidentado para êle, de cem dias, Bismarck apresentou a sua demissão a Guilherme II, que, lançando-se nos braços do Chanceler, exclamou:

— Nunca terei outro ministro senão vós!

Todo o mundo sabe como o Kaiser cumprira esta promessa.

VINHOS VELHOS DO PORTO
Niepoort

PASTA MEDICINAL
Couto
Evita as doenças da boca

Evita e trata todas as doenças da boca como: *Piorreia, gengivites, cária dentária, etc.*

Sulfadentina

A ÚNICA PASTA DENTIFRICA COM SULFAMIDA

Unico depositário: **ESQ. COCCO Rua Andrade, 4, rj.c., Paço — LISBOA**

A venda em tôdas as farmácias e nas melhores casas da especialidade

C I A N O ,

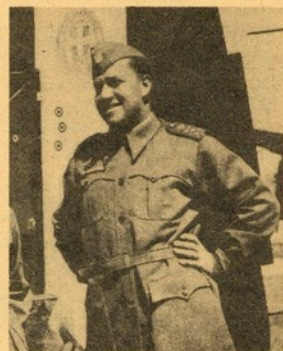
UMA FIGURA TRÁGICA E LEN- DÁRIA DO NOSSO TEMPO

Um dia, aparecerá a aproveitar-se dos factos, um escritor de génio que se sirva do drama italiano e faça correr lágrimas aos corações sensíveis. Ciano aparecerá como figura misto de lenda e realidade. Esbater-se-ão as linhas duras e as arestas da sua figura. Os contornos adquirirão suavidade — e o homem ressurgirá da história nimbado de uma aura sedutora. Chamaram a Ciano o «coqueluche» das mulheres. E é, de facto, foi a mais galante figura dos últimos 20 anos da Itália. Rico, ambicioso, vindo de nobres, teve o amor do povo e o sorriso das mulheres. E para que em tudo o seu papel de político fôsse excepcional, ele que era genro do mais forte e poderoso senhor da Itália fascista — caiu varado de balas, a dar vivas aquêle que, se o não mandou matar, pelo menos não quis evitar-lhe um julgamento difícil.

Ciano morreu às mãos daqueles a quem havia retirado corajosamente a sua confiança. As peripécias de guerra, simples episódios de que os homens se aproveitam para fazer justiça precipitada — já o levaram de vencida, em condições excepcionalmente trágicas e desconhecidas, na sua inteira verdade. Porque, os telegramas que vieram a público são incoerentes e contraditórios: a filha de Mussolini, Edda, mulher de Ciano, a interceder junto do pai, por amor do pai de sua filha; a recusa de Ciano, em assinar um pedido de comutação de pena — não serão notas confusas, num nocturno trágico em que a luz mal se distingue para cá do segredo das chancelarias?

A morte nimba os homens de uma auréola e cobre-os de respeito dos vivos. Esse respeito transforma-se, pouco a pouco, em simpatia e, por fim, em romance lendário. Ciano transpôs o umbral da eternidade. Quem o seguirá no drama, na vingem e na lenda?

Os acontecimentos estão a tornar os homens cada vez mais sedentos de vingança. O ajuste de contas vai ser terrível, impressionante — impróprio da nossa condição humana. Mas, sobre os despojos da guerra, uma figura de mulher fatal continuará na sua atitude enigmática, à beira de uma campa: Edda Mussolini, tomando pela mão a filha de Ciano, uma órfã que sabe apenas chorar o amor que o ódio dos homens lhe roubou — porque ela foi só filha e não pertence às conjuras da política...



Vários aspectos da carreira política do Conde Ciano e do seu sógro, Benito Mussolini



Três imagens do romance de amor de Ciano e Edda Mussolini: quando ainda eram novos; no dia do casamento e quando o sorriso da primeira filha veio iluminar a sua ternura.



VIRIATO treinador do ATLÉTICO CLUB DE PORTUGAL fala-nos do seu club!

pode dispensar uma linha de médios vezes para a turma de Lisboa e uma vez para a selecção nacional numa deslocação ao estrangeiro, não chegando a partir, quando já tinha as malas prontas, porque inesperadamente, em seu lugar foi outro...

Viriato ainda na época última envergou a camisola do Atlético, resultante da fusão com o Carcavelinhos. Esta temporada, o Atlético precisava de um treinador. Depois de várias diligências, foi decidido confiar a Viriato a orientação técnica das equipas. Viriato tinha já dado excelentes provas de preparação dos juniores. Era uma indicação... E Viriato lançou mãos à obra!

Pedimos a Viriato que nos conte os seus passos, desde o investimento nas suas funções:

— Não podia esquecer-me que tinha sido colega dos rapazes. Reuniões e comunico-lhes o cargo que a direcção me tinha atribuído. Sem a sua boa-vontade e lealdade, ser-me-ia impossível trabalhar. Prometeram-me ambos os predicados. Até agora só tenho motivos para me considerar satisfeito. São cumpridores e disciplinados. De resto, como os conheço bem, não me é difícil tomar contacto com eles. Eram praticamente, os mesmos elementos da época passada. Sábido que um grupo de futebol não forte, e sobretudo trabalhando em conjunto, tratei de procurar três jogadores que pudessem cumprir amplamente. Gregório tinha o seu lugar certo. José Lopes adaptou-se com facilidade. Francisco Lopes, tendo sido avançado e conhecendo também o pósto de defesa, talvez cumprisse. O resultado da experiência está à vista...

— Procurei dar uma consciência técnica ao grupo, que na minha opinião é o primeiro passo para se conseguir o moral, que resista a todos os precalços. Os jogadores hoje, sejam quais forem os resultados futuros, sabem o que estão a fazer. Não improvisam. Executam as jogadas, ou tentam-nas executar, «pensando» nelas. A equipa em conjunto repete os pormenores que aprendeu. Já o demonstrou, sobejamente, creio-o.

— O seu sistema de jogo, pelo que se tem visto, exclue os «passes» curtos...

— Absolutamente. Talvez não tenha ainda conseguido o meu objectivo,

mas quero que o grupo seja prático. Quatro, cinco «golpes» e atirar à balla. Insisto para que o avançado-centro seja servido em profundidade e sem demoras. Compreende, porém, que os rapazes ganham vícios e tendências, que só desaparecem com o tempo e paciência. Limite-me, afinal, a ensinar o que a experiência e alguns treinadores me indicavam. Dêstes, é justo destacar um português, o maior Viegas e outro que também português já é: Artur John.

— Está satisfeito com a marcha do Campeonato Nacional?

— Decerto que estou. Acredito que o grupo se classificará bem. Na 2.ª volta, temos em casa jogos que podem ser decisivos e mesmo fora, saberemos «discutir» até ao fim.

— O Viriato tem plenos poderes quanto ao arranjo do grupo...

— Há também um Conselho Técnico, que ouço com prazer; a verdade, porém, é que o meu trabalho não tem tido peias de qualquer natureza. Graças estou ao Conselho Técnico e à direcção.

— Foi sensível o aumento de fundo de resistência do grupo, naturalmente por causa da cuidada preparação física...

— Sem dúvida. Além de exercícios que ministro, adequados ao futebol, os rapazes todos fazem a indispensável ginástica e com a mais decidida boa-vontade.

— O pormenor, importantíssimo, da alimentação, também lhe compete?

— Vêlo por êle. Ainda há pouco, no Algarve, rejeitei um jantar, que compreendia sardinhas assadas... Sei, por experiência própria, a influência da alimentação na disposição e rendimento de um jogador!

— Há, portanto, moral sólido e consciência técnica, no grupo...

— Sim senhor. E desde que todos continuem a querer, poderemos fazer mais. Não de um dia para o outro, é bom acentuar!... Mas dando tempo ao tempo.

Já no apêto de mão, da despedida, atramos a Viriato esta pergunta:

— E... se o Atlético ganhasse o Campeonato?...

Como resposta, um sorriso rasgado e uma expressão, de onde se filtrou um mundo de esperanças:

— Oh! Seria outro sobre azul!

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

O MARIA PIA ATINGIU A MAIORIDADE!

O Maria Pia S. C. festejou mais um aniversário: o 21.º. Desde há muitos anos que acompanhamos a vida da simpática agremiação da Rua de S. Gens. Conhecemos-lhe períodos de brilho e outros de eclipse. Numa das vezes — vai longe felizmente êsse tempo — o eclipse esteve prestes a ser total. Mas a vontade firme, vontade de ferro de um homem, Cunha Martins, impediu o desaire. O clube chegou a ter apenas uma dúzia de sócios, que se reuniam três vezes por semana para jogar à busca... Parece anedota, mas é autêntico. Coração ao largo e teimosia persistente, não cedendo a nada, o Maria Pia reergueu finalmente a cabeça, guindando-se pelo esforço dos seus dirigentes e dos seus atletas a um plano notável. Cunha Martins, durante 19 anos director da colectividade, esperou muito tempo para sair e deixar gente que continuasse a obra. Esperou, mas encontrou e hoje o Maria Pia, com uma direcção que ainda não fez um ano de gerência, sente os efeitos da seiva jóvem.

Há dias apresentou uma festa linda. Linda, pelo significado da comemoração, pelos melhoramentos introduzidos nas suas instalações, e pela forma... de resto tradição da casa, como recebeu os convidados.

O Maria Pia atravessa uma fase feliz, sólida e prometedora de continuação.

Amigos velhos do clube, com o seu progresso só temos que regozijar-nos. O Maria Pia atingindo agora a maioridade mas de há muito que a sua opinião tem peso nos meios desportivos.

DAQUI E DALI

COMEÇOU finalmente o Campeonato de Lisboa, de «basket», da Divisão de Honra. Já não era sem tempo... Mas é bom não esquecer que ainda falta os das outras Divisões!

Ouvimos falar vagamente numa Associação de Atletica e Luta de Lisboa... Dar-se-á o caso da «Ressurreição» das duas modalidades começar? Ou, ao menos, de uma? Daríamos por bem empregada a tinta que temos gasto para falar da luta greco-romana...

«A vida nem sempre será desportiva... mas o desporto é incontestavelmente vida...»

...E desporto — acrescentaremos nós — é sinónimo de lealdade!

O primeiro período é o sub-título de uma interessantíssima página que o jornal «Os Sports» publica semanalmente. O segundo completa o pensamento e apraz-nos citá-lo aqui, a propósito dum attitude de franca camaradagem, tomada recentemente para conhecido pelos nossos camaradas daquele periódico.

Aqui lhes consignamos os agradecimentos, com a certeza de reciproca lealdade.

Os leitores já repararam que não se ouve falar em mais organizações de box...

Os organizadores estão em férias e manda a verdade dizer que os ídolos não abundam...

...Ou talvez esteja na forja algum outro... Que nos conste, porém, não há nenhum em trânsito das Colónias para o Continente!

O Clube Naval de Lisboa festeja hoje, com um banquete, o seu 52.º aniversário. E no domingo realiza um passeio das suas flotilhas de remo e vela, precedido do baptismo solene de um «yolles» de 4 remos, construído nos estaleiros do clube, por pessoal da agremiação.

O Clube Naval de Lisboa, com um passado brilhantíssimo, com uma fôlo de serviços que honra o desporto nacional, atravessa uma fase de ritmo progressivo.

Saudamo-lo pelos seus veneráveis 52 anos de vida.

JOE LOUIS DORME 18 HORAS POR DIA!

Os jornais franceses é que falam do assunto: Joe Louis, para obter o título de campeão do mundo, precisou de dormir 18 horas por dia. Eis como êle reparte as horas de sono: 12 horas a dormir de noite e 6 de sesta, repartidas em dois períodos. Sempre deitado na cama, está claro...

Naturalmente que êste abuso de Joe Louis não é abuso único, em relação a nós que não somos «boxeurs» e mal temos tempo para dormir 8 horas. Eis a lista de alguns campeões de várias modalidades desportivas:

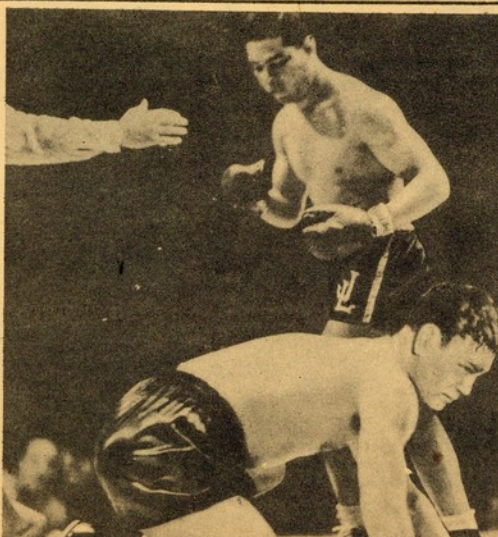
Joe Louis, 18 horas; Jesse Owens, 16 horas; Benoit Faure, 15 horas; Ch. Pelissier, 14 horas; Al. Brown, 14 horas; Ladoumégue, 13 horas; Diouf Tenet, 13 horas.

De um modo geral, porém, um «boxeur» deve permanecer deitado o mínimo de 12 horas. E até se dava o caso curioso, com Ladoumégue, que se cansava mais a correr do que andar em passo de passeio.

— Para não correr — dizia êle — só deitado...

Benoit Faure, excelente desportista, dizia que o segredo do seu triunfo estava nas 15 horas dormidas em posição horizontal.

Estarão os nossos desportistas de acôrdo? E estarão resolvidos a fazer o mesmo?



BOA RAPOSA

Por STUART



— Olha: a nossa vizinha comprou uma raposa!
— Deve ser «Bera»...



— Assim saberemos se é verdadeira.



— E é mesmo!...

GRAÇAS HISTÓRICAS

PAGANINI, o célebre violinista, aborrecia-se muito quando o convidavam para qualquer festa e lhe pediam logo para levar o seu violino prodigioso.

Um dia, não resistiu à sua impaciência e respondeu assim a um desses convites:

— Queira desculpar, mas o meu violino não come fora de casa...

Quando informaram Piron de que Voltaire havia morrido, aquele ficou silencioso, durante alguns momentos. Depois murmurou:

— É profundamente lamentável! Uma desgraça para o país, para o mundo inteiro.

E baixinho, numa confidência, perguntou:

— Mas... não será boato?

Na Corte de Luís XVI, havia um médico muito arguto e esperto. Chamava-se Lieutau e merecia a grande simpatia do rei.

Certa vez, este perguntou ao clínico: — Acredita que, por conhecer tão bem o corpo humano, poderá combater qualquer moléstia?

Mas logo, o doutor Lieutau esclareceu:

— Eu sinto-me apenas como um guarda-noturno que conhece todas as ruas da cidade. Simplesmente, não posso adivinhar o que se passa no interior das casas...

Os diplomatas têm sempre histórias muito espirituosas. Nas vésperas da Grande Guerra, Clemenceau perguntava a Sir Edouard Grey:

— Suponhamos que a Alemanha invadia a França. Que faria a Inglaterra?

E a resposta veio imediatamente: — Ficaria profundamente impressionada!

A guerra...



Um dos tubarões para o outro: — Fajamos a tempo, senão eles vão armar-nos também...

(De «Die Brennessel»)

TRÊS PREGUNTAS DE ALGIBEIRA

Pergunta — Porque é que o porco anda sempre cabeça no chão?

— Com vergonha da mãe, que era uma grande porca.

Pergunta — Qual é a razão do galo fechar os olhos quando canta?

Resposta — Porque êle sabe a música de cor.

Pergunta — Qual a causa do boi trazer a bôca cheia de baba?

Resposta — Não lhe terem ensinado a cuspir...

Uma história de fantasmas



Um dos fantasmas para o outro, acabando de contar uma história: — Tive tanto medo, tanto medo, que fiquei branco como um lençol...

GENTE FINA

Uma comediavinha da vida social de S. Petersburgo, à maneira de DOSTOIEVSKY

As faces cheias de borbulhas e cicatrizes do digníssimo prefeito da polícia Fedtz Wladilow empalideceram repentinamente.

A sua mão direita passou nervosamente dum bolso ao outro e o seu olhar desconcertado fazia adivinhar que lhe faltava a cigarrreira de ouro.

Levantou-se apressadamente do divã e disse com voz incerta:

«Creio que a deixei na algibeira do sobretudo...»

Safu, a tôda a pressa, para ir buscar a cigarrreira, e voltou após escassos instantes, nervoso e impaciente, gaguejando:

«Deve estar aqui...»

Depois começou a fazer uma busca no aposento.

Os convidados de Madame Suvarov acederam gentilmente a auxiliá-lo. Remexeram e revolveram os «maples», mesas, cadeiras e divãs, levantaram jarras, toalhinhas e tapetes.

Tudo em vão!

«Talvez que a tenha deixado em casa. Apite para lá!»

Wladilow abanou a cabeça, encolerizado.

Não, senhor! Tinha a certeza de a ter levado!

A título de precaução, resolveu telefonar, apesar de tudo.

A telefonista pouco lhe interessava que o senhor prefeito da polícia tivesse urgência.

Ele gritou, bradou, cheio de raiva, — nada!

Por fim, lá fizeram a ligação, vindo depois a resposta negativa: a cigarrreira não se encontrava em casa.

«Minhas senhoras e meus senhores», interrompeu a dona da casa, cheia de piedade, «lastimo imenso que tudo isto tão desagradável se tenha passado em minha casa. (Não se teria importado se o mesmo tivesse sucedido em casa da sua amiga, Madame Maja, que se encontrava ao pé dela). «Mas, em todo o caso, é preciso encontrar a cigarrreira. Eu vou colocar um taboleiro de prata em cima desta mesa aqui, apago a luz, e conto até dez. Creio que, quando a luz se acender de novo, a cigarrreira estará em cima do taboleiro.

Todos os convidados concordaram: aquilo era uma idéia genial.

O taboleiro de prata foi posto em cima da mesa, no meio do quarto e, depois, estabeleceu-se a escuridão.

A voz rouca da dona da casa ressoou pelo aposento: — um, dois, três, quatro.

Os segundos corriam com uma lentidão espantosa.

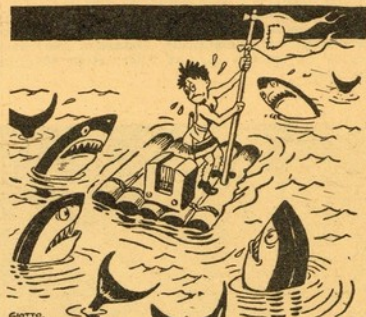
Nove, dez!

E a luz acendeu-se novamente.

Todos os convidados dirigiram os seus olhares curiosos sôbre a mesa, e as suas bocas abriram-se numa expressão de pasmo.

O taboleiro de prata — também tinha desaparecido!...

PROPAGANDA



A RÁDIO — E, portanto, meus queridos ouvintes, se querem viver muitos anos, é preciso comer peixe, não se cansarem de comer peixe.

(De «Il Settebellos»)

CÚMULO DE REALISMO



O PASSEANTE — Procura alguma coisa?

PINTOR — Procuo, sim senhor... Procuo o cavallo que falta neste quadro...

(Do «Punch»)

O TEATRO PROFISSIONAL NOS ESTADOS-UNIDOS

Por ISABEL ROSS

Existem nos Estados Unidos 2.000 actores profissionais, que constituem um corpo único auxiliando-se mutuamente nos dias maus e resojando-se com os êxitos alcançados nos dias bons. Hollywood e Broadway procedem a um quasi constante intercâmbio de talentos, havendo, ainda, artistas que repartem a sua actividade entre o teatro e o cinema. Além disso, é raro que as peças de grande successo na Broadway não sejam vendidas a Hollywood, que as adquire, para serem filmadas, a preços que oscilam entre 30.000 e 50.000 dólares. Durante o ano passado, os produtores de Hollywood dispensaram qualquer coisa como 3.250.000 dólares em direitos de filmagem de 35 peças.

O público, actualmente, é, na maioria, constituído por homens de uniforme, em gozo de uma breve licença em Nova-York. Realizaram-se, no ano passado, centenas de espectáculos de beneficência, os lucros dos quais foram empregados em benefício das forças armadas, ou em obras de auxilio às Nações Unidas. Quasi todos os artistas dedicam a sua actividade, viajando de acampamento em acampamento para levar aos soldados um pouco da sua arte. As estrélas do teatro entregam-se prodigiosamente a qualquer causa patriótica, para que possam contribuir também para a vitória americana.

A última temporada teatral foi bastante feliz, tendo sido apresentados 12 grandes êxitos. O número de peças foi ligeiramente inferior ao dos anos de 1941 e 1942, mas a qualidade foi superior e as reposições mais numerosas. O programa do ano incluiu 26 dramas, 17 comédias, dez revistas, oito comédias musicais e uma revista sobre o gelo. A peça «The Patriots», da autoria de Sidney Kingsley, sobre a vida de Thomas Jefferson, o autor da Declaração da Independência Americana, constituiu um dos maiores êxitos da temporada; Thornton Wilder, outro notável escritor americano, mereceu a honra do prémio Pulitzer, para a melhor peça do ano, pela sua obra intitulada «The Skin of our Teeth». Outros dos grandes triunfos da passada temporada foi a peça «Harriet», em que Helen Hayes, uma das maiores actrizes do teatro americano, interpretou a figura de Harriet Beecher Stowe, autora do famoso livro «A Cabana do Pai Tomaz».

O PEQUENO TEATRO

O pequeno teatro e o teatro de verão constituem variantes populares do teatro profissional, a que prestam o seu concurso algumas estrélas conhecidas do teatro. Por pequeno teatro, nos Estados Unidos, entende-se aquêle em que os artistas nem são essencialmente profissionais nem amadores, pois tendo outras occupaões, dedicam-se ao teatro em certos momentos. As peças são geralmente apresentadas em pequenos recintos, de onde lhe provém o nome.

O movimento do pequeno teatro, e o seu início, em 1912, ano em que a senhora Lyman W. Gale, de Boston, transformou um estábulo num teatro de pequenas proporções, a que deu o nome de Teatro de Brinquedos, e em cujo palco Amy Lowell, notável poetisa americana, foi uma das primeiras pessoas a aparecer. No ano seguinte, construiu-se o Pequeno Teatro de Filadélfia, iniciando-se assim a era do pequeno teatro, onde se representaram obras dos melhores autores americanos e universais.

O declínio das companhias teatrais ambulantes afastou a competição com profissionais, abrindo-se, assim, caminho para um maior incremento do pequeno teatro em diversas comunidades. Quanto ao teatro ambulante, já não constitue o êxito que tinha anteriormente, pois agora só se destaca quando apresentam no seu elenco nomes famosos como o de Helen Hayes, Katherine Cornell, Alfred Lunt, Lynn Fontanne e Ethel Barrymore. Esta, nos últimos meses, percorreu 28.000 milhas, actuou em 39 Estados e deu 383 representações ao ar livre com a peça inglesa intitulada «The Corn is Green».

OS TEATROS DE VERÃO

O teatro de verão appareceu nos difficeis anos de crise económica, quando os artistas se encontravam sem trabalho. Instalava-se, geralmente, em colónias de férias, onde encontravam público numeroso, até que a América entrou na guerra. Em 1934,

havia em todo o país 105 teatros de verão. Cinco anos mais tarde, os seus lucros eram avaliados em 5.000.000 de dólares — tendo apresentado maior número de peças do que a Broadway numa temporada. Os artistas recebiam normalmente 40 dólares por semana, havendo, contudo, alguns — os principais — que tiravam 750 dólares e mais por mês.

Um flagrante exemplo deste aspecto do teatro americano encontra-se nas proximidades de Skow Legan, Maine, onde Herbert L. Swett pôs em cena, no mais antigo e conhecido teatro de verão dos Estados Unidos, 555 peças, entre as quais muitas «premiéras» mundiais, tais como «Life with Father», «Mr. and Mrs. North», «The Free Soul» e «Remember the Days». Neste teatro que, como já dissemos, é o mais antigo e conhecido teatro de verão dos Estados Unidos, representam já numerosos artistas de Broadway, sendo ainda um palco onde se revelaram numerosos talentos. Integradado por numerosos veraneantes.

Nos últimos anos têm-se desenvolvido extraordinariamente os teatros de verão. Na Califórnia e no Sul, onde o clima é brando, apreciam muito este género. Em Carmel-by-the-Sea, na Califórnia, existe uma colónia de artistas que dispõe de um teatro ao ar livre e uma ultra-moderna casa de espectáculos conhecida pelo nome de «Teatro do Rado Dourado».

Os negros, com o seu profundo instinto dramático, musical e coreográfico, têm prestado uma valiosa contribuição para o teatro americano. Nos primeiros meses de 1920, a peça intitulada «Green Pastures», interpretada apenas por negros, ganhou jus a ser considerada como uma das mais notáveis peças da nossa geração. As peças de Eugene O'Neill, intituladas «The Emperor Jones» e «All God's Chill Got Wings», foram as primeiras a pôr à prova este extraordinário sentido dramático dos negros, cuja tradição teatral foi perpetuada por actores como Charles Gilpin e Paul Robeson. No campo da canção e da dança são bem conhecidos mundialmente vários nomes de artistas negros.

DESENVOLVIMENTO DO TEATRO AMERICANO

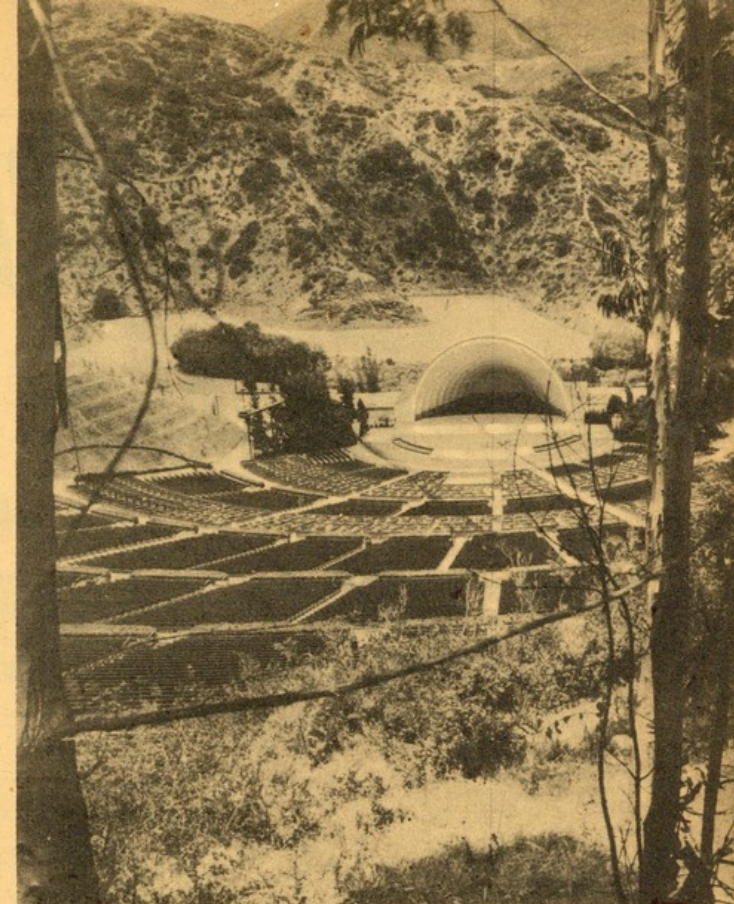
Tony Aston, viajante inglês que visitou as colónias do sul em 1730, foi quem primeiro trouxe à América a arte teatral. Em 1768, representavam-se em Richmond, Virginia, as Comédias Virgínicas, enquanto que, quasi ao mesmo tempo, se fundava em Baltimore uma companhia teatral. Contudo, foi só em 1820, quando Edmund Kean visitou os Estados Unidos, que o teatro se estabeleceu como uma instituição social de importância. Por essa época apenas havia na América cem actores. Em 1888 esse número havia-se já elevado para 4.300.

Nos primeiros tempos eram frequentes as visitas de notáveis actores europeus, e Shakespeare era o favorito do público. Os nomes de Edwin Booth, Lawrence Barrett, Richard Mansfield, Robert Mantell, Walter Hampden, Sothorn e Marlowe-John Barrymore e Maurice Evans encontram-se especialmente ligados à tradição Shakespeariana nos Estados Unidos.

Entre os grandes artistas teatraes europeus que o público norte-americano teve occasião de aclamar, encontram-se Henry Irving, Ellen Terry, Sarah Bernhardt, William Charles Macready, Fanny Kemble, Edwin Forrest, Charlotte Cushman, Mary Anderson, Joseph Jefferson, Herbert Beebohm Tree e Johnstone Forbes Robeson.

O teatro americano apenas passou a entrar em perfeita organização após a guerra civil. Então quasi todas as cidades se esmeravam na construção das suas casas de espectáculos, cuja exploração passou gradualmente das mãos dos próprios artistas para sociedades comerciais formadas especialmente para esse fim. O final do século passado foi a época do melodrama. As peças «East Lynne», «Way Down East», «Shore Acres» e «As duas Orfãs», encheram as platéias durante meses seguidos.

No início do nosso século introduziu-se uma nova tendência no teatro americano com a representação de «O Conde de Monte Cristo» e «Os três Mosqueteiros». Por esse tempo, aproximadamente, tornou-se conhecida a primeira das peças americanas, que Clyde Fitch escreveu com o titulo de «Bean Brummel», logo seguida de outras



O teatro ao ar livre, como este, em Los Angeles, onde 60 mil pessoas podem presenciar o espectáculo, é também um dos grandes instrumentos de cultura norte-americana.

de igual successo. Augustus Thomas escreveu e adaptou mais de 70 peças. George M. Cohan, falecido em 1924, forneceu um stocko profundamente patriótico à cena americana, que contava já com o concurso de artistas famosos como Minnie Modern Fisk, Maude Adams, William Faversham e os irmãos Drew e Barrymore, cujos nomes bastavam para encher os teatros da Broadway. Aos poucos, entretanto, iam-se apresentando obras de famosos escritores e, em breve, as peças de Ibsen, Oscar Wilde, Bernard Shaw, Pinero, Barry e Henry Arthur Jones, tornaram-se familiares do público americano.

EPOCA DE TRANSICAO

Antes da última guerra, uma nova tendência se fez sentir no teatro norte-americano. Peças realistas apresentadas pelo extraordinário poder descriptivo de Eugene O'Neill, criaram uma nova tradição com obras como «Beyond the Horizons», «The Emperor Jones», «The Hairy Ape», «Strange Interlude» e outras. O'Neill, prémio Nobel, tornou-se então universalmente conhecido como o maior dramaturgo americano. O seu amargo realismo e

(Continua na pág. 28)



O teatro de verão de Lakewood, Maine, atrai numerosos veraneantes e residentes no local. Encontram-se nos Estados Unidos numerosos teatros de verão, onde, muitas vezes, conhecidos artistas representam peças novas, antes de as apresentar na Broadway, o centro teatral de Nova-York.

O teatro profissional americano concentra-se especialmente na Broadway, a enorme rua que se estende 12 milhas através da cidade de Nova-York, com um sector médio que dantes rebrilhava de luzes mas que hoje, em virtude das restrições, se encontra parcialmente às escuras. Embora não seja actualmente o «Gay White Whay» de canções e lenda, Broadway ainda não abdicou do seu lugar de coração de teatro americano — a nascente de um rico manancial de cultura e recreio.

No espaço de 15 quarteirões, contam-se nada menos que 500 teatros, alguns modernos e de linhas aerodinâmicas, outros da era victoriana — com as suas vistosas poltronas de estôfo vermelho e as cornijas douradas. Poucos têm capacidade para mais de 600 a 800 pessoas, que se distribuem pelas cadeiras de orquestra — os mais caros lugares — ou pelos balcões — um ou dois, conforme os teatros. O preço dos bilhetes varia de um a cinco dólares e meio.

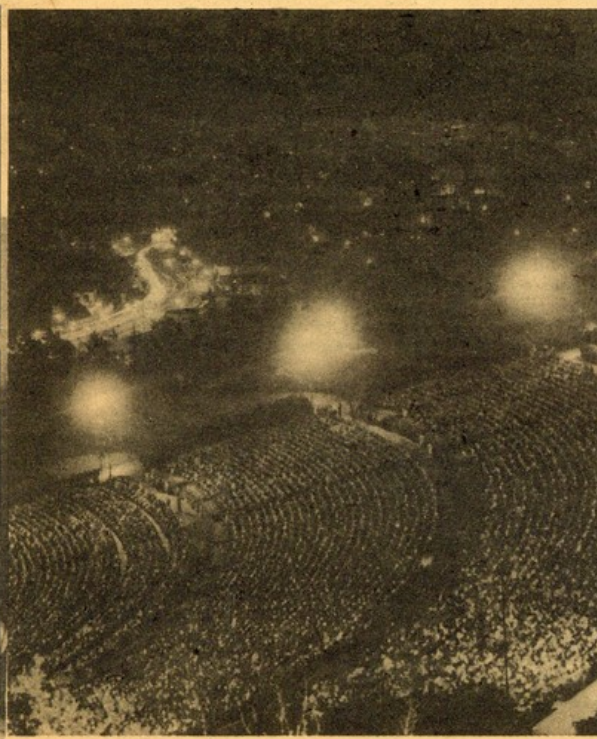
Não obstante a enorme expansão actual do cinema e da rádio, o teatro não perdeu o seu lugar entre o público norte-americano. Não só as peças apresentadas são geralmente assinadas por nomes bastante conhecidos — como os artistas que as interpretam são, quasi sempre, verdadeiros talentos.



As grandes montagens, com palcos giratórios, permitindo a mudança rápida de quadros, já não tem segredos para os norte-americanos, que podem, assim, ser transportados para uma seqüência de quadros, quasi cinematográfica.



Outro aspecto do teatro ao



ar livre, de Los Angeles



Cena de «O Discipulo do Diabo», representada no teatro de verão de Lakewood

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XXIII - a campanha da Rússia

OS CHEFES MILITARES

Quem eram do lado russo, os chefes militares que iam enfrentar os chefes, da Wehrmacht, experimentados em tantas batalhas vitoriosas? A dois anos e meio de distância, pode dizer-se que apenas um deles continua a comandar no campo de batalha. Como para os comandos alemães, para os comandos russos a campanha de leste tem sido uma escola de ensinamentos e de sacrifício de pessoas. Os marechais Brauchitsch, von Bock e von Leeb foram substituídos por elementos que fizeram a sua reputação principalmente nos terrenos de operações na Rússia, o marechal Manstein e o general von Weichs entre outros. Dos primitivos comandos russos também os marechais soviéticos Chapochnikov, Vorochilov e Budieni cederam o seu lugar a elementos novos e desconhecidos no início da campanha, como os generais Vatutin e Rokossovsky.

Do lado alemão, continua no serviço activo (segundo uns em França, segundo outros na Rússia onde teria regressado) o marechal von Rundstedt que comandou o sector sul da frente leste durante a primeira fase das operações e depois organizou a retirada metódica das forças que se batiam para a posse de Moscovo durante o inverno de 1941-42. Do lado russo, acontece o mesmo com o marechal Timochenko que actualmente comanda as forças russas que atacam na península de Kertch, a fim de procurarem reconquistar a Criméia perdida na campanha de verão de 1942.

Pode dizer-se, portanto, que Rundstedt e Timochenko são os dois únicos sobreviventes em funções superiores de comando, dos primeiros meses da campanha da Rússia que tem queimado, não apenas muitas vidas, muito material e muitas energias, mas também muitas reputações militares que se documentavam sólidamente em acções anteriores coroadas por pleno êxito. Esta circunstância concorre para dar ideia da importância que essa campanha tem desempenhado e continua a desempenhar no quadro geral da guerra e especialmente da guerra continental, conduzida na Europa. Essa importância é predominante e, qualquer que seja a significação dos outros teatros de operações, acentua-se à medida que o tempo decorre e a luta evoluciona.

OS COMANDOS SOVIETICOS

A frente russa, como a frente alemã, no início das hostilidades repartia-se por três sectores: norte (apoiado em Leninegrado), centro (apoiado em Moscovo), e sul (apoiado em Kiev). Estas cidades eram, simultaneamente, os principais centros urbanos da Rússia cujo valor militar aparecia multiplicado pelo seu significado político. Se conseguissem ocupá-las com a guerra relâmpago, isso equivaleria para os alemães a uma decisão militar alcançada no campo de batalha.

Os comandos soviéticos nesses sectores foram, por isso, confiados a personalidades que, tendo uma categoria profissional reconhecida, eram ao mesmo tempo figuras categorizadas do partido. Esta coincidência explica o carácter completamente diferente que teve a condução da guerra, por parte do exército russo, em 1941 e em 1943, por exemplo.

O sector norte estava confiado ao marechal Vorochilov, o sector central ao

marechal Timochenko e o sector sul ao marechal Budieni. Todos vinham do período revolucionário e tinham dado as suas provas de dedicação pelo regime. Vorochilov era sargento quando do movimento revolucionário de 1917 e Budieni era um oficial inferior do exército do czar. Timochenko ensaiara, nessa altura, a carreira das armas. O primeiro era, sob o ponto de vista político, o de maior categoria. Desempenhava as funções de Comissariado da Defesa (ministro da guerra) e tinha a confiança de Estaline.

Budieni era um oficial de cavalaria e ficara sempre preso às tradições da sua arma e à legenda dos cossacos que desempenharam, durante o período revolucionário, um papel importante. Dos três, era o que tinha menos significação profissional. Mas a sua fidelidade ao regime era indiscutível. Timochenko era, de todos, o que tomara mais estreito contacto com as novas teorias da guerra dando, por isso, garantias de idoneidade profissional e de competência técnica que seria difícil procurar nos seus colegas.

Os factos confirmaram esta impressão inicial. Vorochilov e Budieni foram ulteriormente encarregados de reorganizar, na retaguarda, o exército soviético. Os seus lugares apareceram ocupados por uma geração de oficiais novos, sem carreira política conhecida, mas com uma carreira profissional dedicada ao estudo exclusivo dos problemas militares.

A BATALHA DAS FRONTEIRAS

O tratado de Brest Litovsk desviara sensivelmente para ocidente as fronteiras ocidentais da Rússia, alargadas à custa da Polónia. Esse adiantamento da linha divisória que separava germanos e eslavos, aparentemente unidos por um pacto de amizade mas fundamentalmente opostos por motivos irreconciliáveis, não obedecera apenas, como já tivemos ocasião de acentuar, a propósitos políticos. Fôra essencialmente o produto de considerações de ordem militar.

O Estado Maior Russo não tivera, porém, tempo de fortificar a sua nova fronteira estratégica, e, mesmo que o tivesse tido, talvez não houvesse tentado a operação que era de molde a despertar a desconfiança dos seus vizinhos os quais, sob a pressão duma ameaça imediata e directa, talvez resolvessem mudar o curso da guerra fazendo uma paz prematura com a Grã-Bretanha, qualquer que fosse o seu custo, a fim de ficarem com os movimentos completamente livres a leste.

Nestas circunstâncias, era evidente que a defesa soviética se concentraria, principalmente, na linha Estaline. A linha de demarcação estabelecida pelo tratado de Brest Litovsk estava afastada dos principais centros de produção, tinha as suas retaguardas incompletamente apetrechadas e não oferecia em toda a sua extensão, qualquer ponto convenientemente fortificado onde pudesse articular-se uma resistência eficaz.

Como iam os atacados proceder perante este condicionalismo, e qual ia ser o procedimento dos invasores? Para os alemães, havia todo o interesse em que os seus adversários expusessem as grandes massas do seu exército numa batalha inicial na qual jogariam todos os factores que lhes eram favoráveis: proximidade das bases, extensão relativa da frente, permitindo a perfeita articulação de todos os seus sectores, ímpeto inicial, unidade de comando, frescura das forças enviadas para a luta.



Marechal von Rundstedt



Marechal von Bock



Marechal von Lub



Marechal Timochenko



Marechal Vorochilov



Marechal Budenny



Nesta guerra, a luta pelos pequenos aglomerados russos tem atingido verdadeiros lances de grande batalha. Na frente leste, esta aldeia que os comunistas designam por «N» é como outras muitas o cenário da guerra.

Numa palavra a Wehrmacht estava empenhada em fazer da batalha das fronteiras um ensaio gigantesco de guerra relâmpago com o qual aniquilaria, longe das suas posições fortificadas, a melhor parte do exército soviético (embora não fosse a maior) numa grande manobra de cerco semelhante a outras que tinha ensaiado com êxito.

A IMPORTÂNCIA DA BATALHA

A batalha das fronteiras assumia, assim, no conjunto da campanha germano-russa uma importância capital. Se ela decorresse nas condições previstas, o resto seria relativamente fácil, como tinha sido fácil a conquista da Polónia e a conquista da França, depois das batalhas de cerco de Kutno e da Flandres. As massas militares soviéticas poderiam ainda resistir durante algum tempo. Mas a sua espinha dorsal ficaria irremediavelmente quebrada. A ocupação dos grandes centros urbanos (Leninegrado, Moscovo e Kiev) seria o seguimento infalível da vitória e a desagregação do poder político e da capacidade de resistência da U. R. S. S. surgiria no decurso do outono.

Quando as divisões germânicas, na madrugada de 22 de Junho de 1941, penetraram em território russo, o comando alemão tinha uma visão clara dos acontecimentos e um objectivo preciso a atingir. A visão dos acontecimentos dizia-lhe que era necessário empregar todas as forças e todos os recursos à sua disposição para alcançar uma decisão rápida (guerra relâmpago). O objectivo a atingir era o aniquilamento da elite do exército soviético numa batalha travada na proximidade da fronteira que separava os dois países.

Os factores que jogavam a seu favor eram incontestáveis. Os alemães batiam-se na proximidade das suas bases de abastecimento, eram servidos por um sistema de comunicações inigualável e haviam cuidadosamente concentrado todas as suas energias (materiais, morais e psicológicas) para um golpe decisivo que devia ser simultaneamente o primeiro e o último. O resto seria realizado pela superioridade reconhecida do seu comando e pela capacidade manobreadora dos seus quadros. Sob o ponto de vista estratégico e sob o ponto de vista tático os triunfos com que a Wehrmacht iniciou a luta faziam prever uma decisão rápida e uma vitória fulminante. Por toda a parte, dada a natureza destas vantagens, se formara a convicção de que a campanha da Rússia, como as campanhas anteriormente conduzidas pelo Reich, seria decidida num curto prazo de tempo pela vitória das armas alemãs.

A MARCHA DAS OPERAÇÕES

O avanço inicial dos invasores fêz-se em três direcções simultaneamente. A partir da Prússia Oriental, a ala esquerda alemã ocupou Grodno (23 de Junho) Vilna e Kaunas (24 de Junho) atingindo a linha do Duna (Dvina) a 26 daquele mês. As forças russas que ocupavam a Letónia e a Lituânia ficaram assim ameaçadas de envolvimento. A partir da Polónia central os alemães atacaram em direcção a Bialistock e Minsk. A partir da Polónia e da Roménia, a ala sul do exército alemão avançando tomou Brest Litovsk (24 de Junho) e Lvov (Lemberg) a 30 do mesmo mês. Esta última cidade fôra abandonada pelos russos.

Depois de atingir o Duna, a ala esquerda alemã ocupou Riga, Libau e Windau fechando pelo sul, a península que limita a ocidente o golfo de Riga. No dia 2 de Julho, esta ala forçou a passagem do Duna e dividiu-se em dois grupos de exércitos: o primeiro sob o comando do marechal von Kuchler, progrediu para o norte ocupando Dorpat, Fellin e Pernau; o segundo, sob o comando do general Busch, e incluindo o grupo blindado do general Hoepner, marchou para leste em direcção à linha Estaline que atingiu entre Ostrov e o lago Peipus.

O centro alemão progrediu para leste em direcção à região de Bialistock

e Minsk. Comandava-o o marechal von Bock e cabia-lhe o encargo de realizar a manobra de envolvimento e de aniquilamento do principal núcleo das forças soviéticas. Este grupo de exércitos deparou, inicialmente, com certa resistência que venceu, dando-se a esse episódio o nome de batalha de Bialistock-Minsk ou batalha das fronteiras a que adiante nos referiremos mais pormenorizadamente.

A ala sul atingiu rapidamente as regiões de Rovno e Brody, actuando depois até Tarnopol com o objectivo de alcançar a zona vital do Zhitomir-Kiev. Na sua extremidade, os romenos comandados pessoalmente pelo marechal Antonescu, forçaram, em colaboração com forças alemãs, a passagem do Pruth e tomaram sucessivamente Czernovitz (Cernauti) no dia 6 de Julho e Kichinev (Chisinau) no dia seguinte, penetrando profundamente na região contestada da Bessarábia que os russos haviam ocupado no verão do ano anterior.

A MANOBRADO CERCO

No desenvolvimento da ofensiva da Wehrmacht, o lugar predominante pertencia às operações desenroladas na parte central da frente em que os marechais Bock e Timochenko opunham as suas melhores tropas ao longo da região Bialistock-Minsk. A luta para alcançar uma decisão, que decidiria no pensamento dos chefes militares alemães do conjunto da campanha, prolongou-se ao longo duma semana, de 27 de Junho a 4 de Julho. Neste último dia começaram a correr, transmitidas de Berlim, versões que chegavam aos países neutros e segundo as quais os exércitos soviéticos tinham sido cercados e aniquilados na sua maior e na sua melhor parte.

Qual era o fundamento verdadeiro destas versões? Os primeiros comunicados oficiais, publicados sob a responsabilidade do Grande Quartel General do Fuhrer davam-lhe uma confirmação absoluta. Esses comunicados tinham sido objecto de um estudo atento feito pelos peritos militares de todo o mundo durante as campanhas da Polónia, da Noruega, da França, e dos Balcãs. Não era difícil reconhecer a sua veracidade e o seu fundamento. Assim as primeiras informações oficiais que apareceram com tal selo de autenticidade, serviram apenas para confirmar a impressão geral de que a superioridade de direcção, já anteriormente afirmada noutros pontos, continuava a verificar-se na frente leste.

Sucessivamente começaram a ser revelados pormenores que contribuíam para dar uma verosimilhança absoluta à versão oficial. A batalha de Bialistock-Minsk começou assim, a ser citada como o exemplo típico da batalha de cerco e de aniquilamento, susceptível de decidir, não apenas episodicamente duma fase da campanha, mas do seu conjunto. Evocavam-se, para dar maior actualidade a esta versão, exemplos concretos tirados da guerra actual e de guerras anteriores, e os grandes capitães da antiguidade e dos tempos modernos eram invocados com o seu exemplo ou com o seu testemunho escrito, para documentar toda a importância estratégica das manobras deste género que os exércitos modernos, apoiados em meios materiais incomparavelmente mais poderosos, são susceptíveis de realizar em escala sem precedentes. A imprensa de todo o mundo deu a confirmação dos seus abalizados peritos ao carácter oficialmente emprestado à batalha das fronteiras.

OS ANTECEDENTES HISTÓRICOS

No dia 13 de Julho o «Voelkisher Beobachter», órgão oficial do partido nacional-socialista, escrevia o seguinte: «Não são os ganhos territoriais que se tornam necessários para o exército alemão, é o aniquilamento completo das forças do inimigo. A grande batalha de cerco, travada na região de Bialistock-Minsk,

(Continua na pág. 30)

ESCRITÓRIO

(Continuação da pág. 32)

duma velha tia, Marcos foi obrigado a olhar a rua, a olhar as casas e os gestos, a ouvir as palavras, a beber os barulhos e os ruídos abstractos da ganhalha toda do seu matiz. No seu espirito em embrião principiaram a forjar-se equívocos de inteligência que mais tarde iam provocar o discernimento das coisas reles e das coisas belas. Nada como observar um gesto para concluir um génio. Ajudado pela mãe, comendo a expensas do seu trabalho penoso, ele conseguiu compreender a altura da sua adocência, que tinha de esboçar uma luta. A luta profissional do pão pelo esforço dispendido, a luta da consciência pela moral nata que o envolvia todo.

— Oh! seu Marcos! Seu Marcos! Isso mais rápido...!

Palavras selvagens, ditas em surdina, arregaçadas dum ódio oriental, traçoceiro, que os seus ouvidos captavam.

— Seu Marcos, han! Tal é isto...!

Ironias. Sempre mais ironias. Não agüentava tanto. Mesmo que quisesse não podia ouvir a ladainha asquerosa daquela voz atrada contra si como um chicote. O mundo era uma coisa sem sentido, mesmo louca, grotesca, desvairada. Via-se. Aquilo... O Rui trapaças, gerente duma casa francesa, senhor do seu futuro, rei da sua vontade. O Aurélio, o Luizinho e quejandos a viverem à custa da ignominia. Não podia olhar sossegadamente o passado sem perceber a enorme distância que o separava do seu destino. Batalhar para quê? Sacrificar-se para quê? Nada! Só o silêgio duma derrota a bamboar-lhe a alma.

— O Sousa bem lhe dizia:

— A vida é assim...

— O Mendes bem o animava:

— Cautela...

Dois amigos. Duas sentenças.

Mas no fim de tudo, farsa. Tudo a mesma comédia engendrada pelos mesmos autores e representada por toda a gente. Ao fim, ao fim, a mesma odisséia, o mesmo acanhamento humano, a mesma estupidez animal e pueril.

— Marcos, Marquinhos, meu filho...

Al estava. Al estava o tópic da morte dito por uma garganta na agonia. Só estas palavras breves, inclisivas, que desafiavam todas as trações:

— Marcos! Marquinhos, meu filho...

Nem mais um suspiro. O corpo baqueou repentinamente para o lado num gesto cansado de herolma moderna. Era assim o exotismo proceloso da vida errante apresentada a seus olhos como a mueda de lances mais cegos e mais ferozes.

Diluído num montão de desassossegos, acudido pelas torpezas dos momentos raros, Marcos punha em contraste o amor com o ódio. Coisas eternas, quasi boçais, à força de serem debatidas pelos puristas e pelas almas. Dum lado, a fé num Cristo verdadeiro, — uma confiança que se dava toda às exigências dum sentimento puro. Do outro lado o sópro dum vendaval rústico que apavorava povos, envenenava caracteres — exaltava desejos mal pensados.

— Seu Marcos...

— Meu filho...

Dum lado o prazer sádico do mal refundido no eco duma gargalhada mal sonante. Do outro lado, a exaltação duma fraqueza estrangulada pela impotência.

Dualidade, lutas tórvas, paradoxais, promiscuidas.

— A factura deste homem está errada. Não pode ser!... Assim não, não serve!...

— Meu filho... filho... filho...

— Oh!...

Mas calara-se. O sangue subira-lhe às faces numa raiva estrábica e o murmúrio complacente duma voz interior gritou-lhe calma. Olhou à frente. O Sousa macambúzio. O Mendes macambúzio... O Aurélio a rir. A rir à sucapea, por prazer, como os coherdes. O Luizinho ameninado numa glória de pavonetos. O pior, o pior deles todos. Tal e qual o Rui. Comiam da mesma gamela, do prato sujo da mesma moral depravada.

Numa transição pensou em Cristo. E apanhou-se a compôr: Para quê?

sacrifício mais heróico de todos os tempos? Onde reinava a solidariedade de irmãos, o divagar de penitências, o amor sem mazelas, a concórdia, o sentimento? Irmãos! Irmãos! Davo dó falar assim... Pobre Cristo, imagem da dor, reflexo da bondade. Irmãos! Irmãos! E na Galileia a sua bôca atormentada esplendia virtude, virtude em holocausto das gerações vindouras.

No rio das suas mágoas, vácuo. Tudo vácuo, afecções, degenerações, bazar de injustiças, embustes, invejas, mal-querenças.

Escrítório! Nunca uma palavra lhe enchera tanto o pensamento, como a magnitude duma realidade, o ponto culminante da luta acesa, sem tréguas, que travava sem esperança em pról duma migalha de vida.

— António! Leva o expediente lá dentro. — Ordenou o Sousa.

Marcos acordou do seu divagar e viu o rapaz que corria à gerência sobrando o correio para assinatura. Até aquele. Até o paquete se punha de cara triste, com pena. Humilhado em frente de todos por causa de homens que falavam por engano e pensavam por milagre. Cansado, sem personalidade, escondido na própria juventude sem calor e sem audácia.

— Marcos! Meu filho...

Coisa estranha, esse farfalho já passado acordou nele a reminiscência dum orgulho apoteótico. Sentiu-se mais homem, herdado dum ardor de combate. A tia vivia da costura e duma coisa que tinha em casa. O irmão, olhos parados, corpo parado, vida parada, era um morto que vivia de piedades... Ele... êle...

Não foi capaz. Não quis saber do futuro que o segurava numa célula desprendida. Atirou o pisa-papéis contra o sobrado e arrancou uns passos vigorosos contra a porta da gerência.

O Sousa ainda deu um grito rouco: — Oh! Marcos, Marcos veja lá isso...

— O Mendes nem dizia palavra. Ficou varado. Até o Aurélio se pôs de bôca aberta, emudecido de surpresa e só o Luizinho sorriu um contentamento animal. Os empregados das secções das portas e pneus vieram espreitar às portas com caras de ancos mal comidos.

Alteração, seguida dum curto silêncio de tragédia.

— Vir aqui. Entrar aqui!...

— O Mendes foi-se chegando, a prevenir cautelas.

— Eu dou-lhe dois tiros na cara, seu Rui. Eu dou-lhe dois tiros na cara, seu pulha!

— Oh! gente!...

— O Mendes correu a enlaçar Marcos pela cintura, desfilando o apaziguamento:

— Deixa-te disso, Marcos! Oh! Marcos! Então...

O homem contorcia-se.

— Seu pulha, seu canalha!

O outro esbracejava a decisão da última hora.

— Já na rua. Vir aqui!...

— Seu bandido...!

— Oh! Marcos...

— Rua! Já na rua!...

Uma vida encostada de repente ao Mundo que girava. Um dia lindo, com andorinhas à volta do espaço em cata de alegria e um sol risonho a beijar o Mundo.

Solidão. Torpôr. Horizontes carregados de luz, com jasmims nos vasos das janelas e um céu azul a denunciar ternura.

Só. Olhos atirados contra a nésga de céu que explendia para o escaninho duma travessa suja. Peito sumido num silêncio razo.

— Meu filho...

A única coisa sã, como a vida de Cristo, que o prendia, como a uma obsessão, àqueia paragem.

O irmão. O irmãozão... Ah! sensibilidade, sensibilidade...

Mas mesmo assim sentiu uma loucura. Desejou rir às gargalhadas ao pé de monstros como o Rui, como o Luis e como o Aurélio, chorar convulsivamente ao pé dum cão vadio e depois morrer por qualquer parte.

Até o dia. Mas para quê? Sim, para que serviam ditas dumaques tão coloridos e risonhos, se a sua alma tinha sido espelhada à esquina duma traição?!

O TEATRO PROFISSIONAL NOS ESTADOS UNIDOS

(Cont. da pág. 25)

o estilo desprezencioso da sua obra, exerceram uma poderosa influência sobre os outros dramaturgos, da mesma forma que Ernest Hemingway inaugurou um novo capítulo na literatura.

O teatro frívolo constituiu outro aspecto notável da cena americana. As extravagâncias de Florence Ziegfeld e Earl Carroll, apresentando belas raparigas sem espectaculosas revistas, atingiram a sua máxima popularidade no início da segunda vintena deste século. Entretanto, o cinema começou a fazer sentir a sua força e as revistas passaram a apresentar menos opulência e mais espirito e suavidade.

O teatro de «vaudeville», tão popular na América no tempo de Tony Pastor, em 1890, perdeu as graças do público, uma vez que o cinema e a rádio apresentavam novas formas de divertimentos. Contudo, a sua influência ainda se faz sentir profundamente no cinema e na rádio.

Mais ou menos pelo mesmo tempo, o teatro burlesco começou também a desinteressar o público. O New-York Hippodrome, conhecido circo por cujas portas passaram milhões de pessoas, desde a sua inauguração em 1905, viu-se obrigado a encerrar. Os «showboats» (barcos-casas de espectáculo, que levaram o teatro até aos mais inhóspitos pontos situados nas margens dos rios), tão populares especialmente no sul, apenas deixaram o seu eco romântico no mundo dos divertimentos. Nos princípios deste século, os «showboats» do Mississippi e outros rios, deram a conhecer o teatro a pessoas que, doutro modo, nunca o veriam. Alguns dos melhores dispunham de acomodações para 1.400 a 2.000 pessoas; podiam apresentar as melhores peças do momento, bem cuidadosos espectáculos de circo ou os melhores cantores e dançarinos do país. O «Lovin' Kate», que ardeu em 1927, foi um dos últimos «showboats» do Mississippi, cuja memória se perpetua na comédia musical, no cinema e na rádio.

NOTA SÉRIA

O teatro americano cêdo tomou um aspecto sério com a representação de obras de dramaturgos como Maxwell Anderson que emprega os métodos clássicos — para exprimir idéias modernas; Thornton Wilder, o autor das famosas peças «A Nossa Cidade» e «The Skin of our Teeth», Robert E. Sherwood, o propagandista dos Ideais democráticos em «The Idiot's Delight» e «Abe Lincoln in Illinois», William Saroyan, cujas peças ainda que algumas vezes criticadas por despidas de estilo, possuem um elevado grau de calor emocional; Clifford Odets o grande dramaturgo que soube re-

tratar com superior visão, a vida da classe operária; e Lincoln Hellman, cujas obras intituladas «Natch on the Rhine» e «Raposa Matreira», construíram dinâmicas contribuições para o teatro contemporâneo.

O teatro ligeiro — farsa, melodrama e comédia — tem sido sustentado pelas obras de George S. Kaufman-Moss Hart, S. N. Behrman, Edna Ferber, Zoe Akins, Clare Booth e pelas sátiras inglesas de Noel Coward, uma das contribuições que, através do constante intercâmbio teatral anglo-americano, os britânicos proporcionaram aos Estados Unidos. Certo aspecto original, tal como o que Orson Welles introduziu em «Dr. Fausto» e «Júlio César», com guarda-roupas modernos, é sempre recebido pelo público com agrado.

O actual conflito fez sentir os seus efeitos na Broadway pois, geralmente as peças tiradas da guerra não calram muito nas graças do público, exceptuando, é certo, algumas como, por exemplo, «The Eve of St. Marks», de Maxwell Anderson, sobre a heróica defesa das Batangas e «What Price Glory». Há ainda a revista musical «This is the Army» — Este é o Exército — que constitui um dos maiores êxitos da temporada teatral de 1942, uma vez que foi presenciada por 1.500.000 pessoas, de cujas entradas se conseguiram 2.000.000 de dólares para beneficiar o exército.

PARA AS FORÇAS ARMADAS

Tal como a Grã-Bretanha, a Rússia e a China, os Estados Unidos não se esquivam de proporcionar divertimentos aos seus valorosos soldados. Assim, o Uplifted Service Organisation Camp Shows (organização teatral civil colocada sob a super-visão do exército), apresenta espectáculos em 1.336 postos militares, acampamentos e bases navais — além de vários postos avançados — não só nos Estados Unidos como no estrangeiro. Desde que a América entrou na guerra, mais de 20.000.000 de homens presenciaram êsses espectáculos. As companhias são profissionais, recrutadas dentre os melhores artistas do país. Os artistas são enviados para os mais distantes teatros de guerra, havendo já cinco casos de actores mortos no cumprimento do seu dever.

O Stage Door Canteen, a popular cantina onde se retinem, na Broadway, os soldados em gozo de licença, apresentou já 15.000 actores e músicos que interpretaram 1.093 actos. A sua sucursal de Chicago, por seu turno, organizou 558 espectáculos, com um total de 1.359 actos. Além desta, as sucursais de Washington, Cleveland, Newark, Filadélfia e S. Francisco, também se mantêm bastante activas. Estas cantinas são muito populares, entre os soldados e marinheiros de todos os países.

A junta ao teatro profissional, ainda há o teatro para soldados, desempenhado por êles próprios, que encontram a sua expressão máxima na revista musical de Irving Berlin, intitulada «This is the Army». A maior parte das peças são, contudo, escritas pelos homens de uniforme, muitos dos quais eram profissionais antes da guerra. Os rapazes adoram este género de divertimento e, assim, muitas vezes se improvisam peças que êles desempenham com grande animação, esquecendo-se por momentos da guerra próxima.

A maior parte dos dramaturgos profissionais dedica-se, neste momento, a escrever peças para as forças armadas e, se bem que as luzes de Broadway já não brilhem com o mesmo esplendor do passado, o espirito teatral americano ainda vive, para se revelar de novo, com mais força e maior expressão nacional, logo que termine a guerra.

Não salte por cima das



ORA a V. Ex.ª CONVEM-LHES o CASULO Limpa-Fatos

porque: dá aos fatos outro aspecto e maior duração, deixando-os como novos; tira-lhes lustro, nódoas, mau cheiro, desinfecta-os e limpa-os.

Produto maravilhoso, síntese de 6 substâncias químicas inofensivas, actua sobre os tecidos, renovando-os. Cada pacote custa apenas 2000 e dá para 1 litro de soluto.

Em todas as drogarías.

Revenda: SCHROETER & ALMEIDA Rua da Madalena, 128, 2.ª — LISBOA



NOTAS DE GUERRA



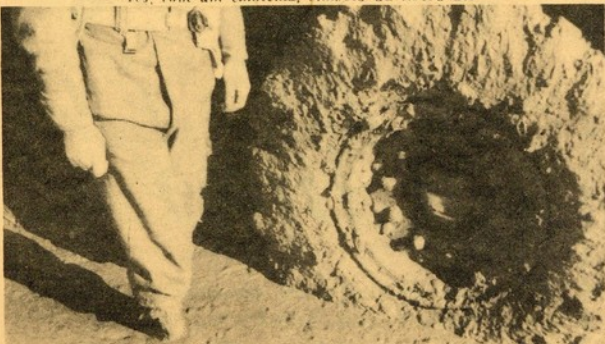
Quem será capaz de imaginar toda a extensão da luta que está a desenvolver-se no Pacífico? A distância e a geografia como que criam espaços intransponíveis à nossa compreensão. De modo que a luta no Pacífico é qualquer coisa de vago, de irreal. No entanto, a guerra ali é feroz, porque a natureza é agreste e os homens não são melhores do que em qualquer outra parte. Nas ilhas Gilbertas, os soldados de infantaria da marinha americana capturaram este soldado japonês, durante a dura batalha de Tarawa.



Hitler determinou que Rommel inspecionasse as obras de defesa alemãs na Noruega e na Dinamarca, onde o lutador de África visitou o quartel general do marechal Rundstedt. À esquerda da foto vê-se também o general Hanneken, comandante-chefe das forças de ocupação na Dinamarca.

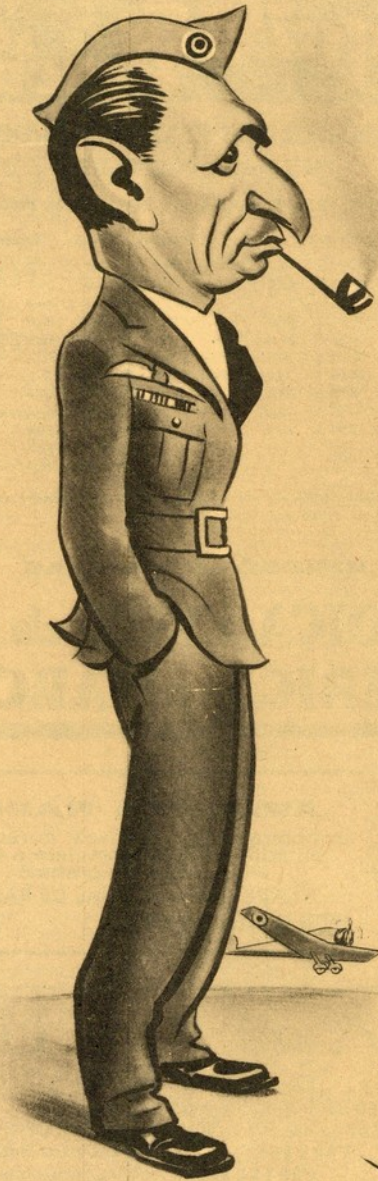


No segundo plano da foto, vê-se o pequeno barco utilizado por este grupo de patriotas lugoestavos, fugidos, à diaz, a caminho de Itália, através do Adriático. Os homens vestem fardas azuis e cêspis na mesma cor, igual ao das mulheres, com um emblema, símbolo da liberdade.



Quando não deparam com montanhas altas, quasi intransponíveis, os soldados do 8.º exército têm que lutar com a lama, porque as estradas estão intransitáveis, depois de oito meses de bombardeamentos.

FIGURA DA VIDA MUNDIAL



MARECHAL TEDDER — Eis uma figura do exército britânico, popularizada pela guerra. Alto, magro, como a tradição impõe a um bom britânico, o marechal do ar, A. W. Tedder, hoje 2.º comandante da segunda frente em perspectiva, foi comandante da R. A. F. no Extremo Oriente, director geral da secção de investigações e explorações do Ministério do Ar, e, ainda, lugar-tenente do comandante da R. A. F. no Médio Oriente, a partir de Novembro de 1940. Mais tarde, ocupou o cargo de primeiro comandante da R. A. F. na mesma região, substituindo, assim, a marechal-chefe do Ar, Sir Arthur M. Longmore, que foi nomeado inspector geral da R. A. F. A sua carreira, larga e brilhante, não terminou, porém, aqui. Não obstante ter pouco mais de 50 anos, a fôlha de serviços é larga e valiosa, pelo que representa de serviços prestados à pátria. A sua acção no Mediterrâneo, como comandante das forças aéreas Aliadas, há-de ficar como uma das melhores razões do êxito anglo-americano, para o ataque à Europa.

ESCRITÓRIO

CONTO DE ANTUNES DA SILVA

DESENHO DE RUDY

A despeito daquilo tudo, Marcos continuou no trabalho. O colega Mendes chegou-se ao pé e ciciou-lhe a íntima camaradagem de toda a vida. Marcos encolheu os ombros, fechou mais os lábios e não disse nada.

— Tem paciência, pá! A vida é assim...
— É assim, é... — reforçou o velho Sousa dactilógrafo do fundo da casa.

O chefe veio à porta a bocejá-lo enfado da sua antipatia:

— Ó seu Marcos, ó seu Marcos, está ali um cliente à espera há que tempos!... — E a repetir, olhos nos olhos, a bambolear as pernas gordas: — Há que tempos!...

— Vou já, senhor Rui.
E o empregado, lesto, correu ao «guichet», a consumir uma interrogação.

Veio ao livre de contas-correntes, soumo, conferiu e deu o tópicio ao velho Sousa.

— Cento e cinquenta a crédito, seu Sousa. Guias de remessa n.º 42 e 58. Paga já!

A máquina ensaiou o prólogo da conta e o Marcos foi ao pé do homem registar um disfarce.

— Vocelência já sabe que chegou hoje ao nosso armazém arame para enfardar?
— Ah! sim. A como?
— Cento e dez...
— Eh! lá. Isso agora está pelos olhos da cara!...

— Bem vê, artigo de fora, senhor Contente, artigo de fora...
Ao fundo, o Sousa gritou-lhe um nome, e éle solto:

— Um momento, se me dá licença...
Tornou depois ao «guichet», o homem pagou, sorriu, apertou-lhe a mão e foi-se embora.

Sentado à secretária, a remoer na vida que levava, Marcos suspirou o futuro do seu prestigio.

Dura. Muito dura a vida daquele ambiente. Por não adular, por não vender a alma ao primeiro imbecil que lhe barrava o caminho, Marcos não passou daquele vencimento: seiscentos escudos mensais.

Fazia o conta-corrente e não o aumentaram naquele ano. Em contrapartida estava o homem dos trigos, que passava um mapa por dia, coisa de meia hora, faltava tardes inteiras ao escritório e pulava para oitocentos. É que a diferença que havia entre éle e o Aurélio era que éle cumpria a sua obrigação consoante as ordens de serviço emanadas da gerência, e o Aurélio andava sempre de «água e pucarinhos» com o senhor Rui. É que o senhor Rui falara em negócios no mercado negro das hipotecas e o Aurélio começara na vida vendendo amor a uma velha ricaça.

Éle, bem visto, não desejava mal a ninguém. Trabalhava, cumpria, e recolhia-se à esperança dum futuro mais livre para compor o futuro dum irmãozilo paralítico. Entrara naquele emprego porque tivera a coragem de ir a Lisboa pedir justiça à sua prova de concurso.

O senhor Rui queria lá meter dois «afilhados», e o concurso fóra uma palhaçada. Espalhavam esperanças para dar dissabores.

Depois de fazer a prova do concurso constatou que um dos concorrentes era fraco em matéria de números, tinha uma caligrafia péssima e escrevia erros como os meninos. O pai era doutor formado em leis, sem nenhum talento para o foro, e que mais tarde se dedicara à agricultura.

Como o filho não desse nada nos estudos, lembrou-se de empregá-lo na Casa Collet. Coisa de pouca monta. Um pedido ao gerente Rui, que gostava de fazer favores a homens banais que tivessem antes do nome próprio a palavra doutor; umas risadas brincalhonas aos ouvidos de outros amigos do Rui e... pronto, affiançaram-lhe que o rapaz teria lugar garantido.

No concurso, o outro preguntara-lhe a medo: — Quatro escreve-se com c ou cecidilhado?... — Nem com uma coisa nem com outra. Escreve-se com q...
— Ah...
Vai, passou-se o concurso, e o Simão em primeiro lugar. Éle excluído. Ficou pasmado. Uma

coisa assim... Não havia direito, era indecente... Reagiu. Pensou ir a Lisboa falar com o proprietário da casa e contar-lhe o caso.

Uma tia advertira-o com as palavras peculiares das almas tímidas:

— Deixa, ora... Eles fazem o que bem querem. Deixa, deixa vistas p'ra outras bandas!...

— Mas ó tia Bárbara. Não há direito! É indecente porco, cheira mal! Se sabem quem lá fica, p'ra que fazem concursos? P'ra que andam a espalhar esperanças para depois nos darem dissabores!?

— Pois é, mas...
— Mas é que vou a Lisboa mesmo! Sempre quero ver se ainda há consciência no meu país!

— Ora...
— Já está vocemecé com medos, com oras e mais oras. Então não vê que o rapaz que ficou em primeiro lugar escreve quatro com c!...

— Tshili!...
— Com c, veja lá...
Marcos andou até Lisboa a falar com um senhor engenheiro Rodrigues, secretário geral do patrião Collet, que logo lhe mostrou a veemência da sua simpatia: «que sim, que tinha razão, que fosse embora e esperasse»...

Veio para a terra com a alma em festa, e daí a duas semanas encontrava-se uma ordem de serviço na sala de escritório da sucursal castigando o senhor Rui com 5 dias de trabalho sem vencimento. E éle chamado para o lugar. Celeuma. Em toda a cidade provinciana, engalanada de episódios quasi sempre iguais, o gesto honrado do francês provocou conversas e aplausos. «Assim, assim, é que o mundo se indreitava. Justiça a quem a merecia, razão a quem na tinha!».

Mas o senhor Rui, em seu íntimo já de si verrinoso, é que construiu o futuro dum viangaça. Logo no primeiro dia da admissão de Marcos constatou uma vontade inferior. Dando uma preleção aos seus subordinados — ao todo dezóito — impôs, para bom andamento do serviço, o mínimo de conversa e o máximo de atenção. Actuava. Castigava ou premiava conforme os casos. Que não podia consentir desleixo nem fraquezas. A sucursal todos os anos tinha que apresentar saldos concretos, maneira de negociar convincente. Por isso exigia ordem, diligência, zéio.

Marcos ouviu o homem e sentiu que tinha o futuro nas mãos d'ele. Com uma mesura pediu licença para lhe dirigir a palavra, e o senhor Rui, rispido, austero, numa voz rápida:

— Que não tinha nada a dizer! Que fosse tomar a secretária.

— E olhando o Mendes: — O Mendes elucide esse numero no serviço que vai principiar a fazer: contas-correntes com os clientes e com a sede.

— Sim, senhor Rui! E saíam.

O senhor Sousa compreendia plenamente aquela luta. Era velho, muito habituado a ver sol, a ver chuva e os homens a rir, a chorar e a morrer. Sabia mundo.

— Senhor Marcos, tenha lá paciência! Conforme-se...
— Oh! senhor Sousa. Lá conformar-me, conforme-me. Mas não leu

o relatório, o veneno do relatório? Acusar-me de falta de espírito de iniciativa, de indisciplina, de sei lá...
— Tá bem! Eu compreendo. Mas deixe andar. Cumpra ainda mais, obedeça, finja compreensão...

— Mas, senhor Sousa, eu obedeco, eu cumpro, eu finjo tudo. O que não posso é ficar sereno ante uma acusação tão descahida e infundada! Lesar-me a dignidade, humilhar-me as minhas primárias qualidades de operário!

— Mas em toda a parte há gente desta, seu Marcos. Vaidades, ignorâncias, egoísmos. Esqueça. É o melhor!...

— Esquecer...
E Marcos punha-se a somar nervosamente uma coluna de números, sem domínio de si próprio. A coisa mais custosa que a vida pode dar a um homem é a intriga dum labéu. Ninguém lhe dizia: fraze isto. Éle apeteia-lhe lutar cara a cara, frente a frente, com os antigos. Mas o século estava corrompido de medo, de afecção!... Pediu uma agramadeira ao paquete e foi ajuntando as facturas seladas no cesto quadrangular.

Não obstante o seu temperamento exaltado nunca tivera uma discussão com qualquer colega. Nunca pedia uma dispensa, trabalhava fora de horas, às escondidas do fiscal do trabalho e o senhor Rui tivera a grandeza dum discussão ligeira para lhe zurzir a moral: indisciplina!...

— O senhor Marcos não responde, han! É que não lho admitto, não lho consinto, percebeu!?

E elevava-se ágilmente da cadeira com as faces congestionadas pelo reflexo do seu ódio fáci!

— Mas, senhor Rui...
— Já lhe disse, cale-se!
Fronto. Só aquilo. No fim do ano, quando já tinham passado mais de sete meses sobre aquela cena, tivera a paga: indisciplina!...

Via-se claramente que era perseguido. Sem nenhuma dúvida, e sua razão repelia a maldade cínica daquele homem fátuo. A sua consciência, anuindo ao sacrifício da sua vida dependente, compunha-lhe um ânimo predisposto às lutas eventuais.

Fugindo ao futuro que o apupava recordou a fita ainda recente do seu passado. Menino dum maezinha que o rodeava de mimalhos e lhe escondia as realidades da vida, Marcos surpreendeu-se quando o pai morreu e a mãe foi para professora dum casa rica. Sózinho, a maior parte dos dias sem ternuras nem cuidados de vulto, entregue aos olhares dolentes

(Continuação da pag. 23)



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: R. DA EMENDA, 69, 2.ª — LISBOA — TEL. P. B. X. — 25844